



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no ato político de celebração aos 15 anos do Foro de São Paulo**

**São Paulo-SP, 02 de julho de 2005**

Meus queridos companheiros e companheiras dirigentes do Foro de São Paulo que compõem a mesa,

Meus queridos companheiros e companheiras que nos estimulam com esta visita ao 12º Encontro do Foro de São Paulo,

Não preciso ler a nominata toda, porque os nomes já foram citados pelo menos três vezes. E se eu citar mais uma vez, daqui a pouco alguém vai querer se candidatar a vereador ou a prefeito, aqui, em São Paulo.

Primeiro, uma novidade: sabem por que a Nani está sentada lá atrás? Porque há poucos dias o Brasil ganhou da Argentina e ela não quer ficar aqui perto da mesa.

Meus companheiros, minhas companheiras,

Como sempre, eu tenho um discurso por escrito, como manda o bom protocolo da Presidência da República, mas, como sempre também, eu tenho uma vontade maluca de fazer o meu improviso.

E eu queria começar com uma visão que eu tenho do Foro de São Paulo. Eu que, junto com alguns companheiros e companheiras aqui, fundei esta instância de participação democrática da esquerda da América Latina, precisei chegar à Presidência da República para descobrir o quanto foi importante termos criado o Foro de São Paulo.

E digo isso porque, nesses 30 meses de governo, em função da existência do Foro de São Paulo, o companheiro Marco Aurélio tem exercido uma função extraordinária nesse trabalho de consolidação daquilo que começamos em 1990, quando éramos poucos, desacreditados e falávamos



muito.

Foi assim que nós, em janeiro de 2003, propusemos ao nosso companheiro, presidente Chávez, a criação do Grupo de Amigos para encontrar uma solução tranqüila que, graças a Deus, aconteceu na Venezuela.

E só foi possível graças a uma ação política de companheiros. Não era uma ação política de um Estado com outro Estado, ou de um presidente com outro presidente. Quem está lembrado, o Chávez participou de um dos foros que fizemos em Havana. E graças a essa relação foi possível construirmos, com muitas divergências políticas, a consolidação do que aconteceu na Venezuela, com o referendo que consagrou o Chávez como presidente da Venezuela.

Foi assim que nós pudemos atuar junto a outros países com os nossos companheiros do movimento social, dos partidos daqueles países, do movimento sindical, sempre utilizando a relação construída no Foro de São Paulo para que pudéssemos conversar sem que parecesse e sem que as pessoas entendessem qualquer interferência política. Foi assim que surgiu a nossa convicção de que era preciso fazer com que a integração da América Latina deixasse de ser um discurso feito por todos aqueles que, em algum momento, se candidataram a alguma coisa, para se tornar uma política concreta e real de ação dos governantes. Foi assim que nós assistimos a evolução política no nosso continente.

Certamente não é tudo que as pessoas desejam, se olharmos o ideal do futuro que queremos construir, mas foi muito, se nós olharmos o que éramos poucos anos atrás no nosso continente. Era um continente marcado por golpes militares, era um continente marcado por ausência de democracia. E hoje nós somos um continente em que a esquerda deu, definitivamente, um passo extraordinário para apostar que é plenamente possível, pela via democrática, chegar ao poder e exercer esse poder. Esse poder que é construído no dia-a-dia, esse poder que é construído a cada momento com muita dificuldade. Mas,



quando exerce o cargo de presidente da República de um país, ele não será lembrado apenas pela quantidade de obras que conseguiu realizar ou apenas pela quantidade de políticas sociais que ele fez.

Eu tenho feito questão de afirmar, em quase todos os pronunciamentos, que a coisa mais importante que um governante pode fazer é estabelecer um novo padrão de relação entre o Estado e a sociedade, entre o governo e as entidades da sociedade civil organizada. E consolidar, de tal forma, que isso possa ser duradouro, independente de quem seja o governo do país.

E é por isso que eu, talvez mais do que muitos, valorize o Foro de São Paulo, porque tinha noção do que éramos antes, tinha noção do que foi a nossa primeira reunião e tenho noção do avanço que nós tivemos no nosso continente, sobretudo na nossa querida América do Sul.

Todas as vezes que um de nós quiser fazer críticas justas, e com todo direito, nós temos que olhar o que éramos há cinco anos atrás na América Latina, dez anos atrás, para a gente perceber a evolução que aconteceu em quase todos os países da nossa América.

E eu quero dizer para vocês que muito mais feliz eu fico quando tomo a informação, pelo Marco Aurélio ou pela imprensa, de que um companheiro do Foro de São Paulo foi eleito presidente da Assembléia, foi eleito prefeito de uma cidade, foi eleito deputado federal, senador, porque significa a aposta decisiva na consolidação da democracia no nosso país.

Se não fosse assim, o que teria acontecido no Equador com a saída do Lucio Gutiérrez? Embora o Presidente tenha saído, a verdade é que o processo democrático já está mais consolidado do que há dez anos atrás.

O que seria da Bolívia com a saída do Carlos Mesa, recentemente, se não houvesse uma consciência democrática mais forte no nosso continente entre todas as forças que compõem aquele país?

A vitória de Tabaré, no Uruguai: quantos anos de espera, quantas derrotas, tanto quanto as minhas. Ou seja, a paciência de esperar, de construir,



de somar, de estabelecer políticas que pudessem consolidar, definitivamente, não apenas a vitória, mas tirar o medo de muita gente do povo, que se assustava quando imaginava que a esquerda pudesse ganhar uma eleição.

O que significa a passagem da Argentina? Num momento em que ninguém queria ser presidente, o Duhalde assume e consegue, em dois anos, não só começar a recuperar a economia da Argentina, como consegue eleger um sucessor com a personalidade do presidente Kirchner.

Os chilenos, depois de tantas e tantas amarguras, num período que muita gente não quer nem se lembrar, estão agora prestes a, pela quarta vez consecutiva, reeleger um presidente, eu espero que uma presidente, ou seja, uma mulher presidente daquele país. Isso não é pouco, isso é muito.

E o que nós precisamos é trabalhar para consolidar, para que a gente não permita que haja qualquer retrocesso nessas conquistas, que são que nem uma escada: a gente vai conquistando degrau por degrau. E, às vezes, até paramos um pouco num degrau para dar um passo um pouco maior, porque se tentarmos dar um passo muito grande poderemos cair, nos machucar e a caminhada retrocederá.

O Foro de São Paulo, na verdade, nos ensinou a agir como companheiros, mesmo na diversidade. A coordenação do Foro de São Paulo, que envolvia parte das pessoas que estão aqui, não pensava do mesmo jeito, não acreditava nas mesmas profecias, mas acreditava que o Foro de São Paulo poderia ser um caminho. E foram inúmeras daquelas reuniões que ninguém quer participar, às vezes, pegar um vôo, andar quatro, cinco horas de avião e parando três, quatro vezes para chegar num lugar e encontrar meia dúzia de companheiros para se reunir. E esses companheiros que tiveram a coragem de assumir essa tarefa, eu acho que hoje podem estar orgulhosos, porque valeu a pena a gente criar o Foro de São Paulo.

No começo, eu me lembro que alguns partidos nem queriam participar, porque acharam que nós éramos um bando de malucos. O que não faltava



eram adjetivos. E quanto mais perto as pessoas iam chegando do poder, mais distantes iam ficando do Foro de São Paulo.

A minha vinda aqui, hoje, é para reafirmar uma coisa: a gente não precisa esquecer os nossos companheiros quando a gente ganha uma eleição para presidente da República. A gente precisa continuar tendo as nossas referências para que a gente possa fazer cada vez mais e cada vez melhor. E é isso que eu quero fazer como exemplo, ao sair de Brasília e vir aqui.

Vocês sabem que eu não posso brincar o tanto que eu já brinquei, as coisas que fazia nos outros, porque quando nós começamos o Foro de São Paulo, a gente ficava implorando para ter um jornalista e não tinha nenhum. E hoje tem muitos e eu já não posso fazer as brincadeiras, eu não posso fazer o que fazia antes e nem dizer tudo o que eu dizia antes.

Mas uma coisa eu quero que vocês saibam: valeu a pena acreditar em nós mesmos e saber que nós vamos levar muitos anos, muitos... Nós não conseguiremos fazer as transformações que acreditamos e por que brigamos tantos anos em pouco tempo. É um processo de consolidação.

Eu estava vendo as imagens do primeiro encontro e fico triste porque a velhice é implacável. A velhice parece que só não mexe com a Clara Charf, que é do mesmo jeito desde que começou o primeiro Foro, mas todos nós, da mesa, envelhecemos muito. Espero que tenha valido a pena envelhecer, Marco Aurélio. Eu me lembro que eu não tinha um fio de cabelo branco, um fio de barba branca e hoje estou aqui, todos estão, de barba branca.

Meus companheiros,

Eu estou feliz porque vocês acreditaram. Reuniões que não eram fáceis, difíceis, muitas vezes as divergências eram maiores que as concordâncias e sempre tinha a turma que fazia o meio de campo para contemporizar, procurar uma palavra adequada para que não houvesse nada que pudesse criar embaraço para o Foro de São Paulo.

Eu quero dizer uma coisa para vocês: não está longe o dia em que o



Foro de São Paulo vai poder se reunir e ter, aqui, um grande número de presidentes da República que participaram do Foro de São Paulo.

As coisas caminham para isso. Nós aprendemos que a organização da sociedade é um instrumento excepcional e nós aprendemos que o processo democrático pode garantir que a gente concretize esses sonhos nossos.

No Brasil, eu espero que o PT tenha preparado para vocês os informes que vocês devem levar para os seus países, e é importante que o Foro de São Paulo consiga que os outros países apresentem também as coisas que estão acontecendo em cada país, para que a gente vá consolidando os avanços das políticas sociais que tanto nosso povo precisa.

Esses dias eu estava assinando, ou melhor, sancionando o Fundo de Habitação Popular, lá em Brasília, e não tinha me dado conta de que, quando foi falar o líder do povo, que luta por habitação no Brasil, ele não agradeceu a lei que vai criar o Fundo, ele não fez menção. A coisa mais importante para ele não era o fato de termos criado uma lei que criava um fundo de moradia; a coisa que mais o marcou no discurso é que era a segunda vez que ele tinha conseguido entrar no Palácio de governo do Brasil. E aí a minha memória voltou a 1994, o Marco Aurélio estava comigo, quando eu fui visitar o Mandela. Na porta do Palácio tinha um monte de pessoas, mulheres e homens, andando felizes. E eu perguntei para o Mandela: o que essa gente faz aqui, desfilando? Ele falou: “Lula, essa gente era proibida de passar na frente do palácio, portanto, hoje eles vêm aqui. Só o fato de eles entrarem no recinto do Palácio, tem muitos que choram, tem muitos que querem colocar a mão na parede. E se eu estiver perto para tirar fotografia”, me dizia o Mandela, “então, isso é a realização máxima.”

Além disso a nossa relação, e é o Dulci que cuida da relação com o movimento social, eu penso que não existe, na história republicana, ou não sei se não existe na história da América do Sul, algum momento em que o movimento social esteve tão próximo das relações mais saudáveis possíveis



com o governo do que nós temos hoje.

Vejam que os companheiros do Movimento Sem-Terra fizeram uma grande passeata em Brasília. Organizada, muito organizada. E todo mundo achava que era um grande protesto contra o governo. O que aconteceu? A passeata do Movimento Sem-Terra terminou em festa, porque nós fizemos um acordo entre o governo e o Movimento Sem-Terra, pela primeira vez na história, assinando um documento conjunto.

Alguns dias depois, foi a Confederação da Agricultura, milhares de trabalhadores. E quando chegaram no Palácio, já tinha um acordo firmado com os companheiros, que foram para as ruas fazer uma festa.

Esse tipo de comportamento, de mudança que houve no Brasil, demonstra que a democracia veio para ficar. A democracia veio, no nosso país, para se consolidar. E vocês, que são visitantes, companheiros que estão preocupados com as notícias que têm saído no Brasil, tenham consciência de uma coisa: seria impensável que eu fosse governar este país quatro anos e não tivesse problemas. Seria impensável, ou seja, nós já conseguimos o máximo, ou seja, nós já conseguimos fazer com que o FMI fosse embora sem precisar dar nenhum grito.

Eu dizia para o Palocci: Palocci, o que você vai fazer quando não precisar mais fazer acordo com o FMI? Porque alguns aqui passaram a vida inteira gritando, ou seja, de repente você construiu uma situação política em que não precisou fazer absolutamente nada a não ser dizer: não precisamos mais do acordo com o FMI.

Na política, o que está acontecendo eu encaro como uma certa turbulência, mas que só existe efetivamente num processo que vai se consolidando fortemente, da democracia.

Eu quero que vocês saibam e voltem para os seus países com a certeza de que eu entendo que a corrupção é uma das desgraças do nosso continente, e muitas vezes quando alguém falava que nós éramos pobres por conta do



imperialismo, eu dizia: pode ser até meia-verdade, mas a outra verdade é que nesses países da América do Sul e da América Latina nem sempre nós tivemos dirigentes que fizessem as coisas corretas para o seu povo e com o dinheiro público.

É por isso que tenho afirmado, num pronunciamento, que seremos implacáveis com adversários e com aliados que acharem que podem continuar utilizando o dinheiro público para ficarem ricos, mas da mesma forma seremos também implacáveis no trabalho de consolidar o processo democrático brasileiro. Não permitiremos retrocesso. Alguns, antes de nós, morreram para que nós chegássemos onde nós chegamos, e nós temos consciência do sacrifício que se fez no Brasil, do sacrifício que se fez no Chile, do sacrifício que se fez na Argentina, do sacrifício que se fez no Uruguai, do sacrifício que se fez no Peru, do sacrifício que se fez na Colômbia, em todos os países, para que o povo pudesse sentir o gosto da coisa chamada democracia.

E, portanto, nós, estejam certos disso, o Lula que vocês conheceram há quinze anos atrás está mais velho, mas também muito mais experiente e muito mais consciente do papel que temos que jogar na política da América do Sul, da América Latina, da África e, eu diria, na nova concepção de política no mundo inteiro.

Não foi fácil criar o G-20, não. Não foi fácil convencer um grupo de países de que era possível mudar a geografia comercial do mundo se estabelecêssemos entre nós um grau de confiança e de relação em que pudéssemos, cada um de nós, entender que temos que nos ajudar muito mais. É por isso que hoje a gente pode olhar para vocês e dizer: a relação comercial Sul-Sul aumentou em mais de 50%. Nós estamos comprando mais e vendendo mais de nós mesmos. Nós estamos estabelecendo parcerias entre nossas empresas. Esses dias, fizemos não sei quantos acordos, 26 acordos, com a Venezuela. Agora foi feito um monte de acordos com a Colômbia. Estamos fazendo acordo com a Argentina, com o Chile, ou seja, os nossos empresários





têm que se encontrar, estabelecer parceria. Os nossos sindicalistas têm que se encontrar e estabelecer formas conjuntas. Os partidos têm que se encontrar, os parlamentares têm que se encontrar, o Foro de São Paulo tem que exigir cada vez mais a criação de um parlamento do Mercosul para que a gente possa consolidar definitivamente o Mercosul, não como uma coisa comercial, mas como uma instância que leve em conta a política, o social, o comercial e o desenvolvimento.

Esses dias, nós fomos à Guiné-Bissau. Aliás nós já visitamos mais países da África, acho, do que todos os governantes da história do Brasil. E fomos à Guiné-Bissau e fizemos uma reunião. Guiné-Bissau é um país de língua portuguesa, pequeno, praticamente destruído. E eu dizia ao Presidente e aos parlamentares: para que guerra, para que uma guerra na Guiné-Bissau? É um país destruído. A única chance que aquele país tem é a construção da paz, eles têm que construir um país para depois brigar pelo poder, porque senão estão brigando em torno de nada. Nem o Palácio Presidencial está de pé. Eu fui ao banheiro do Presidente, não tinha água. E eu dizia: meu Deus do céu, vocês precisam encontrar um jeito de transformar a paz na mais importante bandeira de vocês, porque somente a partir dela é que vocês poderão construir o país.

Esse trabalho é um trabalho que leva anos e anos. E nós apenas estamos começando. Nós apenas estamos transitando pelo mundo tentando estabelecer uma nova ordem, em que a gente consiga as vitórias na Organização Mundial do Comércio, que precisamos. E foi assim que nós ganhamos a questão do açúcar, foi assim que nós ganhamos a questão do algodão, foi assim que nós ganhamos a questão do frango congelado. Parece pouco, mas era muito difícil ganhar uma coisa na Organização Mundial do Comércio. E por conta do G-20 já ganhamos três e poderemos ganhar muito mais, adotando o princípio que nós aprendemos desde que começamos a nossa militância política, de que se todos nós nos juntarmos, nós derrotaremos



os outros.

Por isso, eu tenho viajado muito. Eu viajei, possivelmente, em dois anos, mais do que muitos presidentes viajaram e vou continuar viajando, porque as soluções para os problemas do Brasil não estão apenas dentro do Brasil, as soluções para os problemas de Cuba não estão só dentro de Cuba, não estão dentro da Argentina, não estão dentro da República Dominicana, não estão dentro do México, ou seja, é preciso que a gente resolva outros problemas externos para que a gente possa consolidar as soluções de alguns problemas internos.

Por isso, meus companheiros, minhas companheiras, saio daqui para Brasília com a consciência tranqüila de que esse filho nosso, de 15 anos de idade, chamado Foro de São Paulo, já adquiriu maturidade, já se transformou num adulto sábio. E eu estou certo de que nós poderemos continuar dando contribuição para outras forças políticas, em outros continentes, porque logo, logo, vamos ter que trazer os companheiros de países africanos para participarem do nosso movimento, para que a gente possa transformar as nossas convicções de relações Sul-Sul numa coisa muito verdadeira e não apenas numa coisa teórica.

E eu estou convencido de que o Foro de São Paulo continuará sendo essa ferramenta extraordinária que conseguiu fazer com que a América do Sul e a América Latina vivessem um dos melhores períodos de democracia de toda a existência do nosso continente.

Muito obrigado a vocês. Que Deus os abençoe e que eu possa continuar merecendo a confiança da Coordenação, que me convide a participar de outros foros. Até outro dia, companheiros.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na reunião entre Chefes de Estado e de Governo da África do Sul, China, Índia e México**

**Gleneagles-Escócia, 07 de julho de 2005**

Caros colegas,

Esta reunião de dirigentes de países em desenvolvimento, no contexto do G-8, representa, em si mesma, um avanço.

O mundo desenvolvido passou a entender que, para tratar dos problemas e desafios globais, são necessários outros interlocutores que traduzam as perspectivas e anseios do restante da humanidade.

Ainda que o encontro entre o G-8 e os nossos países não produza um documento conjunto – eventualmente apenas um resumo das discussões, a ser feito pela presidência britânica – parece que este formato de reunião ampliada veio para ficar.

O diálogo Norte-Sul passou a ser uma exigência da própria sociedade nos países desenvolvidos. Muitos governos do G-8 começam a entender essa nova realidade. A consolidação de um G-8 ampliado representa importante impulso ao multilateralismo.

Há um forte movimento de revalorização de mecanismos mais representativos para lidar com os desafios globais, que exigem respostas globais.

O G-8 ampliado revela também o esgotamento do receituário econômico conservador, de uma visão segundo a qual apenas o crescimento econômico daria resposta para nossos problemas.

Temos de pensar em um tipo de crescimento que não só produza a inclusão social e a distribuição de renda, mas que se realmente de ambas.



O fato de que a exclusão e a desigualdade sociais aumentem em muitos países desenvolvidos faz com que neles aumente também a sensibilidade para esses temas, que eram antes exclusivos da periferia do mundo.

Este diálogo Norte-Sul, no marco do G-8, ocorre em um momento em que ganham destaque na agenda internacional temas como o da reforma das Nações Unidas, bem como das principais instituições econômico-financeiras internacionais, para que nelas os países em desenvolvimento tenham maior voz.

Nesse mesmo espírito, na Organização Mundial do Comércio, o surgimento do G-20, de que, aliás, somos todos membros, representa uma resposta inovadora aos desequilibrados padrões anteriores de tomada de decisão, que envolviam essencialmente países ricos.

Caros colegas,

Muito do que direi logo mais na reunião com os oito países se encontra refletido na Declaração Conjunta que adotaremos nós cinco. Sem prejuízo de eventuais matizes em nossas posições, a Declaração contém os recados cruciais dos países em desenvolvimento a propósito dos principais temas desta Cúpula. Nossa mensagem central é a de que existe uma relação intrínseca entre a promoção do desenvolvimento sustentável e o combate à fome e à pobreza.

Aliás, até mesmo a questão da segurança, que tanto preocupa hoje a todos, ricos e pobres, está individualmente ligada às condições de vida de bilhões de seres humanos.

Na área ambiental, quero ressaltar a proposição que fizemos de um novo paradigma de cooperação internacional que facilite a transferência de tecnologias.

Temos responsabilidades comuns, porém diferenciadas, entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento.

Devemos realizar esforços para frear as mudanças climáticas, ao



mesmo tempo em que salientamos o direito irrestrito ao desenvolvimento e à necessidade da disponibilidade de tecnologias apropriadas e a preços acessíveis.

Outro ponto importante é a diversificação da matriz energética e a prioridade que deve ser conferida às energias renováveis, como o etanol e o biodiesel.

No momento em que se esboça a formação de um mercado mundial para as energias renováveis, o uso crescente que estamos fazendo de tais fontes de energia nos credencia a exigir dos países desenvolvidos que reduzam suas emissões baseadas em combustíveis fósseis.

Nas negociações sobre o futuro do regime internacional sobre mudança do clima após 2012, continuaremos a acentuar as vulnerabilidades das nações em desenvolvimento, as medidas de adaptação requeridas e as maiores responsabilidades dos países desenvolvidos, como principais emissores de gases relacionados ao efeito estufa.

Caros colegas,

Encerro minhas palavras reiterando satisfação em estar aqui reunido com os líderes de quatro grandes países amigos, com os quais temos aprofundado nossas relações em todos os domínios.

Espero que continuemos esse diálogo mais direto e mais próximo, para além das ocasiões que nos propiciam as Cúpulas do G-8.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse dos ministros de Estado da Saúde, das  
Comunicações e de Minas e Energia**

**Palácio do Planalto, 8 de julho de 2005**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e  
ministro da Defesa,

Meu caro senador Renan Calheiros, presidente do Senado Federal,  
Ministra Ellen Gracie, presidente em exercício do Supremo Tribunal  
Federal,

Senhor Saraiva Felipe, ministro de Estado da Saúde,

Senhor Silas Rondeau, ministro de Estado de Minas e Energia,

Senhor Hélio Costa, ministro de Estado das Comunicações,

Senhores ministros,

Companheiro Humberto Costa,

Companheiro Eunício,

E nosso companheiro Tolmasquim,

Funcionários dos Ministérios da Saúde, de Minas e Energia e das  
Comunicações,

Senadores e deputados aqui presentes,

Ministros de Estado,

Familiares dos ministros que saem e dos ministros que entram,

Bom, primeiro dizer para vocês da mistura de alegria de estar  
empossando três novos ministros e da tristeza de ter que tirar três  
companheiros para poder ter a alegria de colocar três novos.

Eu queria, primeiro, me dirigir ao companheiro Eunício, e dizer que foi  
grata e extraordinária a presença dele no governo. O Eunício, que eu conheci,



pela primeira vez, não só por ser genro do Paes de Andrade, mas porque, na campanha de 2002, o companheiro teve um papel excepcional no comando da bancada do PMDB e, sobretudo, de uma parte importante da bancada do PMDB que, sistematicamente, votava com o governo. Esse companheiro, que foi convidado por mim para ser ministro das Comunicações, aceitou. E eu penso que poucas vezes, na história, um ministro das Comunicações se dedicou da forma que o companheiro Eunício se dedicou.

Acontece que eu estabeleci um critério para concluir a reforma ministerial, e eu pretendo fazê-la até terça-feira pela manhã: é de que os companheiros e as companheiras que estão no governo, que serão candidatos a alguma coisa nas próximas eleições, eu entendi que seria melhor deixarem o governo agora do que deixar o governo no mês de março ou abril do próximo ano. Eu teria que atravessar 2005 com um governo praticamente provisório, porque, faltando seis meses para terminar o mandato, ou seja, corremos o risco das melhores pessoas do país estarem concorrendo a algum cargo e você ter que montar o governo, eu diria, não na dimensão que o país precisa, para o seu Ministério.

Por tudo isso, companheiro Eunício, eu quero te agradecer. Agradecer o trabalho extraordinário que você fez, a lealdade, o companheirismo que nunca faltou entre nós em nenhum momento. E, certamente, eu sei que você é um homem de grandes pretensões eleitorais, afinal de contas, como todo bom cearense – e eu estou vendo outros aqui. Eu só posso desejar para você toda a sorte do mundo. Eu sei que na Câmara você vai voltar a fazer o trabalho que sempre fez: defender o estado do Ceará, defender o país, defender as coisas boas que o governo mandar para o Congresso Nacional, trabalhar com a bancada do PMDB. O PMDB é um partido grande, um partido importante no Brasil, mas que está conseguindo a proeza de ter tantas tendências quanto o meu PT, e vai precisar de todos os quadros bons, lá, para trabalhar de forma conjunta.



Por isso, meus agradecimentos, querido. Saiba que entre nós nasceu uma amizade, e eu diria que será muito duradoura, porque o grau de companheirismo que mantivemos nesse período todo deu demonstrações do teu caráter, da tua firmeza, da tua lealdade e da tua dedicação ao trabalho.

Para o lugar do companheiro Eunício, eu chamei outro companheiro do PMDB, o senador Hélio Costa. O Hélio Costa, todo mundo conhece, antes de ser senador, antes de ser candidato a governador de Minas Gerais. Todos nós, em algum momento, pelo menos os mais velhos, já tínhamos visto em algum momento o Hélio Costa fazer alguma reportagem na Rede Globo de Televisão.

O Hélio foi um jornalista que entrou na política e deu certo, porque muitos outros tentaram, não é Hélio? Teve muita gente que tentou, mas muitas vezes o povo é sábio. Nem sempre a pessoa aparecer na televisão dá à pessoa o direito de ganhar uma eleição. Precisa aparecer muito, e ter um pouco de conteúdo quando aparece, passar para o povo algumas verdades que o povo exige tanto das pessoas. E eu acho que, para substituir o companheiro Eunício, nós não poderíamos ter no parlamento brasileiro e nos partidos brasileiros alguém do gabarito, da competência que tem o nosso querido senador Hélio Costa, a partir de agora, Ministro de Estado das Comunicações. Meus parabéns, Hélio, e boa sorte para você.

Meu companheiro Humberto Costa. Bem, para quem não sabe, o Humberto, nós temos uma relação política desde a fundação do nosso partido. Nem sempre bicamos a mesma fruta, porque o Humberto, muito astuto, muito inteligente, no começo do PT pertencia a correntes que não eram a minha. Mas o Humberto se notabilizou pela sua capacidade profissional, pelo médico competente que é, pela sua capacidade de articulação política, pelo trabalho excepcional que fez à frente da Secretaria da Prefeitura de Recife, já no governo João Paulo, e por isso eu o convidei para ser Ministro da Saúde.

Eu sempre digo que não é a pressa ou a ansiedade que vai mostrar o que um ser humano faz na sua passagem pela Terra. Aliás, a história está





cheia de exemplos de pessoas que foram massacradas em vida e reconhecidas como heróis depois que não existiam mais. O Brasil está cheio de exemplo de pessoas que foram execradas quando estavam exercendo a sua função no governo e, depois que deixaram o governo, essas pessoas foram guindadas a patamares que só grandes homens chegam.

E o companheiro Humberto Costa vai ser medido pelo que ele fez no Ministério da Saúde nesses trinta meses de governo. Não apenas pela quantidade de aumento de agente de saúde bucal, de aumento de médico de família, mas pelas inovações na política de saúde implantada no Brasil, dentre as quais eu me orgulho de duas, fundamentalmente: primeiro, a questão da saúde bucal. Eu disse ao Humberto, logo que ganhamos as eleições, que o Brasil era um país que tratava o povo com uma perversidade tão grande, que qualquer brasileiro fazia convênio com qualquer plano médico e eles tratariam até de uma unha encravada. Mas a boca, por onde entra metade das doenças ou muito mais, no Brasil nunca foi tratada como uma questão de saúde pública.

E aí eu me lembrava, presidente Sarney, de uma coisa. É que dor de dente dá mais em pobre do que em rico. Cárie dá mais em pobre do que em rico. Porque os ricos podem ir ao dentista e pagar, e se cuidar, mas o pobre, quem vive neste mundo, quem frequenta a periferia deste país, quem frequenta o Norte e o Nordeste do país, e o Saraiva deve conhecer isso muito bem, sabe quantas crianças de 17, 18 anos já não têm mais o direito de sorrir, porque já perderam muitos dentes na sua vida.

E já inauguramos algumas centenas deles, e temos o compromisso de, até dezembro de 2006, Saraiva, inaugurar 400 centros de saúde bucal. O primeiro foi inaugurado em Sobral, na terra do Ciro Gomes. Cada centro desses vai atender um conjunto de cidades de uma população de aproximadamente 500 mil pessoas. Espero que nunca esteja, toda ela, precisando de dentista. Mas, se estiver, vai ter dentista, com horário marcado, com tratamento de primeira qualidade. E, mais ainda: daqui a alguns anos



nenhum político vai se dar ao luxo de distribuir dentaduras como se fazia historicamente neste país. O pessoal vai ao dentista, vai fazer o molde direitinho, vai testar, se não servir vai fazer outro. Não vai pegar qualquer um e pôr na boca, e sair com uma daquelas dentaduras que a pessoa não pode dar um sorriso, que cai.

Eu acho que esse é um projeto revolucionário na saúde brasileira. Custa caro, custa muito caro. E, possivelmente, porque custa caro, algumas pessoas entenderam que não se deveria fazer para o Brasil. E eu não vejo esse gasto como gasto, eu vejo esse gasto como investimento. Uma parte da população que não pode ir para Nova Iorque para fazer um tratamento melhor, que não pode ir para a Alemanha, que não pode ir para a França, e que não pode ir para o centro da sua capital, porque para fazer uma simples obturação, às vezes, vale mais do que aquilo que a pessoa ganha. Esse é um Programa, Saraiva, que nós vamos tratar como se fosse o nosso filho caçula, com todo carinho, mas muito carinho, para que a gente possa concluí-lo.

O outro é a Farmácia Popular. A Farmácia Popular, que é um desejo de fazer com que não apenas algumas farmácias, 300 ou 400, mas que a gente consiga fazer com que o remédio não seja um privilégio de quem tem dinheiro, mas que seja uma necessidade de quem precisa daquele remédio. Afinal de contas, eu não conheço ninguém que toma remédio porque gosta. As pessoas só tomam porque são obrigadas a tomar.

E, no Brasil, tanto o Humberto como o Saraiva sabem perfeitamente bem que não são poucos os milhões de brasileiros que iam ao médico, pegavam a receita, levavam para casa, colocavam dentro de uma prateleira, ou na gaveta do criado-mudo e morriam, porque nunca tinham o dinheiro para comprar o remédio.

Nós vamos ter que trabalhar de forma muito forte para transformar o remédio em mais barato. Nós estamos trabalhando com a idéia, já tem um decreto do próprio Ministério, que eu tenho interesse de transformar em lei,



fazendo com que as farmácias vendam remédios avulsos. Eu, se quero tomar um Melhoral, não sou obrigado a comprar 10, eu quero comprar um, é um que eu quero tomar, eu quero tomar um comprimido, tem que ser um, não pode atender aos interesses apenas de quem produz e cada um de nós ter, dentro da nossa casa, uma verdadeira farmácia ambulante, que levanta de noite, com dor de cabeça, vai lá, acha uma cesta cheia de remédio, que a gente nem sabe se está vencido ou não e vai tomando qualquer um.

Ou seja, as pessoas precisam... Quando alguém quer ir a um bar tomar um aperitivo, ele não chega lá e pega uma garrafa de cachaça e toma toda. Ele vai pedindo uma por uma. Então, o remédio tem que ser assim. Por que ele tem que comprar todos de uma vez? Compre um por um, daquilo que ele quer comprar, apenas a quantidade certa. Então, é uma coisa que nós vamos precisar fazer.

Bem, as coisas boas, outras coisas boas que estão acontecendo, o Humberto, certamente, falará no seu discurso e passará para o ministro Saraiva. Uma coisa importante, Saraiva, que nós vamos ter que fazer no Brasil, o Ministério já começou, é a questão do planejamento familiar. Nós precisamos quebrar alguns tabus que são históricos, neste país.

A classe média já resolveu o seu problema. A classe média já resolveu. A classe média casa e, com todo o cuidado, arruma o primeiro filho; se a situação melhora, arruma o segundo, e pára por aí. O terceiro já é um acidente. O terceiro já é uma coisa que não se queria. Por quê? Porque tem consciência que só pode ter um número de filhos que pode criar.

Minha mãe teve 12. Oito sobreviveram, quatro morreram. E ela dizia: “a gente só pode ter quando a gente pode criar”. Mas criar naquele tempo era diferente de criar hoje. Hoje nós temos uma situação muito grave, ou seja, embora o crescimento demográfico no nosso país tenha crescido, a taxa de natalidade tenha diminuído muito... O dado concreto é que nós precisamos orientar decentemente e adequadamente as mulheres e os homens deste país,



para que não precisem ter um filho cada vez que mantêm uma relação, que podem se cuidar. E, aí, eu acho que é um problema de Estado brasileiro fazer isso, como política pública do Estado. É uma coisa extremamente importante e, certamente, nós vamos fazer.

Uma outra coisa que eu sonho – o Humberto até fez uma passeata esses dias no Parque da Cidade – uma outra coisa que eu sonho, estou vendo aqui algumas pessoas da minha idade, alguns sessentões, eu vou fazer sessenta ainda em outubro. Quem não me deu presente, pode começar a se preparar para comprar. Mas a verdade é que as pessoas vão chegando a uma certa idade, as pessoas levantam de manhã, vão tomar café e colocam um tanto de comprimido na boca antes do café, é comprimido para isso, comprimido para aquilo, não é isso Humberto, e depois se queixam. Normalmente, os aposentados: “puxa vida, o que eu ganho não dá para comprar remédio”. Está certo que se ganha pouco no Brasil, mas não é só que se ganha pouco, é que se precisa tomar muito remédio.

E eu estou convencido de que nós precisamos convencer a sociedade brasileira a se exercitar, a fazer algum tipo de exercício, a andar, a correr, a dançar. Eu tiro pela minha experiência, eu sou um jovem que levanta todos os dias às 6h30 da manhã, ando de 50 minutos a uma hora todos os dias – Arlindo você que é médico, tem que saber disso. Conheço pessoas que fazem isso, tinham a pressão 16X9, 16X10, 17X10 e, quando começam a andar sistematicamente, as pessoas passam a ter a pressão regulada. Ao invés de tomar um comprimido, pode tomar uma tacinha de vinho, não tem nenhum problema. Ao invés de ficar vendo televisão, vendo notícia ruim, vai andar um pouco. Se tiver marido e mulher, vão de bracinho dado, namorando. Vai ser tudo muito mais prazeroso se a gente tiver um processo de educação. E eu acho que nós vamos ter que fazer isso via governo e via saúde pública, que já começou com o lançamento, no Parque da Cidade, aqui, do primeiro movimento.



Por isso, meu querido Saraiva, eu quero, ao mesmo tempo agradecer ao nosso companheiro Humberto Costa pelos trinta meses de dedicação, de trabalho imenso, com uma equipe extraordinária... Mas também o Humberto tem pretensões eleitorais, pensa que ele trabalhou muito, porque ele tem futuro... Eu quero agradecer, Humberto, de coração, vamos continuar juntos em muitas coisas neste país. Se não estivermos juntos, no mesmo espaço físico, pode ficar certo que, espiritualmente, as nossas almas estarão juntas, os nossos ideais, e vamos continuar brigando.

E a você, Saraiva, que é um homem experiente, que conhece muito a questão da saúde no Brasil, eu quero dizer que desejo a você toda a sorte do mundo. Eu sei que você já teve cargo importante, já foi Secretário Estadual, já foi Secretário em ministérios por aí, mas eu penso que ser ministro e presidente da República é um sonho que todo mundo tem, mais ou menos. Então, o primeiro vai chegar agora, que é ser Ministro de Estado da Saúde, para colocar em prática grande parte das coisas que a vida inteira você lutou para que acontecessem. E você tem uma tarefa mais importante ainda, que é ajudar a dar uma ordenada no nosso querido PMDB, você sabe dessa tarefa importante. Para você, toda a sorte do mundo, querido, e que você possa...

Bem, eu não sei se falo da Dilma ou falo do Tolmasquim. Porque o Tolmasquim ficou tão pouco tempo no Ministério... Mas vejam, o companheiro Silas é um técnico de carreira, todo mundo conhece a competência do nosso sistema de energia, a capacidade das empresas, sobretudo, as empresas como Eletrobrás, como Eletronorte, como Furnas, como Chesf, ou seja, são todas empresas de muita competência. E o Silas, durante trinta anos, tem se dedicado a esse trabalho, formado dentro da empresa, trabalhando. E quando a Dilma assumiu o Ministério, convocou o Silas para ser presidente da Eletrobrás. Primeiro da Eletronorte, depois da Eletrobrás.

E quando eu convidei a Dilma para a Casa Civil, eu disse para a Dilma: "Dilma, nós vamos precisar utilizar um companheiro de dentro da própria



empresa”. A Dilma falou: “Olha, eu acho que pode ser o Silas, que é um homem que eu aprendi a conhecer, aprendi a gostar, aprendi a confiar, conheço a sua competência técnica. Mas antes vamos arrumar um jeito de discutir com ele um pouco melhor, discutir com o PMDB um pouco melhor”. E colocamos o Tolmasquim. O Tolmasquim é um companheiro que não é grande só no tamanho. Esse companheiro trabalhou comigo muitos anos no Instituto de Cidadania, era um dos meus assessores. Quando eu fazia meus programas de governo, ele ajudou a fazer uns três, e ele foi um companheiro de linha de frente na administração da companheira Dilma. E eu quero, Tolmasquim, te agradecer por essa dedicação antes de ser ministro, como ministro-interino.

Mas quero, sobretudo, Dilma, te agradecer, porque no Brasil não era habitual imaginar uma mulher no Ministério de Minas e Energia. Era habitual assim, mulher vai cuidar de ação social, mulher vai cuidar de algumas tarefas que o homem não gosta muito de fazer. Pois bem, eu tive o prazer de conhecer a Dilma, não porque ela foi secretária do governo Olívio Dutra, no Rio Grande do Sul, porque quando eu ia lá não havia... Mas, numa reunião do Tolmasquim, do Pinguelli Rosa e de um monte de gente que me ajudava a produzir o programa energético para o Brasil, eis que um dia chega uma gaúcha com jeito de mineira, com esse rosto delicado, com um computador embaixo da mão e começou a falar mais forte que os homens. Depois de duas reuniões, eu falei: Tá aí! Achei minha Ministra de Minas e Energia.

Eu quero, Dilma, te agradecer. Agradecer, porque eu acho que você significa, para as mulheres brasileiras, a definição de que as mulheres podem ir muito mais longe, em qualquer atividade que elas quiserem se meter. Somente, enquanto eu for Presidente, por favor, não queiram ser candidatas. Mas eu acho que é a demonstração mais viva disso, Dilma. E, agora, na Casa Civil, a sua tarefa, vai precisar de outro tipo de energia. E eu não tenho dúvida que você vai ser tão competente quanto você foi no Ministério de Minas e Energia.

E, Silas, eu quero te dizer que você não entra no Ministério por ser meu



amigo, porque te conheço há pouco tempo, tenho te visto *en passant* – eu vou para a França, você viu o *en passant* aqui, não é, Sarney? Eu me encontrei com o Silas umas três, quatro vezes, em atos em que nós participamos. E você está sendo indicado, Silas, não só porque é uma vontade dos companheiros do PMDB, porque o PMDB poderia indicar 300 nomes e poderia não ser você. Você está sendo indicado porque quis Deus e a natureza que, mesmo quando a gente não quer, a vida humana é uma disputa cotidiana. Nós temos que provar, todo dia, que nós somos capazes de fazer alguma coisa melhor do que fizemos.

E, portanto, você está sendo guindado ao posto de Ministro não pela minha amizade ou pela tua amizade com o presidente Sarney, com o presidente Renan, mas você está sendo guindado pela tua competência profissional para exercer o cargo de Ministro das Minas e Energia. Espero que você tenha toda a sorte do mundo nessa nova empreitada que você começa a partir de hoje.

Por último, apenas fazer dois comunicados. Eu hoje conversei com o ministro Ricardo Berzoini, que também é candidato, candidatíssimo, e convidei o meu companheiro Luiz Marinho para ser ministro do Trabalho, e o Marinho será o novo ministro do Trabalho.

E, por último, dizer para vocês que eu pretendo fazer algumas mudanças, já conversei com todas as pessoas que eu tinha que conversar. Possivelmente na segunda-feira ou na terça-feira de manhã eu irei consolidar as mudanças que eu preciso fazer, de todos os companheiros que são candidatos ou a deputados, ou a governadores, ou a senadores, em 2006, não poderão continuar como ministros, todo mundo sabe disso. Conversei isso com os ministros que entraram, conversei isso com os ministros que saíram.

Portanto, quem não tiver pretensões eleitorais... Eu não acho ruim que tenha pretensão, não. Eu acho ótimo que as pessoas queiram ser candidatos a alguma coisa. Só que o governo não pode ficar na pendência de chegar no



mês de abril e alguém comunicar ao Presidente: “Olha, Presidente, muito obrigado, mas eu tenho que ir embora porque eu vou ser candidato”. Aí não dá. Então, temos que fazer o jogo certo, agora, e eu pretendo, até terça-feira, consolidar esse processo.

Mas queria dizer uma coisa, aqui, que entre nós tem o companheiro Luiz Gushiken, que eu já ouvi notícia que o Gushiken vai sair, que o Gushiken será substituído. Então, eu quero dizer aqui, para todo mundo ouvir: o companheiro Gushiken continuará dirigindo a Secom. A não ser que em algum momento ele fale: “Você quer, mas eu não quero, então, vou embora”. Aí, eu não posso segurar na marra. Mas eu acho que o companheiro Gushiken cuida bem não apenas da Secretaria de Comunicação, mas do Núcleo de Assuntos Estratégicos, que é uma coisa extremamente importante. Estou dizendo isso para acabar com os boatos. Ele só sairá por vontade dele, porque eu acho que nós não poderemos, a qualquer insinuação contra qualquer companheiro, *a priori*, achar que as pessoas são culpadas. Primeiro, quem fizer acusações precisa provar as acusações, porque senão as ilações tomarão conta da política nacional, e eu acho que nós precisamos tratar esses assuntos com carinho.

Todas as coisas serão investigadas no seu momento certo, com o cuidado certo, com o critério certo. Por isso que eu nasci contra a pena de morte. Se eu nasci contra a pena de morte, por que é que eu vou ser favorável à pena de morte na política, ou por qualquer coisa eu já tirar uma pessoa antes das pessoas poderem provar a verdade e a mais absoluta verdade que, no fundo, no fundo, é o que interessa ao povo brasileiro, e que interessa, sobretudo, à nossa consciência?

Portanto, meus companheiros que deixaram, boa sorte, sabem que estaremos juntos em algum lugar. Não sei se em algum palanque, mas estaremos juntos em algum lugar. Os que estão ficando, assumindo, boa sorte, porque certamente teremos muita coisa para fazer nesses próximos, eu diria,





quantos, 16 meses, 14 meses, que nós temos pela frente.

Muito obrigado, Humberto, Eunício. Muito obrigado, companheiro Tolmasquim. Obrigada, companheira Dilma, que vai ficar. E que Deus abençoe os companheiros que estão entrando agora. Até outro dia.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com sindicalistas**

**Palácio do Planalto, 11 de julho de 2005**

Meus amigos,  
Minhas amigas,

Primeiro, a alegria de poder receber vocês aqui, no Palácio do Planalto. Parece pouco, mas o que nós estamos vendo aqui, hoje, e já vimos outras vezes, porque aqui, neste salão, nós já fizemos algumas dezenas de reuniões importantes, com todos os segmentos da sociedade: de trabalhadores como vocês a portadores de deficiência física, a atletas que participaram das Olimpíadas, aos companheiros trabalhadores rurais da Contag, aos sem-terra.

Ou seja, na verdade, este palco, aqui, virou uma espécie de palco das manifestações democráticas, dentro dos limites que é possível o Palácio do Planalto permitir que haja esses atos.

E eu não poderia deixar de agradecer esse gesto de solidariedade. Aliás, solidariedade é sempre muito bom. Todos nós deveríamos aprender a fazer mais gestos de solidariedade a favor de muita gente que todo santo dia está precisando que façamos gestos de solidariedade.

E eu agradeço, porque o momento que estamos vivendo no Brasil é um momento, eu diria ruim, do ponto de vista político, mas um momento importante para que a gente possa consolidar definitivamente, não apenas a democracia no Brasil, mas para que a gente possa provar que é possível a gente extirpar a corrupção da vida nacional.

Não cabe ao Presidente da República mandar prender ninguém, isso não é papel do Presidente da República. Não cabe ao Presidente da República condenar ninguém antecipadamente, porque esse é um problema que está



garantido à Justiça brasileira. O que o Presidente da República tem, deve e pode fazer é facilitar que tudo o que for denunciado e tiver indícios de prova possa ser investigado, com toda transparência possível, para que a sociedade brasileira possa saber.

E quem me conhece, nessa relação que eu mantenho com vocês há mais de 30 anos, sabe que, em se tratando disso, eu nunca brinquei em serviço. Não importa que seja um amigo ou um adversário, não importa que seja o meu partido ou um partido adversário, não importa que seja o meu sindicato ou outro sindicato qualquer. O que importa é que todos nós nascemos, crescemos e, até morrermos, nós temos que ser honestos, porque isso simboliza, na verdade, os exemplos e as experiências que podemos passar para os nossos filhos, para os nossos netos e para os nossos bisnetos.

Entretanto, no meio do caminho, sempre alguém pode cometer desvios, alguém pode cometer erros, alguém pode cometer desacertos. E isso acontece na nossa própria família, isso acontece na vila em que a gente mora, na rua em que a gente mora, na cidade.

Eu, um dia desses à noite, peguei o telefone, 10 horas da noite, para ligar para o Pelé, para prestar solidariedade a ele por conta do acontecimento com seu filho, porque, certamente, uma figura extraordinária, uma figura excepcional como o Pelé, que tem as atividades que tem pelo mundo inteiro, de repente vê a notícia de que o seu filho está envolvido nessa coisa de tráfico, e chorar o tanto que ele chorou na televisão, pra quem é pai, sabe o quanto isso pesa e o quanto é importante a gente estender a mão e dizer: companheiro, nessa eu estou solidário a você. Apesar de ele ter feito muitos gols contra o meu Corinthians mas, de qualquer forma, nós temos que ser solidários na dor de um companheiro.

Eu estou dizendo isso porque, todo mundo aqui tem acompanhado denúncias contra o PT, denúncias contra outras pessoas deste país, e eu tenho dito o seguinte: cabe ao PT, agora, dar o exemplo de que o bom exemplo vem



de dentro de casa. Se alguém cometeu um erro dentro do Partido, tem que pagar, e o Partido, no tempo em que entender que deva fazer, começar a fazer. Da mesma forma que se alguém cometer na CUT, da mesma forma que se alguém cometer na Força Sindical, na CGTB, ou seja, em qualquer Central... Se cometer dentro do governo, todos aqueles que cometerem erros serão investigados, serão apurados, se estiverem errados pagarão, se estiverem certos, nós teremos que dar atestado de idoneidade para as pessoas, porque no Brasil as pessoas sabem colocar na cruz, mas tirar da cruz não tiram, mesmo que a pessoa seja inocente.

Eu disse esses dias, na posse do novo Procurador-Geral da República, que o Brasil é um país fantástico. Todo mundo adora que haja uma forte investigação dos outros. Todo mundo quer que haja um forte combate à corrupção dos outros. Todo mundo acha que é preciso investigar tudo desde que chegue na casa do vizinho e não na sua. Portanto, ao PT, que nasceu em um momento histórico neste país, muito importante, cabe a ele ter um gesto exemplar de não ter medo de investigar a sua própria casa para dizer à sociedade brasileira o que está acontecendo. E cabe ao nosso governo não ter medo de investigar, não ter medo de permitir que haja todo e qualquer tipo de investigação porque, se alguém cometeu um erro, um delito, tem que ser punido.

O Congresso Nacional tem a sua função, tem a sua tarefa, tem a CPI dos Correios, pode criar outras CPIs, o Congresso vai ter que investigar da forma mais madura, mais serena e, na hora em que encontrar os culpados, esses culpados terão que assumir as suas penalidades.

É assim que a gente constrói o processo democrático. É assim que nós iremos consolidar as instituições brasileiras. É assim que a gente vai fazer com que a sociedade, sobretudo os mais jovens, possa pegar gosto em participar da vida política do país e possa, cada vez mais, respeitar as instituições existentes no seu país.



E este país, eu não abro mão de construir. Eu sei o quanto foi duro chegar até onde nós chegamos. Eu sei quantas lutas... Aqui eu estou vendo companheiros de 30 anos de caminhada, só que eu conheço, e eu sei que todo mundo tem consciência de que ainda estamos muito longe de concretizar tudo aquilo que nós temos por objetivo concretizar neste país. Até porque, se fosse fácil fazer as coisas, outros já teriam feito.

E nós sabemos que é difícil, mas sabemos que tem um caminho a ser perseguido, uma trajetória, a construção dos alicerces necessários para que a gente possa construir uma casa sólida, que não tenha preocupação com nenhuma tempestade, que não tenha preocupação com nenhum vendaval, mas que ela seja uma casa sólida, a ponto de garantir a famílias de 180 milhões de brasileiros a tranquilidade de que estão vivendo num país arrumado economicamente, democrático, e um país que vai garantir que, pela primeira vez, o povo possa ter a inclusão social como uma política pública de governo e não como gestos eventuais desse ou daquele governo que passa pelo Brasil.

Estou convencido de que o momento que nós vivemos é muito mais do que um momento de reflexão, é um momento de ação. É um momento em que, vocês sabem, cada um de vocês tem experiência, é só investigar se em algum momento, nesses últimos 20 anos, a Polícia Federal agiu 20% do que agiu nesses 29 meses do nosso governo.

É só ver quantas pessoas foram presas em outros governos e quantas pessoas nós já prendemos neste governo. E não queremos saber a origem social, não queremos saber a cor, não queremos saber o credo religioso. Nós queremos saber se a pessoa cometeu um delito, se esse delito foi apurado e se ele foi verdadeiro, como aquele de prefeitos em Alagoas, que tiravam o dinheiro da merenda escolar. Essas pessoas terão que ser detidas, realmente, porque não é possível alguém ser tão mau que consiga tirar dinheiro da boca de criança, um dinheiro sofrido que, muitas vezes, não chega onde deveria chegar.



Portanto, eu quero que vocês, ao regressarem à casa de vocês, espero que alguns possam ficar. O Marinho, vai ter a transmissão de cargo do Marinho, sexta-feira, o Ricardo Berzoini vai transmitir o cargo para ele. Não vou pedir para vocês ficarem até sexta-feira porque os hotéis aqui, em Brasília, não estão tão acessíveis para quem ganha pouco neste país.

Mas eu gostaria que vocês voltassem para casa com a certeza, com a mesma fé que vocês têm em Deus, de que não haverá, da nossa parte, nenhuma precipitação, nem para inocentar e nem para condenar. Mas que da nossa parte haverá, sim, 100% de decisão, 100% de disposição política, de investigar cada coisa que tiver que ser investigada, de colocar todos os instrumentos que o Estado dispõe, para que a gente possa criar, neste país, a certeza de que, finalmente, a gente vai poder ver muito mais gente que rouba, neste país, ser preso. E isso nós já estamos fazendo e vamos continuar fazendo. E vamos fazer da forma mais tranqüila possível. Eu sou contra a pena de morte e, se eu sou contra a pena de morte, porque defendo a vida, eu sou contra a condenação a priori de amigos e de inimigos. Eu sou contra a pena de morte de aliados ou de adversários. Eu acho que, em se tratando de se fazer justiça, todos merecem o mesmo tratamento.

Como eu já fui, durante muito tempo, perseguido neste país, eu não quero carregar nas minhas costas a marca de que eu persegui alguém. Não perseguirei uma única pessoa neste país.

Não estou preocupado se alguém, em algum momento, já cometeu delitos mais graves do que esse que a imprensa está dizendo. A única coisa que eu posso dizer para vocês é que nós seremos implacáveis para apurar todas as denúncias. Seremos implacáveis.

Cada um de nós tem uma função. Vocês têm uma função: a de vigiar, a de denunciar, a de reivindicar e a de fazer gestos de solidariedade como este. Eu tenho outra função: a de bem governar este país e fazer, se não tudo o que eu quero, fazer o máximo que é possível fazer em função da circunstância que



nós vivemos.

E é importante lembrar um dado que, muitas vezes, nós desprezamos, que foi dito pelo Ricardo Berzoini: se pegarmos a média de empregos criados nesses últimos 12 meses, foi uma média mensal de 120 mil empregos. No governo passado eram apenas 8 mil empregos, quando muito.

Mas, ao invés de ficar discutindo o problema dos trabalhadores urbanos, vamos perguntar, aqui, para o Mané, da Contag, se em algum momento da vida da Contag eles tiveram uma relação com o governo e uma situação que eles têm hoje, batendo recorde de contratos assinados, dos agricultores familiares, batendo recorde de arrecadação e, mais ainda, o governo batendo o recorde de colocar dinheiro à disposição dos trabalhadores rurais. Nós pegamos em 4, fomos a 5, fomos a 7 e, para este ano, são 9 bilhões de reais que estão à disposição dos trabalhadores rurais para financiar o Pronaf. Apenas algumas coisas para mostrar para vocês que, possivelmente o Ricardo Berzoini, na despedida dele, possa fazer uma prestação de contas das coisas extraordinárias que estão acontecendo neste país.

Se nós todos tivermos em conta o que está acontecendo no Brasil, o que já aconteceu ou o que pode acontecer, nós só temos que ter tranqüilidade. Nós não temos que ficar achando que é apenas a imprensa que faz as acusações, nós não podemos incorrer neste erro porque ao mesmo tempo em que a gente vê a imprensa fazer coisas que a gente às vezes não gosta, muitas vezes aquilo que a gente não gosta pode ser a referência para saber se aquilo aconteceu ou não.

Eu nunca, na minha vida, fui de falar bem ou falar mal da imprensa. Eu quero que a imprensa seja livre, quero que a imprensa possa dizer o que ela bem entender, da mesma forma que eu acho que todo mundo tem que viver o que bem entender. Isto é democracia. A única coisa que eu quero é que todos nós sejamos responsáveis porque, se depender do Presidente da República, nós não vamos jogar fora esta oportunidade extraordinária que o Brasil tem, ao



conquistar a respeitabilidade internacional, ao conquistar a respeitabilidade interna, e a começar a provar que é possível as coisas irem acontecendo no nosso país.

Portanto, meus queridos, eu quero dizer para vocês: olhem, no fundo, no fundo, vocês são a certeza de que este país pode ir muito mais longe. Vocês são a certeza de que este país pode combater a corrupção se o governo cumprir com a sua parte, o Congresso com a sua, o Poder Judiciário com a sua, a polícia com a sua, o povo com a sua, de denunciar, de cobrar. Se todos nós fizermos a nossa parte, podem ficar certos que não estará longe o dia em que a gente vai poder, juntos, comemorar a consolidação de um Brasil muito melhor, infinitamente melhor do que aquele que nós herdamos do nosso pai.

Muito obrigado, meus amigos, muito obrigado pela solidariedade e até outro dia.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de posse do ministro do Trabalho e Emprego, Luiz Marinho**

**Palácio do Planalto, 12 de julho de 2005**

Essa minha contusão aqui é do jogo Palmeiras e Corinthians. Eu marquei todos os gols que o Corinthians marcou.

Meus companheiros e companheiras, ministros,

Dirigentes sindicais,

Meu querido José Alencar,

Jornalistas,

Eu não costumo falar na posse de ministro. Até porque terminado este ato, aqui, eu vou ter uma reunião com os meus ministros para explicar para eles, primeiro, um outro tipo de reforma que nós estamos fazendo. E antes de falar para a imprensa eu quero falar com eles. Isso é uma novidade na política nacional, tentar coletivizar um pouco as soluções dos problemas do nosso país.

Mas eu resolvi falar na posse do companheiro Luiz Marinho, porque o Marinho, ele entrou para trabalhar na Volkswagen no ano de 1978. Todo mundo se lembra que foi o ano em que começaram as greves do ABC que, eu acredito, deram uma contribuição muito grande para a consolidação do processo democrático brasileiro.

Não apenas o Marinho, mas o Vicentinho surgiu naquele tempo, o Meneguelli surgiu naquele tempo, o Paulo Okamoto, que hoje é presidente do Sebrae, surgiu naquele tempo, e outros companheiros sindicalistas, o Osvaldo Bargas surgiu naquele tempo. Alguns eram até oposição a mim, viu Feijóo? Alguns eram oposição a mim no sindicato, era um pessoal mais duro na queda.

O dado concreto é que esses companheiros fazem parte da minha vida, porque a turma do companheiro Ricardo Berzoini também surgiu nessa época,



a turma do Wagner também surgiu nessa época, a turma do Dulci surgiu nessa época, ou seja, os principais sindicalistas brasileiros surgiram exatamente dessa ebulição que aconteceu no movimento sindical brasileiro na década de 70.

E o fato de o Jaques Wagner ter passado pelo Ministério do Trabalho, o Ricardo Berzoini ter passado pelo Ministério do Trabalho e pelo Ministério da Previdência Social, se tivesse um prêmio, Ricardo, para a gente premiar ministros por atuações exuberantes em determinadas áreas, certamente o teu trabalho na reforma da Previdência Social foi um trabalho que causou surpresa a muita gente do próprio governo que não sabia que você tinha o conhecimento, a habilidade política, a paciência para fazer aquela reforma da Previdência, como você a conduziu, não recusando fazer debate em nenhum lugar do Brasil, com gente contra, com gente a favor. E eu acho que o tempo vai se encarregar de fazer justiça. Nem sempre as pessoas são reconhecidas no momento em que fazem as coisas boas para o nosso país.

E no Ministério do Trabalho, eu acho que a tua participação, a do Jaques Wagner e agora o Marinho, é a demonstração de que os trabalhadores brasileiros não devem nada a ninguém no âmbito do conhecimento, do preparo e de saber fazer as coisas que têm que fazer, inclusive saber fazer política com P maiúsculo.

Por isso eu quero agradecer, Ricardo, a tua passagem. Sei da tarefa que você vai assumir, primeiro, como deputado federal. Eu não tenho dúvida nenhuma que terei, dentro da Câmara, um valoroso, além de companheiro, um companheiro defensor do governo. Mas uma tarefa mais importante, eu quero te dar os parabéns por ter assumido, é a tarefa de ser secretário-geral do PT, neste momento histórico, importante, decisivo, para que a gente possa consolidar as estruturas da democracia brasileira. Por isso, meus agradecimentos pelo trabalho prestado e pelo trabalho que você vai prestar, estou dando os parabéns já antecipados.



O companheiro Marinho se notabilizou no nosso Sindicato, porque o Marinho sempre foi um companheiro que participou das Organizações de Base do Sindicato. O Marinho foi membro da comissão de fábrica da Volkswagen, era um companheiro atuante nos movimentos sociais na Zona Leste, depois o Marinho virou tesoureiro do Sindicato. Quem acha que o Palocci é duro, não conhece o Marinho como tesoureiro do Sindicato, é duro na queda. Mas duro que o Palocci e o Marinho, só o Paulo Okamoto quando foi tesoureiro do Sindicato dos Metalúrgicos.

Pois bem, o Marinho chega ao Ministério do Trabalho, depois de provar, nas comissões de fábricas, depois de provar no Sindicato dos Metalúrgicos, depois de provar na CUT, a arte da capacidade de negociação política, a arte da capacidade de fazer negociação para defender os interesses dos trabalhadores, entendendo que a melhor forma de resolver os problemas dos trabalhadores é ter total disposição para fazer um diálogo profundo. E posso dizer para vocês que o Marinho faz isso com a maestria como poucos. Eu mesmo me considerava mais duro nessas negociações que o Marinho, mas também o momento era outro.

O Marinho assume o Ministério do Trabalho num momento bom, num momento em que parte das coisas começaram a serem feitas pelo Jaques Wagner, tiveram continuidade com o companheiro Ricardo Berzoini, e o Marinho tem uma equipe montada, uma equipe moldada, uma equipe calejada e, portanto, se aproveitar grande parte das coisas que estão montadas, eu acho que o trabalho vai ser muito fácil. Eu conheço algumas idéias do companheiro Marinho, sei da relação de respeito que ele conquistou no movimento sindical, ele sabe que não estará aqui como ministro da CUT, ele estará como ministro do Trabalho, portanto, ele tem que ter uma relação harmônica com todos os pensamentos do movimento sindical, e ele sabe fazer isso como ninguém. Eu acho que é um avanço.

Eu estava vendo o Ricardo falar e o Marinho, e eu estava lendo sobre



um primeiro filme que eu assisti na minha vida, de lutas, chamado “Classe Operária vai ao Paraíso”, e eu acho que a classe operária está vindo ao governo de forma sóbria, madura. E eu não tenho dúvida nenhuma, Marinho, que você, tanto quanto o Jaques Wagner, quanto o Ricardo Berzoini, marcará a sua passagem pelo Ministério do Trabalho, com trabalho sério, com trabalho contra o trabalho escravo, com um trabalho muito forte contra o trabalho infantil, mas, sobretudo, nas perspectiva de estabelecer o máximo que pudermos estabelecer na boa relação entre os trabalhadores brasileiros e os empresários brasileiros que, no fundo, no fundo, é isso que permite que haja avanços e conquistas dos trabalhadores brasileiros.

Eu quero, Marinho, desejar a você, primeiro, mais do que sorte, eu quero desejar a você que não invente nada mais do que aquilo que você aprendeu a fazer na tua vida, que você não invente nada mais do que aquilo que você, de forma soberana, fez no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que eu conheço muito bem. E que você faça o tipo de harmonia que você estabeleceu na CUT. Se você fizer isso, certamente, ao terminar o nosso governo, eu terei orgulho de dizer que tive a melhor trinca de Ministério do Trabalho que este país já teve, com a participação de três importantes sindicalistas, em três momentos diferentes do nosso governo. E dos três, sem dúvida nenhuma, dois já tiveram sucesso e você, certamente, terá sucesso.

Não se preocupe com as cobranças, Marinho, não se preocupe. As cobranças servem para alertar a gente de que é preciso fazer algo mais, é preciso, às vezes, dar respostas. Mas neste jogo de governar, a paciência é um elemento excepcional para você consolidar aquilo que precisa ser feito no Ministério do Trabalho e aquilo que precisa ser feito para a classe trabalhadora brasileira.

Por isso, meu querido, toda sorte do mundo, use a paciência, o trabalho é duro, as viagens serão muitas, daqui a pouco estará apanhando na imprensa. Mas todos nós estamos calejados, preparados. Eu digo sempre o seguinte: nós



nunca tivemos momentos fáceis na nossa vida, nunca. Eu não conheço um momento na minha vida em que uma conquista não foi às custas de sacrifício, com lágrimas, suor, sangue. E é assim. O Marinho deixa de ser o dirigente sindical de uma central sindical muito importante no país e passa a assumir uma função administrativa de governo, uma função política que dá a ele uma dimensão muito maior, tanto internamente quanto externamente, e ele vai poder provar o que os outros já provaram: os trabalhadores brasileiros estão preparados para o que der e vier.

Boa sorte, meu querido, que Deus te acompanhe nessa trajetória.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura do Colóquio “Brasil: Ator Global”**

**Paris-França, 13 de julho de 2005**

Não se assustem com a quantidade de papel, porque é um parágrafo por folha.

Primeiro, dizer às autoridades francesas, aos reitores, aos ministros brasileiros e a todos os professores e alunos que estão aqui, da minha alegria de poder estar, outra vez, em Paris e poder falar um pouco da participação do Brasil neste mundo globalizado e o que achamos que pode acontecer nos próximos anos.

Queria apenas que vocês compreendessem que estamos com o fuso horário de cinco horas na cabeça, e que por mais que eu viaje de avião, eu não perdi o medo de viajar de avião, e eu tenho dificuldade de dormir no avião. Portanto, vou me segurar aqui para não ter problema de sono.

Queria dizer a vocês que está comigo o nosso querido governador do estado do Amapá, que logo, logo será o governante da América do Sul mais próximo da França e, portanto, poderá ser um canal muito importante para o desenvolvimento daquela região, sobretudo, o estado do Amapá que tem, praticamente, 80% do seu território como área de preservação e isso, se tem custado ao longo do tempo – difícil – o desenvolvimento do estado, certamente, nós agora temos que tirar proveito da intenção mundial de preservação para que os estados que preservem mais a sua fauna, a sua floresta, possam ganhar alguns recursos adicionais.

Meu agradecimento à Universidade de Paris pela organização deste encontro consagrado à política externa do Brasil e pelo convite que me foi feito para aqui apresentar algumas reflexões.

O título do colóquio “Brasil: ator global” aponta para um problema



central: qual o sentido e as possibilidades da presença e ação de meu país no cenário internacional?

A expressão "ator global" pode provocar mal-entendidos. O primeiro é o de acreditar que o Brasil, um país com problemas sociais e sem meios importantes de projeção de poder militar no plano internacional, não poderia aspirar a ser globalmente um ator pleno. Somente países ricos, socialmente mais desenvolvidos e dotados de meios militares mais expressivos teriam capacidade de atuar de forma independente e eficaz na cena mundial.

É evidente que riqueza e força militar são expressões de poder. Elas não esgotam, no entanto, a capacidade de ação e de influência de que pode dispor um país. O segundo equívoco é o de pensar que o Brasil, somente por possuir vasto território, abundantes recursos naturais e população numerosa, terá automaticamente papel de relevo na esfera internacional.

O Brasil está, felizmente, longe dessas duas perspectivas extremas. Nossa diplomacia é experiente, bem preparada e suficientemente lúcida para não ser nem tímida nem temerária.

Minha experiência pessoal, como líder operário, ensinou-me que em qualquer negociação a credibilidade é um fator fundamental. E para ter credibilidade é preciso conhecer as forças de que dispomos.

Não fugimos a nossas responsabilidades, por timidez ou por temor aos mais poderosos. Nosso desafio é o de tentar entender, e de afirmar, como o Brasil pode colaborar para a construção de uma nova relação de forças internacional. Necessitamos de um mundo mais democrático, justo e pacífico, mas isso não depende somente de nós, tampouco pode nos conduzir à passividade.

Abrir mão da idéia de uma "ação global" seria deixar o futuro ao sabor das forças de mercado, onde prolifera enorme desordem econômica e financeira, ou ao sabor de políticas de poder, dominadas por posturas unilaterais.



O Brasil nasceu, 505 anos atrás, fruto das grandes explorações marítimas, a primeira onda de “globalização”, empreendida pelo capitalismo mercantil.

Como colônia, depois como país politicamente independente sofremos, por séculos, os constrangimentos que condicionaram a vida dos países da periferia. Em nossa história vivemos momentos de submissão e de reação a esses constrangimentos.

Hoje, o que importa é buscar espaço neste mundo globalizado, por meio de uma ação política que preserve a soberania nacional, garanta a soberania popular e contribua para o aprofundamento da solidariedade internacional.

A “mundialização”, como se diz aqui, nos colocou diante de uma nova obrigação: a de fazermos com que as forças que ela desencadeia sejam canalizadas para o interesse da maioria. Não tenho me omitido a esse respeito.

Fui a Porto Alegre e a Davos. Defendi nos dois encontros as mesmas idéias: aquelas que expressei também em minhas intervenções em Evian e na Escócia, quando me reuni com os líderes do G-8.

Acredito que pode-se estabelecer pontes entre foros e grupos de países que antes pareciam irreconciliáveis. Vejo uma crescente disposição em estreitar esse diálogo. Até porque as grandes questões com que nos confrontamos na atualidade, desde a pobreza na África, às mudanças climáticas, até o terrorismo, só poderão ser resolvidas efetivamente por uma ação concertada, multilateral.

Um país como o Brasil não tem a opção de viver à margem dos processos globais. Dou um exemplo. Temos um programa de combate à Aids que é mundialmente reconhecido como resposta a um dos piores dramas vividos pela humanidade em nossos dias. Realizamos, em ampla escala, a distribuição de remédios retrovirais. Mas, para que seja viável em um país com recursos escassos, esse programa depende de que os preços dos medicamentos não ultrapassem certos limites razoáveis.





Torna-se essencial, portanto, estabelecer um equilíbrio entre o interesse legítimo das empresas farmacêuticas, que se beneficiam de patentes, e o interesse maior de salvar quantas vidas pudermos.

As normas sobre patentes já não são definidas isoladamente em cada país, são normas globais. Participamos todos de sua elaboração, de sua interpretação e de sua execução. No caso da Aids, essa participação é, sem exagero, uma questão de vida ou morte.

Outro exemplo, a que tenho mais me dedicado, é o do combate à fome e à miséria. Pela minha própria trajetória de vida e experiência política, essa é uma prioridade pessoal. Sempre tive consciência de que essa tarefa não era apenas dos brasileiros, mas de todas as nações. A fome e a pobreza têm determinações internacionais.

Isso não quer dizer que os países não devam assumir suas responsabilidades para reduzir as desigualdades e garantir a todos uma vida digna. Mas é inegável que o esforço de cada país, principalmente dos menos desenvolvidos, ganhará muito se for respaldado internacionalmente. Não falo apenas de ações compensatórias, necessárias, mas não suficientes. Falo de iniciativas de fundo, que lidem com as causas estruturais da fome e da pobreza no mundo. Por isso, defendo um sistema mais eqüitativo, onde os fluxos financeiros e o comércio internacional criem oportunidades e não sejam fatores de desagregação econômica e social.

O problema da fome e do subdesenvolvimento não será resolvido apenas pelas forças de mercado.

Muitos agricultores pobres na periferia do mundo teriam, hoje, condições de competir internacionalmente e de ter uma vida mais condigna, não fossem as barreiras que os impedem de vender o que produzem aos consumidores nos países mais ricos.

Precisamos encarar esse problema de frente. É intolerável que 1 bilhão de dólares seja gasto a cada dia em subsídios à exportação e em medidas de



apoio doméstico à produção agrícola. Não é humano e racional que uma vaca tenha um subsídio superior à renda individual de centenas de milhões de homens e mulheres.

Segundo o Banco Mundial, uma efetiva liberalização do comércio agrícola poderia gerar cerca de US\$ 200 bilhões de dólares de renda global adicional, o suficiente para retirar mais de 500 milhões de pessoas da situação de pobreza.

Posso citar muitos outros exemplos, todos apontando para a mesma direção: esses problemas não se resolvem sozinhos, nem pela iniciativa de alguns países. Exigem a participação ativa dos países em desenvolvimento. É o que o Brasil tem feito nos últimos dois anos e meio. Temos realizado intenso trabalho diplomático de aprofundamento de vínculos tradicionais em nosso Continente e de maior aproximação com regiões do mundo em desenvolvimento, como a África e o Oriente Médio.

O Brasil quer que sua voz seja cada vez mais ouvida no plano internacional. Mas queremos também ouvir a voz de outros países, para identificar interesses comuns e intensificar o diálogo e a cooperação.

Há dois meses tivemos a satisfação de sediar, em Brasília, uma pioneira Cúpula que reuniu países árabes e sul-americanos e abriu novas e promissoras avenidas de aproximação entre estas duas regiões do mundo em desenvolvimento.

Com a Índia e a África do Sul estabelecemos um foro de diálogo trilateral. Além de estreitar nossa coordenação política, criamos um fundo inédito, administrado por essas três grandes democracias do mundo em desenvolvimento. Um primeiro projeto já está beneficiando Guiné-Bissau.

Senhoras e senhores,

Nos planos econômico e comercial, trabalhamos para aprofundar a integração e a unidade de nossa região, a América do Sul, assim como para



ajudar a construir uma economia internacional que proporcione melhores oportunidades de crescimento para todos.

O Brasil tem feito um grande esforço para retomar o crescimento econômico, reduzir o desemprego, melhorar a distribuição da renda e aumentar sua capacidade de competição externa.

Em 2004, nosso comércio exterior totalizou quase US\$ 160 bilhões de dólares, com mais de US\$ 96 bilhões de exportações. Esse valor foi o dobro do total das exportações registradas em 1999.

O saldo comercial, que no final dos anos 90 era deficitário, chegou em 2004 a um superávit de quase US\$ 34 bilhões de dólares. As previsões para 2005 – e o Furlan que confirme aí – são de um superávit de quase US\$ 40 bilhões de dólares.

Nosso comércio com o mundo tem caráter "global". A distribuição de nossas exportações entre os principais mercados mantém um notável equilíbrio geográfico entre a União Européia, os Estados Unidos, a América do Sul e a Ásia. Outras áreas, como a África e o Oriente Médio, revelam sinais promissores de crescimento. Tudo isso significa que o Brasil está mais aberto ao mundo.

A relação comércio exterior-PIB passou de menos de 15%, nos anos 90, para mais de 26% em 2004. A estabilidade macroeconômica que conseguimos, somada ao fortalecimento da capacidade exportadora, reduziu nossa vulnerabilidade externa. Em 1999, o pagamento de juros pelo Brasil representou mais de 33% do total de nossas exportações. Hoje, não passam de 16%.

O Brasil reúne todas as condições para tornar sua inserção na economia internacional cada vez mais proveitosa e, o que é muito importante, preservando nossa autonomia para executar políticas públicas indispensáveis para um desenvolvimento sustentável, com justiça social.

Senhoras e senhores,



A esta altura de minha exposição muitos poderão estar se perguntando se uma ação mais destacada do Brasil no cenário internacional é compatível com um estreito relacionamento com nosso entorno imediato, a América do Sul. Penso que não só é compatível como absolutamente indispensável.

A parceria estratégica com a Argentina, a consolidação do Mercosul e a integração sul-americana são para nós prioritárias. Mais que isso: são inseparáveis de nosso projeto nacional de desenvolvimento. E isso não é retórica; é realidade, é fato.

Nenhum outro governo brasileiro buscou a aproximação com nossos vizinhos com tanta intensidade. Os contatos no mais alto nível se avolumaram.

Temos acelerado projetos para a integração da infra-estrutura física regional, para o que contamos, inclusive, com recursos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. Possivelmente, no próximo ano, nós teremos pelo menos uma obra de infra-estrutura financiada pelo Banco de Desenvolvimento brasileiro em cada país da América do Sul, tornando realidade o sonho histórico que motivou tantas e tantas lutas na América do Sul.

A partir dessa base avançamos na consolidação do Mercosul, apesar das dificuldades e das crises de crescimento que, como sabem os europeus, são comuns nos processos de integração.

O Mercosul é uma realidade e uma promessa cada vez mais importante para nossos povos.

Trabalhamos agora para reforçar suas instituições e dotá-lo de um Parlamento que reforçará sua vocação democrática e permitirá enraizar de forma mais profunda a construção de um destino comum.

O Mercosul não pode reduzir-se apenas a uma zona de livre comércio ou mesmo a uma união aduaneira. Ele tem a vocação de ser um efetivo espaço de integração econômica, política, cultural e de construção de uma nova e ampliada cidadania.



Avançamos na direção de uma integração mais solidária, com a criação do Fundo de Convergência Estrutural do Mercosul, voltado para a redução das assimetrias entre os países membros e suas regiões, promovendo a competitividade e a coesão social.

Paralelamente, e uma coisa reforça a outra, estamos construindo a Comunidade Sul-Americana de Nações. Os países do Mercosul estão a cada dia mais próximos da Comunidade Andina, porque acreditamos que ambos os processos são complementares e convergentes. Lançada em dezembro último, realizaremos, em Brasília, daqui a dois meses, a primeira reunião de Presidentes da Comunidade.

A América do Sul toma consciência de sua identidade e de sua vocação para a integração. Em poucos dias serão iniciadas as obras de construção da rodovia interoceânica, que ligará o Brasil aos portos peruanos de Ilo e Matarani. Será um avanço decisivo para o comércio não apenas entre o Brasil e o Peru, mas também de ambos com a Bolívia.

Este é apenas o mais recente exemplo de um amplo conjunto de iniciativas que vêm delineando a América do Sul como espaço integrado na área de transportes, comunicações e energia.

Aqui eu queria dar um outro dado. Em 500 anos de história nós construímos a primeira ponte entre Brasil e Bolívia, no ano passado. Inauguramos no estado do Acre. E estamos fazendo a primeira ponte entre Brasil e Peru, em Assis-Brasil, também no estado do Acre, que será essa rodovia interoceânica. E vamos fazer, se Deus quiser, depois do acordo que firmarmos na sexta-feira, a primeira ponte ligando o Brasil e a América do Sul à Europa, via Guiana Francesa, com o estado do Amapá.

Isso demonstra apenas que em 500 anos, apesar de todos os grandes intelectuais brasileiros terem escrito sobre a necessidade de integração, apesar de Bolívar e outros revolucionários na América do Sul terem passado parte da sua vida falando em integração, apesar de todos os políticos em época de



campanha eleitoral falarem de integração, a verdade nua e crua é que a integração física – aquela que se preocupa com a energia, com a comunicação, com a estrada, com a ferrovia, com a hidrovía e com a parceria efetiva entre empresários brasileiros e empresários de cada país – está se consolidando nesse momento, e não por obra apenas do Brasil, mas por uma compreensão de todos os países de que, se durante 500 anos acreditamos que os benefícios para o nosso desenvolvimento viriam do Norte, agora há a consciência de que nós precisamos começar a resolver os nossos problemas e não ficar dependentes, tanto, das promessas dos países desenvolvidos que, dificilmente, chegam a se concretizar.

Esse grau de consciência que os governantes estão tomando é que está fazendo com que haja uma profunda mudança no comportamento dos países da América do Sul.

Senhoras e senhores,

O Brasil tem procurado dar nova qualidade e novo impulso à sua ação no âmbito das negociações multilaterais de comércio, na Organização Mundial do Comércio, OMC. Já foi dito que a OMC tem procedimentos "medievais". Talvez efetivamente o seja em alguns aspectos, particularmente no que diz respeito à transparência.

Demos um passo importante para mudar o quadro em que se davam efetivamente as negociações naquele foro, restritas a alguns poucos interlocutores do mundo desenvolvido.

Tomamos a iniciativa, ao lado de outros países em desenvolvimento, de criar o G-20, que se afirmou como um ator respeitado na atual rodada de negociações comerciais.

Hoje, todos reconhecem que esse mecanismo de coordenação entre países do Sul adquiriu um papel da maior importância na viabilização de um acordo que possa fazer com que a Rodada de Doha seja, de fato, voltada para o objetivo do desenvolvimento.



Outro campo em que conseguimos avanços importantes foi o de nosso esforço conjunto pela erradicação da fome e da pobreza.

O presidente Jacques Chirac entendeu a sensibilidade desse tema e tem sido um parceiro essencial, desde a reunião do G-8 ampliado, em Evian. Ajudou a dar força à iniciativa, acrescentando o prestígio da França, que é grande, e trazendo idéias inovadoras. O presidente Lagos, do Chile, e Zapatero, da Espanha, logo se juntaram a nós, seguidos pelo chanceler Schröder, da Alemanha, e pelo presidente Bouteflika, da Argélia.

Em setembro do ano passado, conseguimos reunir, em Nova Iorque, mais de 100 países, com a presença de mais de 50 chefes de Estado e Governo.

Hoje, temos um processo em marcha, em busca de novos mecanismos de financiamento do desenvolvimento e do combate à fome e à pobreza.

O tema vem ganhando destaque nas Nações Unidas, nas reuniões do FMI e do Banco Mundial, e no próprio G-8, como vimos há pouco, na reunião de que participamos, na Escócia.

Esperamos que até a Cúpula das Nações Unidas de setembro, quando passaremos em revista as Metas do Milênio, algumas idéias possam vir à luz, como a de uma pequena taxa sobre as passagens aéreas, baseada, aliás, em uma proposta da França, que apoiamos firmemente. Ou, ainda, a redução dos custos de remessas de emigrantes, que aportam recursos vultosos, com importante incidência sobre as economias dos países em desenvolvimento.

Outra importante iniciativa é a conversão do serviço da dívida, ou parte dela, em investimentos na Educação proposta por Brasil, Espanha e Argentina, que se encontra em fase de elaboração e viabilidade técnica. Menos consensuais, mas em discussão, estão propostas sobre a taxação de paraísos fiscais ou de venda de armas.

Senhoras e senhores,



Ao refletirmos sobre a ação externa do Brasil, não poderia deixar de me referir aos desafios que se colocam no plano da paz e da segurança. É fundamental que a comunidade internacional disponha dos meios necessários para responder às ameaças à paz. Esses meios devem ser eficazes, mas devem também ser legítimos. A história nos ensina que não serão eficazes se não forem legítimos. Daí nossa profissão de fé no multilateralismo.

Com a criação da ONU, há exatos 60 anos, a comunidade internacional encontrou um novo caminho para enfrentar os problemas da paz e da segurança. Um caminho fundado no diálogo, na decisão coletiva e no princípio de que o uso da força só se faria no interesse comum. Esses princípios são, hoje, mais válidos do que nunca. O mundo está diante de situações e ameaças graves. Prolongadas injustiças, não raro em um contexto de pobreza e de privação, continuam a desestabilizar regiões inteiras, como é o caso do Oriente Médio ou de extensas áreas do continente africano.

Em nossa própria região, preocupa-nos, em especial, a situação do Haiti, país tão sofrido, que necessita o apoio da comunidade internacional.

Temos liderado o esforço das Nações Unidas no Haiti, na esperança de que possamos criar um novo paradigma para as operações de paz. Não visamos apenas à segurança da população e à estabilização do país. Queremos que no Haiti se criem condições para uma efetiva reconciliação política e o reencontro do país com a esperança de seu desenvolvimento econômico e social.

Os terríveis atentados em Londres na semana passada nos mostraram, que aos conflitos externos e internos somam-se legítimas preocupações com a expansão de redes terroristas.

Sabemos, além disso, que tais redes podem vir a ganhar um poder destrutivo sem precedentes, se tiverem acesso a armas de destruição em massa.





Brasil e França compartilham a visão de que é preciso revitalizar o multilateralismo. Encontramo-nos diante de uma oportunidade histórica para dar vida nova aos instrumentos coletivos de que dispomos. Sem o multilateralismo, estaremos condenados à instabilidade crônica e aos riscos de uma escalada da violência no plano global.

A tarefa mais imediata é concluir, com êxito, uma reforma corajosa das Nações Unidas uma reforma voltada para o futuro.

Nesta semana, os países-membros das Nações Unidas discutem um projeto de resolução visando à reforma do Conselho de Segurança, órgão central do sistema de segurança coletiva.

Nesse projeto, juntamos forças com a Alemanha, a Índia e o Japão, no chamado "G-4", e temos obtido o apoio de muitos países, alguns mesmo, como a França, na condição de co-patrocinadores.

Outro aporte importante, na mesma direção do projeto do G-4, foi recentemente aprovado pela União Africana.

Queremos levar ao Conselho a visão de um país do Sul, que fez soberanamente a opção de não produzir armas nucleares, que atribui importância especial à relação entre a paz e o desenvolvimento e aos meios pacíficos de solução de controvérsias.

Esperamos que a reforma do Conselho possa ter um desfecho favorável no futuro próximo, abrindo caminho para a consideração de outras mudanças não menos cruciais. Entre elas, estão o fortalecimento dos demais órgãos principais, e a revisão e eventual criação de novas instâncias para lidar com a construção da paz e o respeito aos direitos humanos.

Senhoras e senhores,

Ao considerar esses temas que dizem respeito ao ordenamento internacional, permito-me fazer um recuo histórico e falar um pouco da convergência de pontos de vista entre o Brasil e a França.



Nossa crença na liberdade como valor fundamental vem de longe. As idéias do iluminismo francês e a própria Revolução Francesa (ao lado da Revolução Americana) tiveram impacto direto no Brasil.

Foram fontes de inspiração para idéias republicanas e movimentos de rebeldia contra o colonialismo, como a Inconfidência Mineira, a Revolução dos Alfaiates, na Bahia, ou a Revolução de 1817, em Pernambuco, o meu estado natal.

Esses movimentos foram duramente reprimidos, mas deixaram uma herança de lutas que contribuiu para acelerar nossa independência.

Joaquim Nabuco, outro pernambucano, chegou a afirmar que "todas as nossas revoluções (antes da Independência) foram ondulações que começaram em Paris". Os que reprimiam os movimentos nativistas e republicanos falavam em erradicar "os abomináveis princípios franceses". São os princípios que se celebram no 14 de julho, não apenas pela França, mas por todos os que amam a liberdade e crêem na solidariedade humana.

A França foi para o Brasil, em muitos momentos, uma inspiração de liberdade. Durante os anos de autoritarismo, muitos brasileiros, injustamente perseguidos em nosso país, encontraram refúgio e proteção em terras francesas. Guardamos uma dívida de gratidão com o povo francês por essa solidariedade em uma hora difícil de nossa vida nacional.

Orgulhamo-nos, ao mesmo tempo, de ver que as atividades do Ano do Brasil na França incluem homenagens a dois brasileiros que lutaram lado a lado com o povo francês em momentos difíceis para a França. Na clandestinidade e com grande sacrifício pessoal, meu amigo e companheiro Apolônio de Carvalho deu contribuição destacada à resistência e à libertação da França do jugo nazista.

Na diplomacia, a coragem do embaixador Luiz Martins de Souza Dantas ajudou a salvar centenas de vítimas inocentes. São exemplos dos laços humanos que vinculam a França e o Brasil.



Isso confere à nossa parceria um significado muito especial, porque a defesa dos direitos humanos e a consolidação da democracia são hoje tarefas inadiáveis no plano internacional.

Sabemos que a liberdade e a prática da democracia não podem ser trazidas de fora. Não são produtos de exportação, menos ainda, produtos de imposição. Só podem ser o que sempre foram para todas as nações que as alcançaram: uma conquista de seus povos. A comunidade internacional pode e deve ajudar nesse processo, mas deve fazê-lo sem arrogância.

Na América do Sul, vivemos um momento que é de consolidação das democracias.

As dificuldades econômicas são, como sempre foram, fator de instabilidade social e política. Mas o amadurecimento dos povos de nossa região faz com que, em nossos dias, o horizonte das alternativas políticas já não contemple soluções que não passem pelos canais democráticos.

O Brasil tem procurado contribuir para fortalecer a estabilidade democrática da América do Sul, e o faz com o espírito fraterno, respeitoso da autodeterminação dos povos e da soberania nacional.

De nossa parte não haverá interferência, mas tampouco indiferença para com a sorte de nossos irmãos. O Brasil continuará a estender sua mão, em favor do fortalecimento desse patrimônio de liberdade. Mas a democracia não é apenas uma aspiração isolada de cada país. É também uma tarefa a ser realizada nas relações entre os países.

Um mundo plural - ou "multipolar", como às vezes se diz - não é um desejo piedoso de diplomatas ou acadêmicos idealistas. É uma exigência dos dias que correm. A negação da pluralidade de pólos, pretensamente "realista", reduz as relações internacionais apenas à expressão da força militar.

Para afirmar a democracia no plano internacional, é preciso reconhecer que a pluralidade de visões é legítima e que há um espaço crescente a ser dado à ação diplomática.



Ser democrata no plano global é acreditar que todos têm direito a ser atores, que cada ator tem suas razões e que, enfim, nem sempre a razão do mais forte é a mais forte das razões.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço com empresários franceses e brasileiros**

**Paris-França, 13 de julho de 2005**

Vim a Paris a convite do presidente Jacques Chirac, para participar do Ano do Brasil na França, a maior mostra cultural já organizada por meu país no exterior. Serão mais de trezentas manifestações, em diferentes regiões da França e nos mais diferentes campos da arte e da cultura. Vamos mostrar aos nossos amigos franceses um pouco do que nós somos e do que fazemos.

O Ano do Brasil na França representa o encontro de dois povos que, ao longo de suas histórias, construíram afinidades e convergências. Compartilhamos uma mesma percepção sobre as vantagens e os riscos da globalização. Acreditamos no multilateralismo e no diálogo como instrumentos na construção de um mundo mais próspero e justo, com menos fome e menos pobreza.

Estou aqui, hoje, para convidar os empresários franceses a engajarem-se nessa parceria. Quero agradecer à Câmara de Comércio Internacional de Paris e ao Movimento das Empresas da França pelo seu entusiasmo e pelo grande encontro de representantes do setor privado que organizaram, em abril último.

Os empresários de vários estados brasileiros puderam expor seus produtos nas vitrines e nos balcões das mais prestigiosas lojas de departamento e negócios franceses.

Hoje, tenho a alegria de encontrar – e em muitos casos rever - os dirigentes das mais destacadas empresas da França. Quero registrar, particularmente, a presença do presidente do Comitê de Mecenas do Ano do Brasil na França, Gilles Benoist. Juntamente com os representantes de numerosas empresas locais, ele contribuiu decisivamente para o êxito do ano



cultural.

Senhores empresários,

Suas presenças aqui são a melhor demonstração do enorme potencial das relações econômicas e comerciais entre nossos países. Trago-lhes uma palavra de confiança e de determinação. Confiança nos rumos do país. Hoje, mais do que nunca, os brasileiros acreditam na democracia e nas instituições republicanas.

Estamos demonstrando que é possível crescer de forma sustentada, com estabilidade monetária e responsabilidade fiscal, resgatando ao mesmo tempo uma enorme dívida social.

Pela primeira vez na história recente, os principais indicadores da economia brasileira estão alinhados num círculo virtuoso. O mercado interno está crescendo, ao mesmo tempo em que as exportações estão em franca expansão e as contas públicas estão saudáveis.

Pela primeira vez, o país não está preso à cruel opção entre o crescimento interno, de um lado, e o equilíbrio de suas contas internas e externas, de outro. Não estamos mais condenados a ciclos de crescimento de curto prazo, interrompidos por restrições cambiais e descontrolado inflacionário.

Quero registrar o papel decisivo do empresariado brasileiro para esse resultado. Souberam enfrentar o desafio da abertura econômica, para fazer um choque de competitividade, diversificar a pauta exportadora e ganhar novos mercados externos.

Estamos fazendo o mesmo na esfera pública. Aprofundamos a reforma tributária e previdenciária. Introduzimos uma série de incentivos ao crédito, em benefício, sobretudo, das camadas de renda mais baixa da população. Reforçamos o apoio às pequenas e médias empresas e aos exportadores brasileiros. Enfrentamos agora a melhoria da gestão estatal.

Os resultados são expressivos. O Brasil cresceu cerca de 5% no ano passado e criou 1 milhão e 900 mil novos empregos formais. Gerou um saldo



fiscal primário superior a 4% que ajudou a reduzir a inflação para menos de 6% ao ano.

Ao mesmo tempo, a balança comercial gerou um superávit de US\$ 34 bilhões de dólares e as exportações ultrapassaram os US\$ 100 bilhões de dólares anuais, saldo sem precedentes. Como resultado, nosso balanço de pagamentos passou de um déficit de 5%, há alguns anos, a um superávit de 2% do PIB. A reversão das expectativas inflacionárias e as medidas de controle fiscal sinalizam uma trajetória consistente de queda para as taxas de juros.

Senhoras e Senhores,

O Brasil é uma democracia madura, dotada de instituições sólidas e de um ambiente seguro para os investimentos de longo prazo. Temos grandes projetos e buscamos grandes sócios para um novo ciclo de grandes investimentos. Três áreas, em particular, oferecem oportunidades aos investidores que confiam no potencial do país e na vontade de trabalhar de sua gente: infra-estrutura, energia e parcerias empresariais.

O crescimento do país, em particular, o crescimento das exportações – 32% no último ano – exige uma infra-estrutura à altura, sobretudo em matéria de portos e estradas.

Contamos com a contribuição do setor privado para realizar essas obras, e para isso aprovamos as Parcerias Público-Privadas. Seu objetivo é simples: viabilizar empreendimentos economicamente atraentes para os investidores e para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

Um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo, o nosso BNDES, participará diretamente desse empreendimento. Já foram selecionados projetos como o da Ferrovia Norte-Sul, a rodovia BR-116, que liga Minas à Bahia, o anel rodoviário do Rio de Janeiro e o ferroviário de São Paulo. Convido-os a participar desta nova forma de parceria com o Brasil.

O Brasil também enfrenta o desafio de assegurar fontes seguras, competitivas e ambientalmente adequadas para sua matriz energética. A



hidroeletricidade continuará a ser fundamental, mas precisamos responder às incertezas do mercado de energia e preparar alternativas ao petróleo.

Hoje, o Brasil domina o ciclo do combustível nuclear, onde a França possui grande competência tecnológica. Queremos cooperar com a França no uso pacífico dessa fonte estratégica de energia.

Saudamos os avanços da União Européia na incorporação do bio-combustível em sua matriz energética, particularmente no setor de transportes. O Etanol, em particular, é uma alternativa estratégica para que a França cumpra seus compromissos de reduções de emissões de gases assumidos no Protocolo de Quioto. Ao mesmo tempo, permitirá à economia francesa diversificar sua matriz energética.

Não faz sentido, portanto, que o álcool continue a ser o único bem energético ainda protegido com altas tarifas e quotas impeditivas no mercado internacional.

O Brasil tem muito a oferecer no campo das energias renováveis. Contamos com uma das mais bem sucedidas experiências de bio-combustível, o Programa do Álcool. Todos os veículos brasileiros rodam com mistura contendo pelo menos 25% de álcool. Dois milhões e meio de carros já funcionam unicamente com álcool.

Estamos levando adiante projetos ainda mais ambiciosos na indústria automobilística, com o desenvolvimento dos motores “flex-fuel” que funcionam com três tipos de combustíveis. Também queremos expandir a cooperação em matéria de Biodiesel, que já produzimos a partir de diferentes matérias primas. O caminho está aberto, uma vez que uma indústria automobilista francesa participa da produção de diesel no Brasil.

Senhoras e senhores,

Este não é um movimento de mão única. Muitas empresas brasileiras - nos setores do aço, das construções, da agroindústria, dos cosméticos e de tantos outros – vêm se implantando na França.





Essas verdadeiras transnacionais brasileiras ganham, assim, acesso aos mercados francês e europeu, e abrem espaço para promover a marca Brasil.

Parcerias entre nossas empresas beneficiarão também a presença francesa no Brasil. Poderão beneficiar-se da transferência mútua de tecnologia, e alcançarão não apenas o vasto mercado brasileiro, mas terão uma plataforma de operações para todos nossos vizinhos sul-americanos.

Por essa razão, defendemos a conclusão, ainda este ano, do acordo de associação entre o Mercosul e a União Européia.

Precisamos superar uma visão acanhada para dar um impulso político que mobilize nossas complementaridades e resguarde nossos interesses comuns, frente a outras negociações e iniciativas.

Senhoras e senhores,

Nosso empenho em promover a prosperidade econômica não tem sentido se não gerar bem-estar social. Nesse novo mundo globalizado, não são apenas as fronteiras entre os países que perdem relevância, são também as demarcações entre o que é político, econômico e social.

O combate à fome e à pobreza é um imperativo que deve unir não apenas lideranças políticas e empresariais nos países que ainda lutam para superar profundas desigualdades econômicas e injustiças históricas.

É uma obrigação de todos.

Vejo, portanto, com otimismo que empresas brasileiras e francesas tenham se juntado a centenas de outras em todo o mundo para apoiar o Pacto Global, organizado pelo Secretário-Geral das Nações Unidas, há um ano, em Nova Iorque. São empresas que não se preocupam apenas em produzir, mas que assumem sua responsabilidade ética, social e ambiental.

Por isso fiz questão de ter, entre os grandes e importantes empreendedores brasileiros que me acompanham nesta visita à França, alguns incansáveis parceiros de meu governo nos projetos sociais que estamos levando adiante.



Entre eles se encontram dirigentes de filiais de empresas francesas no Brasil. Eles vestiram com entusiasmo a camisa verde e amarela e vêm participando de nosso esforço para melhorar as condições de vida dos brasileiros mais desfavorecidos. São brasileiros de coração e alma.

E também, nós somos todos, afinal, um pouco franceses, sempre inspirados pelos ideais da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Foro Franco-Brasileiro da Sociedade Civil**

**Paris-França, 13 de julho de 2005**

Senhores representantes das Organizações Não-Governamentais,  
Senhores ministros de Estado e integrantes da comitiva que me acompanham à República Francesa,

Ministro Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência da República

Ministro Furlan, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Tarso Genro, da Educação,

Senhoras e senhores, companheiros e companheiras, conselheiros do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da França e do Brasil,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Marco Aurélio,

Bebeto, Lulinha, Chico e demais companheiros,

Quanto mais participativa e autônoma a sociedade civil, mais forte se torna a democracia na vida dos povos.

O processo democrático tem se consolidado na companhia virtuosa de direitos civis e avanços sociais arduamente conquistados nas lutas da sociedade por soberania, justiça e dignidade.

A capacidade da sociedade civil de inaugurar o futuro e legitimar a mudança tem enriquecido o processo democrático contemporâneo. É o que hoje se expressa na grande aspiração pelo crescimento que distribui riqueza, que fortalece a liberdade, promove a paz e eleva o espírito humano.

Há vinte e cinco anos, por exemplo, apenas três países da América Latina desfrutavam a brisa renovadora da democracia. Nos demais, a asfixia das liberdades e a supressão dos direitos humanos eram acenados, não raro,



como moeda de troca indispensável à aceleração do desenvolvimento. Hoje, esse quadro sombrio se inverteu, graças, sobretudo, às conquistas e à participação da sociedade civil em nosso continente.

A realização deste fórum internacional, que hoje encerramos, louvável iniciativa conjunta da “*Cordinacion Sud*” e da Abong, é um testemunho vivo da rica troca de experiências e do importante aprendizado comum que têm ocorrido entre as organizações da sociedade civil, em especial as da França e do Brasil.

Tenho repetido que o lugar da sociedade civil não é na platéia, assistindo ao espetáculo. É dela que quase sempre vem a energia transformadora para resolver problemas que perduram há muito tempo em nossos países.

É fundamental o compromisso e a efetiva participação dos governantes e das instituições multilaterais na luta por um mundo melhor. Mas é também decisivo o envolvimento cada vez maior da sociedade civil em nível internacional.

Minhas senhoras e meus senhores,

Há no governo brasileiro um Ministério encarregado de estabelecer as relações com o Parlamento, o que é fundamental numa democracia representativa.

Tomei a decisão, no início de meu mandato, de atribuir a um outro Ministério, a Secretaria-Geral da Presidência da República, a tarefa de coordenar e realizar a articulação cotidiana com as diferentes organizações da sociedade civil. Em dois anos e meio, mais de 1.500 encontros foram realizados pela Secretaria-Geral com representantes da sociedade civil. Das entidades empresariais às centrais sindicais, dos movimentos sociais às organizações de trabalhadores rurais, das ONGs às fundações, das igrejas às universidades e associações de intelectuais e estudantes, os canais de interlocução com o nosso governo sempre estiveram abertos.



Nessas iniciativas tenho participado diretamente, recebendo no Palácio as principais lideranças das entidades nacionais ou visitando-as em suas sedes. Mantivemos também encontros com organizações e movimentos sociais em quase todas as viagens que realizamos no território nacional, bem como nas internacionais.

Para construir, por exemplo, o nosso Plano Plurianual de Investimentos relativo ao período 2004-2007, a Secretaria-Geral organizou fóruns de participação social nas 27 unidades da Federação com duas mil e 170 organizações da sociedade civil.

Em poucas palavras: institucionalizamos o diálogo e a negociação permanentes como método efetivo de governo, possibilitando importantes parcerias em projetos de interesse público, especialmente na área social.

E criamos também o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, como instância permanente de consulta e elaboração política entre o governo e importantes lideranças dos mais variados setores da sociedade, a exemplo do Conselho Francês. Com 102 conselheiros, sendo 90 representantes da sociedade civil, ele é uma iniciativa pioneira no nosso país, reconhecida nacional e internacionalmente.

O Conselho discutiu as reformas previdenciária, tributária, sindical e trabalhista e tem dado contribuições à nova Política Industrial, bem como realizado Colóquios sobre Habitação e Licenciamento Ambiental, além de intensos debates sobre o desenvolvimento regional.

Uma tarefa levada adiante por todo o governo foi a criação de novos espaços democráticos e a retomada e o fortalecimento daqueles já existentes, tornando-os instâncias de discussão das políticas públicas.

Podemos destacar o Conselho Nacional de Segurança Alimentar, que propõe diretrizes para as políticas e ações na área da nutrição e no combate à fome. O Fórum Nacional do Trabalho – composto por empresários, trabalhadores e representantes do governo – é responsável pelo diálogo



nacional em torno das reformas sindical e trabalhista. Temos também o Conselho das Cidades, composto por 71 representantes de todas as entidades envolvidas com a questão urbana.

Quero chamar a atenção para o Conselho de Transparência Pública e Combate à Corrupção, que foi criado em nosso governo, e para a Ouvidoria Geral da União, instâncias que levam o olho do cidadão e da cidadã para dentro da máquina pública.

Nesses 30 meses de governo foram realizadas doze conferências nacionais, num processo que envolveu diretamente mais de um milhão e 400 mil pessoas, debatendo e aprovando propostas de políticas públicas setoriais e gerais.

Realizamos conferências nacionais nos setores da saúde, meio ambiente, mulheres, aquicultura e pesca, assistência social, reforma agrária, direitos da criança e do adolescente, cidades, segurança alimentar, esporte, direitos humanos, igualdade racial e direitos da pessoa portadora de deficiência.

Para dar uma idéia mais concreta de como se realiza esse processo, destaco duas delas. A Conferência de Políticas para as Mulheres, que foi preparada com a realização de mais de 2 mil plenárias municipais e regionais, seguidas de conferências em todas as 27 unidades da Federação, com a participação direta de mais de 150 mil mulheres. E tudo isso culminou com o encontro nacional de cerca de duas mil delegadas em Brasília.

A outra foi a 1ª Conferência Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, que tive a honra e a alegria de abrir no dia 30 de junho último. Preparada com a realização das conferências estaduais e locais, ela envolveu diretamente mais de 90 mil pessoas.

Participaram do processo de debates, lado a lado, em clima de grande fraternidade, representantes dos muitos segmentos que compõem a riqueza da nossa multiplicidade étnica: negros, indígenas, ciganos, árabes, palestinos,



judeus e tantos outros.

Essa imensa participação – e o que significa na história do nosso país – já foi, por si mesma, uma grande vitória de todos os que lutam pela igualdade racial. Uma vitória de que há muito tempo o Brasil precisava, e que a consciência democrática da sociedade civil, em especial a do nosso povo negro, sempre buscou.

Minhas senhoras e meus senhores,

Tenho muito orgulho de ter aberto o Palácio do Planalto aos movimentos sociais da cidade e do campo, historicamente mantidos à distância dos centros de decisão no país, alguns até criminalizados. Esse intenso diálogo tem se mostrado cada vez mais frutífero e ajuda a construir e implementar políticas decisivas para o nosso desenvolvimento social.

É o caso do choque de crédito popular que teve início a partir de uma idéia da Central Única dos Trabalhadores, a nossa querida CUT. As reivindicações das centrais sindicais também contribuíram fortemente para a decisão de reduzir a alíquota do imposto de renda dos assalariados e para a política de valorização real do salário mínimo.

Estamos realizando a reforma agrária em conjunto com os movimentos sociais do campo, de modo pacífico e cada vez com melhor qualidade. Acabamos de firmar um acordo histórico com os Trabalhadores Sem-Terra, que assegura o assentamento de 115 mil famílias em 2005 e de 400 mil famílias até o final do mandato.

Também temos negociado intensamente com os agricultores familiares, que receberão nesta safra R\$ 9 bilhões de reais (aproximadamente 3 bilhões de euros) para financiar sua produção, um volume três vezes superior ao que era emprestado em 2002.

Estamos assim reforçando econômica e politicamente a agricultura familiar e gerando novas e melhores oportunidades de trabalho e renda no campo.



Lembrar que nessas políticas de financiamento tem algo muito importante que é a política de microcrédito, que estamos fazendo no Brasil. É um dado que é importante que os Conselheiros das fontes no Brasil saibam: a média de dinheiro emprestado para o microcrédito, disponibilizado nos últimos anos no Brasil, era de 30 milhões de reais por ano. Este ano fizemos um acordo, com a participação de várias cooperativas de bancos populares que estão aqui, e disponibilizamos 600 milhões, vinte vezes mais do que era disponibilizado por ano.

Isso porque nós acreditamos que, através dessas políticas de microcrédito, através da bancarização de setores marginalizados da sociedade, e através do crédito consignado, nós estamos dando um impulso à economia que não estava previsto na ordem e na discussão econômica do nosso país há alguns tempos.

É por isso que, de vez em quando, eu leio e escuto pessoas falarem da contradição e da política de juros altos para conter a inflação, e a política de incentivo ao consumo, liberando crédito como jamais foi feito no Brasil. Lembro às pessoas que, quando fizemos a campanha, falávamos de uma poupança interna de 17% e hoje a poupança interna está a 23,5%, o que é um crescimento inesperado por qualquer apoiador ou por qualquer crítico do governo que não acreditava que isso fosse possível.

Em relação à política indigenista, após longo processo de negociação, homologamos a famosa, a polêmica reserva Raposa Serra do Sol, no extremo Norte da Amazônia, uma terra indígena com mais de 1 milhão e 700 mil hectares. Como muitos aqui sabem, essa era uma das mais antigas e significativas reivindicações dos povos indígenas no nosso país.

Estas são apenas algumas das transformações que estão ocorrendo no Brasil, impulsionadas pela participação da sociedade civil.

Poderíamos mencionar, ainda, outras conquistas populares do nosso país que se tornam realidade pela conjunção da capacidade reivindicatória e





propositiva dos movimentos sociais com nossa vontade política transformadora: a criação do Fundeb – Fundo de Educação Básica, verdadeira revolução no financiamento do ensino público, que beneficiará 17 milhões de crianças e jovens.

A Reforma Universitária, elaborada em fecundo diálogo com as entidades de docentes e de estudantes, bem como de outros segmentos sociais. Aqui um dado importante: quando fomos discutir a questão da reforma universitária, em uma plenária no Palácio do Planalto, com todas as entidades envolvidas com educação, eu fiz questão de afirmar que a proposta não seria do governo, que o governo apenas iria receber as propostas da sociedade e iria encaminhá-las ao Congresso Nacional para que a própria sociedade fosse ao Congresso Nacional fazer os deputados e senadores compreenderem que, em torno daquela proposta, não estava o desejo de uma reforma universitária do governo, mas sim uma necessidade da sociedade brasileira de ter uma nova universidade no nosso país.

O Fundo de Habitação Popular (pensou que eu não ia falar), antigo anseio dos movimentos comunitários urbanos do Brasil, foi uma conquista consagrada há pouco mais de 20 dias no Palácio do Planalto.

A mesa permanente de negociação com o funcionalismo público federal. Em 2004, pela primeira vez em nossa história, foram assinados acordos coletivos entre o funcionalismo e o governo federal.

Temos consciência de que ainda não fizemos todo o necessário em relação à sociedade civil. Ainda podemos e vamos avançar muito na democratização e no controle social. Mas, seguramente, já fizemos mais do que qualquer outro governo anterior para instaurar em nosso país uma democracia participativa como estabelece a Constituição Federal, ou seja, para criar de verdade um novo padrão de relacionamento entre Estado e sociedade civil. Para isso, tenho certeza de que nos serão muito úteis as análises e propostas de vocês neste Foro.



As organizações e movimentos sociais – no Brasil, como na França e em outros países – têm pujança e autonomia, fazem parcerias, dão apoio, mas também cobram medidas e fazem críticas ao governo, como vocês acabaram de ver aqui, no discurso do meu companheiro.

Este é, sem dúvida, o caminho do maior fortalecimento da democracia em nossos países. Além de justo e indispensável no mérito, ele tem se mostrado cada vez mais eficiente para enfrentar e superar nossos graves problemas econômicos e sociais, rumo à sociedade justa e solidária que todos almejamos.

Eu queria – já encerrei o discurso por escrito – fazer um improvizozinho, porque agora já não está mais o Presidente aqui, está o representante da sociedade civil. Eu tenho consciência de que, certamente, nós estamos longe de fazer aquilo que individualmente cada um de nós entende que precisa ser feito. Mas tenho consciência que nenhum país da América Latina e poucos países do mundo estão estabelecendo o padrão de relacionamento com a sociedade civil que nós estamos estabelecendo.

Eu dizia aos nossos companheiros que foram participar da festa da aprovação da Lei do Fundo de Habitação Popular. E um companheiro dizia que era muito importante o Fundo, mas muito mais importante era o fato dele já ter entrado, em pouco tempo, duas vezes no Palácio do Planalto.

Parece pouco, mas eu lembrei que, em 1994, quando eu fui visitar o Mandela, e nós chegamos ao Palácio do Governo, tinha muita gente olhando o prédio, passando a mão nas paredes. E eu ousei perguntar para o Mandela o que aquele povo estava fazendo lá. E o Mandela falou: “Olha, Lula, você tem que imaginar que esse povo nunca conseguiu sequer chegar perto do Palácio. E eles, aos milhares, passam todo dia aqui, não pedem nada para mim, não querem nem me ver. Eles só querem descobrir e só querem confirmar que isso aqui é uma coisa deles e que aqui está o Presidente eleito por eles”.

No Brasil, embora sejamos uma sociedade diferente, historicamente na



nossa organização, o dado concreto é que em nenhum momento a sociedade civil teve os espaços de condução de políticas como tem hoje, no Brasil, junto com o governo.

E nós nunca exigimos da sociedade, nem do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, e nem de nenhuma ONG, e nem de nenhum dirigente sindical, que em algum momento eles concordassem com as políticas do governo. Porque, muito antes de eu conhecer (inaudível), muito antes de eu ser Presidente da República, ou muito antes de eu ser alguma autoridade brasileira, nós escrevemos um documento em que dizíamos que “entre uma decisão de partido e uma decisão de governo, a sociedade ou o militante deveria ficar com a decisão da sua organização social como referência do seu procedimento”.

Eu estou convencido que a sociedade civil, ela pode ser vista como a própria religião. Eu digo sempre: todo mundo deveria participar de alguma coisa religiosa, porque a religião não faz mal. Ninguém aprende coisa ruim praticando religião. Pode até não gostar mas, certamente, de lá ele não sairá com nenhuma disposição de fazer mal a ninguém.

A sociedade civil é exatamente assim. A gente pode, de vez em quando, não gostar das críticas. Afinal de contas, todos nós somos preparados para receber elogios e não críticas. Mas podem ficar certos de uma coisa: que a compreensão que eu tenho e a compreensão que o meu governo tem é de que a participação da sociedade civil, ela é importante, seja para aplaudir ou para vaiar, seja para cobrar ou para propor. O que é importante é que ela faça isso com a maior seriedade, porque o maior legado que um governo pode deixar ao seu país é a coisa que eu disse no meu discurso: é o estabelecimento de um novo padrão de relacionamento entre sociedade e Estado, entre governo e sociedade, para que qualquer governo que venha depois não tenha como virar as costas para a sociedade outra vez.

Por isso, meus parabéns ao Conselho de Desenvolvimento Brasileiro, ao



Conselho de Desenvolvimento da França. E espero que essa harmonia que vocês estão estabelecendo aqui possa fazer com que os empresários, os políticos e os governantes estabeleçam essa mesma harmonia.

Lembramos a vocês que, em setembro, todas as ONGs e todas as organizações da sociedade civil do mundo inteiro têm um compromisso de fazer uma certa pressãozinha, dentro do seu próprio país, para que a gente faça com que os países ricos se dediquem mais a ajudar os países pobres a cumprirem as Metas do Milênio, porque senão os países pobres não conseguirão cumprir.

Portanto, vocês têm, mais do que se organizar para cobrar, dentro daquele governo, vocês agora estão envolvidos numa ação globalizada. E, nessa ação globalizada, vocês vão ter que trabalhar muito mais do que já trabalham, para que as coisas que vocês acreditam aconteçam no mundo.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na recepção oferecida pelo prefeito de Paris, Bertrand Delanoë**

**Paris-França, 13 de julho de 2005**

Meu caro Bertrand Delanoë, prefeito da cidade de Paris,  
Senhoras e senhores conselheiros da cidade de Paris,  
Companheiros ministros de Estado e integrantes da minha comitiva,  
Companheiros e companheiras,

Visitar, nesta tarde, o prédio da Prefeitura de Paris é retornar ao palco de eventos históricos da vida da França e desta Paris revolucionária. Amanhã, 14 de julho, terei a honra de participar das comemorações de um desses gloriosos momentos que o povo francês legou à história universal. É um patrimônio de todos aqueles que lutam por um mundo mais solidário e justo.

Foram esses sentimentos que conduziram gerações de brasileiros à luta por melhores condições para os trabalhadores de meu país e para garantir o bem-estar e a dignidade de todos os meus concidadãos. Foi com essa convicção que fundamos o Partido dos Trabalhadores e lutamos pela democracia política e pela justiça social do meu país.

Para muitas gerações de latino-americanos, Paris é um símbolo dessa luta pela liberdade. Liberdade de pensar e liberdade de contestar. Paris acolheu numerosos professores e intelectuais brasileiros, como Jorge Amado, Josué de Castro, Celso Furtado, e tanto outros, impedidos de lecionar e trabalhar em sua pátria. Esta cidade lhes assegurou o direito de serem cidadãos do mundo, no momento em que a repressão e a intolerância haviam tomado conta do meu país.

Aqui, artistas e profissionais brasileiros puderam desenvolver sua arte e seu ofício. Aqui, nossos pensadores puderam aperfeiçoar idéias e solidificar



convicções sobre as grandes questões nacionais, como a luta pelo desenvolvimento e contra a exclusão.

Como no passado, a França continua solidária. Engajou-se na iniciativa internacional contra a fome e a pobreza e apóia os esforços impostos nas Nações Unidas, para tornar a ordem internacional menos desigual e mais legítima.

Aos meus compatriotas, quero dizer que encontrarão aqui mais do que hospitalidade de uma cidade acolhedora e cosmopolita, como a simpatia de um povo que nutre uma amizade secular pelo Brasil. Encontrarão nesta cidade, neste país, um segundo lar, onde poderão aprofundar seus estudos e trabalhos com o benefício do avanço de nossas sociedades.

Vocês, meus compatriotas, são o ponto alto do ano do Brasil na França. As centenas de manifestações da arte e da cultura sendo exibidas (inaudível) a espontaneidade e o calor humano em melhores (inaudível) de solidariedade que aproxima nossos povos e enriquece as já excelentes relações entre Brasil e França.

Bertrand Delanoë, meu caro prefeito, venho agradecer com a única palavra que eu falo em francês: merci beaucoup.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na recepção oferecida pelo Presidente da República Francesa, Jacques Chirac, por ocasião da Data Nacional Francesa**

**Paris-França, 14 de julho de 2005**

Primeiro, quero agradecer ao presidente Chirac e sua esposa pelo tratamento carinhoso que foi dado à delegação brasileira. Segundo, dizer aos franceses e aos brasileiros que estão aqui que, certamente, a relação França-Brasil teve, neste Ano do Brasil na França, um marco nas nossas relações. Certamente, tudo será melhor daqui para a frente.

Eu queria fazer uma confissão, aqui. Eu venho à França desde 1980, tive muita relação com o movimento sindical francês, quando eu era dirigente sindical. Depois, tive muita relação com o Partido Socialista Francês. Quando ganhei as eleições, no Brasil, e vim à França pela primeira vez, eu fiquei imaginando: “como é que será a relação do presidente Chirac com o presidente do Brasil, sabendo que eu era um sindicalista e sabendo que eu tinha uma proximidade com o Partido Socialista?”.

E, agora, o fato concreto do que aconteceu: desde a primeira vez que eu vim aqui, em 2003, na primeira reunião com o presidente Chirac, eu senti que não estava diante de um homem de esquerda ou de direita, que não estava diante de um homem preconceituoso, mas que estava diante de um estadista que sabia tratar a todos com respeito e com muita igualdade.

Foi o presidente Chirac o primeiro presidente a assumir, junto comigo, a luta para combater a fome no mundo. Foi o presidente Chirac que foi a Genebra participar de uma reunião comigo e com o presidente Lagos, do Chile. Foi o presidente Chirac que foi, a convite meu, às Nações Unidas, onde mais de 100 países estavam representados e mais de 50 chefes de Estado e de Governo compareceram, para que nós pudéssemos socializar a luta contra a



fome no mundo.

Não é fácil, é muito difícil fazer com que as pessoas transformem a teoria da solidariedade na prática. É uma coisa difícil. Mas, ao mesmo tempo, eu estou convencido de que nunca, na história recente da humanidade se discutiu tanto a questão da pobreza no mundo. Só no G-8 já discutimos duas vezes. Em Davos, a fome foi tema prioritário durante dois anos seguidos.

Por isso, eu acho que nós já subimos, juntos, alguns degraus e a França, que tem uma história de solidariedade com o Brasil, está demonstrando que, independentemente de quem seja o governo, o coração e a consciência do povo francês é a solidariedade.

Por isso, presidente Chirac, para mim, será inesquecível o que eu vivi na França nesses dias, com a minha comitiva. O carinho do povo francês na rua, o carinho dos brasileiros e dos franceses no show de ontem à noite, o belo espetáculo no desfile do dia 14 de julho, e o carinho que Vossa Excelência e sua esposa dedicaram a mim e à minha esposa estarão guardados para todo o sempre na minha alma, porque os franceses estão ensinando que não existe meia democracia. A democracia tem que ser total e a França a pratica como poucos países do mundo.

Por isso, viva a França e viva o Brasil.





**Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita de Estado à França, por ocasião da Data Nacional Francesa**

**Paris-França, 15 de julho de 2005**

Eu quero cumprimentar os meus companheiros firmados sobre a ponte, e que eu espero que a gente não tenha que visitar, nem a Guiana e nem o Amapá para fazer apenas uma pedra fundamental. Nós temos que ir lá para começar a fazer a obra de verdade.

Quero cumprimentar os representantes do governo francês e quero, outra vez, de público, agradecer o carinho, a gentileza com que o governo francês e o povo francês trataram a mim e a minha delegação.

Foi gratificante participar do 14 de Julho, foi gratificante participar do show, uma verdadeira tomada da Bastilha pelos artistas brasileiros, foi gratificante assistir a queima de fogos na torre Eiffel e foi gratificante saber que a França, cada vez mais, desperta interesse pelo Brasil e que os brasileiros despertam interesse pela França.

Alguns assuntos que nós discutimos já estão em franco andamento. A questão do Haiti é uma questão que interessa à França e ao Brasil, e tenho dito ao presidente Chirac que nós só vamos garantir o processo democrático no Haiti quando nós criarmos as condições de o Haiti se desenvolver. Daí ser necessária a ajuda financeira dos países mais ricos para que a gente possa não apenas fazer eleições no Haiti, mas consolidar uma política de recuperação do país, porque senão não haverá democracia que suporte viver com a miséria absoluta que está existindo no Haiti.

Nós somos agradecidos ao presidente Chirac pelo comportamento da França e pela decisão da França, não só de apoiar a reforma no Conselho de Segurança da ONU, mas o apoio firme que tem dado ao Brasil. Somos



agradecidos ao presidente Chirac por ser um parceiro de primeira hora na luta pelo combate à fome. Ele tem participado e a França tem estado representada em todos os eventos que fazemos para discutir formas para que a gente possa conter a fome no mundo.

Acabamos de discutir a necessidade de criarmos as condições de França e Brasil, juntos, criarem um bom grupo de trabalho para que possamos pensar políticas para a África, ou seja, não apenas pensar projetos de desenvolvimento da África, mas pensar no (inaudível), parceiros de outros países ricos que possam contribuir no financiamento de projetos que possam garantir que a África tenha um maior desenvolvimento.

Ditas estas palavras, eu quero dizer que vamos assinar um acordo, como disse o presidente Chirac, uns acordos que falam da questão dos materiais de serviço em nome da aeronáutica militar, a questão dos aviões, a questão da ponte, a questão de tecnologias avançadas na área espacial, na área do biocombustível, ou seja, nós ainda vamos convencer os franceses de que o etanol é a grande saída para um combustível alternativo, queremos que a França seja parceira nossa na questão da produção do biodiesel, afinal de contas, as indústrias automobilísticas francesas estão no Brasil fazendo experiências na construção de motores a biodiesel. E eu acho que o mundo caminha para não ficar dependente de um combustível fóssil, ou seja, nós achamos que o combustível renovável gera mais emprego, gera crédito de carbono para os países pobres, gera mais riqueza e gera mais independência para todos nós.

Nós queremos discutir com a França, fortemente, a questão do biodiesel, a questão do etanol. Todo mundo sabe que Brasil e França são dois países irmãos e que temos uma profunda divergência, não porque perdemos a Copa do Mundo de 98, porque já ganhamos outra depois disso, mas porque a toda hora que nós discutimos a questão do subsídios agrícolas, diziam os franceses o que pensam. E eu digo sempre: os franceses pensam na sua



situação política e econômica. Mas nós, no Brasil, vamos continuar na OMC, fazendo gestão para que a Europa e os Estados Unidos possam fazer concessões para que os países mais pobres tenham o poder de ganhar alguma coisa.

Quando, presidente Chirac, nós ganhamos na OMC a questão do algodão, o maior beneficiado não foi o Brasil, foram alguns países africanos que têm no algodão a sua principal base da economia. Eu penso que um jeito de pagarmos a dívida que uma grande parte da humanidade tem com os países africanos é a gente criar as condições de eles poderem crescer economicamente, em função daquilo que eles podem produzir em agricultura, é uma das coisas importantes para alguns países africanos.

Queria dizer, na verdade repetir, uma coisa que eu disse ontem: eu penso que depois deste ano em que a França permite que o Brasil ocupe as suas esquinas, os seus teatros, as suas praças, as suas lojas, os seus jornais, as suas televisões, neste momento em que a França permite isso, eu queria dizer que a relação entre França e Brasil será outra daqui para a frente.

Eu penso que muito mais do que o interesse do Presidente do Brasil, e muito mais do que o interesse do Presidente da França, porque nós somos passageiros, eu penso que há uma consciência crescente no povo francês e no povo brasileiro de que nós poderemos fazer muito mais se acreditarmos mais nas nossas relações. Ter uma balança comercial de apenas 4 bilhões de dólares é muito pouco para um país do tamanho da França e para um país do tamanho do Brasil.

Eu espero que com a ponte e com os dois parques que vamos fazer do lado da Guiana e do lado do Amapá, lá no Oiapoque, eu espero que muitos turistas de outros países que vêm para a França, que estão preocupados em viajar uma parte do mundo para conhecer a biodiversidade da Amazônia, aí eles vão poder ir à Guiana, e da Guiana atravessar a ponte, que nós pretendemos inaugurar, e vão visitar o Amapá. Ou seja, nós vamos poder



desenvolver essas duas regiões com mais rapidez, com muito mais, eu diria, disposição. Eu estou convencido de que será, para a história da França e para a história do Brasil, um passo extremamente importante essa construção da ponte, porque coloca o Brasil numa fronteira com ligação direta, com 700 quilômetros de fronteira, com um dos países mais importantes da Europa, e coloca um país da Europa numa fronteira com o mais importante país da América do Sul. Portanto, eu acho que juntou a fome com a vontade de comer, basta que a gente tenha a disposição de fazer essas coisas acontecerem.

Acho que o passo que estamos dando é um passo extremamente importante. Eu tenho dito para todos as pessoas que eu posso falar, todos os dias, que o mundo caminha de forma muito rápida, para que a gente não permita que no século XXI a gente cometa os mesmos erros que foram cometidos no século XX. Que a história sirva para permitir que avancemos nas nossas relações. Neste mundo globalizado, neste mundo em que as grandes potências econômicas têm um certo domínio, o Brasil tenta, junto com outros parceiros, criar as condições de uma certa igualdade para discutirmos fóruns multilaterais, como é o caso da construção do G-20, que permite ao Brasil chegar na OMC com um pouco mais de força, um pouco mais de garra e, quem sabe, isso vá sensibilizando os governos dos países mais ricos e daqui a pouco nós estaremos também com uma relação comercial mais equânime, mais justa, para permitir que todos sobrevivam.

Quero dizer, presidente Chirac, que volto, daqui a duas horas ou duas horas e meia, estarei regressando ao Brasil, e volto com a alma feliz de perceber que Brasil e França deram um passo extremamente importante.

Eu não poderia terminar sem agradecer às pessoas que trabalharam para isso, ou seja, as pessoas que se dedicaram do lado francês para que neste ano o Brasil tivesse sucesso, as pessoas que trabalharam do lado brasileiro, o nosso embaixador, o nosso Ministério das Relações Exteriores, o nosso querido Gilberto Gil, que acreditou nisso o tempo inteiro, que ficava



brigando, às vezes, por pouco dinheiro para que a gente pudesse acreditar. Não pense que foi uma decisão fácil trazer os nossos militares aqui porque tudo isso custa pouco dinheiro. Mas o pouco dinheiro, para nós, significa muito. Mas eu fiquei extremamente orgulhoso porque aquela Banda dos Fuzileiros Navais que o senhor viu desfilar ali é uma das melhores do mundo, tem ganho prêmios. É uma pena que seja proibido, em Paris, acrobacias, porque aqueles nossos pilotos são mestres, são motivo de orgulho. Lá em Brasília nós ainda não proibimos, eles passam em cima da nossa cabeça a toda hora. Quando dizem que Deus é brasileiro, nunca aconteceu um acidente, e Deus queira que não aconteça.

Então, eu quero agradecer aos brasileiros que trabalharam para que este ano fosse o que foi. Eu penso que a alegria do povo, estampada na rua, é uma demonstração de que o Oceano Atlântico não nos dividirá, quem sabe ele seja uma extensão da nossa relação humana. E eu penso que é isso, eu penso que o mundo está ficando menor e, portanto, nós temos que ser mais humanos, nós temos que ser mais solidários, nós temos que ser mais generosos e eu acho que a França pode, como consciência política da Europa, ajudar para que mais países acreditem nisso e trabalhem para que a gente possa ajudar aqueles que não tiveram a mesma sorte e que ainda estão vivendo situações de atraso.

Portanto, presidente Chirac, de coração, mais uma vez obrigado pelo tratamento que dedicaram a mim e ao povo brasileiro que tem, esses dias, freqüentado Paris e a França, e aos que vão freqüentar também.

Dito isso, eu só posso dizer: *merci*.

***Respostas do Presidente Lula a perguntas de jornalistas franceses***



**Presidente Lula:** Eu penso que o presidente Chirac tem razão. Eu penso que os três dias que nós passamos aqui foram demasiadamente fortes para que vocês tenham dezenas de perguntas a fazer sobre a relação Brasil/França. E dos problemas internos da França, quando eu for embora, o presidente Chirac trata. E dos problemas do Brasil trataremos, com muito prazer, quando chegarmos ao Brasil.

**Presidente Lula:** Um dado importante é que, na última reunião da OMC, a proposta do G-20 foi considerada boa, com uma boa base para negociação pela Europa e pelos Estados Unidos. De forma que eu acho, primeiro, entender que negociação é uma coisa sempre muito difícil. Eu passei a minha vida negociando quando eu era dirigente sindical e, às vezes, para arrancar 1% no acordo sindical, levava meses, e às vezes a gente não conseguia 1%, conseguia meio por cento.

É normal que cada país defenda o seu interesse, é normal que cada um queira defender a sua estrutura produtiva, nós compreendemos isso, o Brasil também quer defender a nossa, mas é normal também que todos nós estejamos caminhando com passos largos para compreendermos que gestos têm que ser feitos para que a gente possa permitir que participem do mundo econômico, do desenvolvimento, a parte mais pobre do Planeta. Eu penso que o tempo vai se encarregar, nós vamos continuar reivindicando. De repente, vai a França reivindicar uma coisa que o Brasil não quer ceder; de repente, vai o Brasil reivindicar outra que a França não quer ceder e, nessa luta de classes, em algum momento, alguém vai ceder e estará feito o acordo.

Eu estou convencido de que a Rodada de Doha pode trazer avanços enormes para o comércio mundial. Eu sinto que as pessoas estão ficando mais maduras, eu sinto que as pessoas estão ficando mais preparadas, eu sinto que a questão da miséria tem mexido com a cabeça dos governantes. Eu quando



falo que há avanços é porque, primeiro, eu nunca imaginei ir para uma reunião do G-8. Já fui a duas. Eu nunca imaginei que fossem discutir a questão da fome no G-8. Já discutimos duas vezes. Nunca imaginei que em Davos pudessem discutir a questão da fome. Já discutimos duas vezes. Portanto, eu acho que as coisas têm avançado, não com a necessidade que têm os que passam fome no mundo ou com a pressa que eu tenho, mas é uma política de convencimento.

Não existe nenhum ser humano que possa fazer, por decreto, uma decisão e os países a cumpram, ou seja, é uma política de convencimento, e eu acho que nós estamos avançando. E acho que, na questão agrícola, nós vamos avançar, certamente não tanto quanto o Brasil gostaria. Não ficaremos também no patamar dos países mais ricos, vamos ter pequenos avanços e, de ambos os lados, vamos conquistar maiores oportunidades de negócios. É assim que eu vejo, é assim que acredito. Eu poderia não fazer assim, eu poderia voltar para o Brasil e continuar dizendo: “não, porque os países ricos são culpados e não querem ceder”. Ninguém cede nada por ceder. Nós queremos conquistar e estamos trabalhando para conquistar, estamos fazendo as negociações para conquistar. Por isso, estamos juntando os países, fazendo reuniões, discutindo similaridades e concluímos com o G-20, que passa a ter uma força muito grande nas negociações com a OMC.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração dos 50 anos da Alstom no Brasil**

**Taubaté-SP, 19 de julho de 2005**

Excelentíssimo senhor governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin,

Excelentíssimo companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho,  
Excelentíssimo senhor Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Senhor José Luiz, presidente da Alstom do Brasil,

Meu caro Roberto Pereira Peixoto, prefeito de Taubaté,

Meu querido Paulo Godoy, presidente da Abdib,

Deputada Angela Guadagnin,

Deputados Ary Kara e Júlio Semeghini,

Meu caro Carlinhos,

Meus queridos prefeitos da região,

Prefeitos e prefeitas,

Vereadores e vereadoras da região,

Senhores empresários,

Meus queridos companheiros e companheiras metalúrgicos da Alstom,

Primeiro, a alegria de entrar numa fábrica e ver um torno do tamanho com que eu sempre sonhei trabalhar e nunca trabalhei. Eu fiquei com uma vontade de... mas já faz alguns anos que eu não manuseio, então eu resolvi não ficar tentado. Mas, só pelo fato de sentir o cheiro da graxa, já estava bom.

A alegria de ver uma fábrica funcionando. Quando nós vemos uma fábrica funcionando, todos nós somos tomados da certeza de que algo vai bem naquele lugar. Eu, que já vivi momentos de excepcionalidade de crescimento da economia neste país e, diga-se, contraditório com a política que vivíamos,





com muita ausência de democracia. E, depois, eu, que vivi tantos períodos em que a gente não via nunca mais uma placa: “precisando de um trabalhador”.

Aliás, eu acho que muitos, na idade de vocês, nunca viram uma placa na porta de uma fábrica: “precisa-se de torneiro, de fresador, de soldador, de mandrilhador, de secretária”. Nunca, isso desapareceu, durante muitos e muitos anos. E, recentemente, eu comentava com um grupo de companheiros que eu vi uma placa: “precisa-se”. O que significa isso, claramente?

Meu querido Marinho, que eu tirei, tomei emprestado da CUT para ser ministro do Trabalho, sabe que a categoria metalúrgica é uma categoria que nesses 30 meses de governo já recuperou quase 300 mil postos de trabalho. Nós que, ao longo dos últimos 15 anos, tínhamos perdido quase um milhão e meio de trabalhadores, no Brasil inteiro, já recuperamos 300 mil postos de trabalho na área da metalurgia.

Outro dia fui na Nuclep, uma empresa que foi construída com base na construção das nossas usinas nucleares e que estava praticamente abandonada porque houve quem quisesse vendê-la para a Souza Cruz, porque achava que ela não era mais necessária, com 1.600 metalúrgicos. E, quando eu cheguei lá, tinha meninas de 18, 19, 17 anos, aprendendo a ser soldadoras, aprendendo a ser torneiras mecânicas, aprendendo a ser ajustadoras, e de vez em quando uma pegava na minha mão, beijava e falava “Presidente, obrigada pelo primeiro emprego”. Eu senti a sensação que eu tive quando eu arrumei meu primeiro emprego: fábrica de parafusos Marte, Vila Carioca, capital de São Paulo, lugar que o Alckmin certamente conhece, na divisa com São Caetano.

Eu tinha um sonho de ser mecânico, mas nem sabia o que era mecânico. Eu só via meu irmão cheio de graxa, meu irmão era mecânico de carro. E me levaram para essa fábrica de parafusos Marte, e eu comecei a trabalhar no meu primeiro dia, o macacãozinho que a minha mãe tinha feito, cortado de um irmão meu que trabalhava na Parada Taipas, em uma fábrica de peneiras. Minha mãe cortou o macacão, eu saí para trabalhar num orgulho



tremendo, aquele macacão, uma conga – não sei se vocês estão lembrados de conga – e fui trabalhar. Eu andava, acho, uns mil e poucos metros da minha casa até a fábrica, mas o orgulho era como se eu tivesse indo para o céu. Cheguei lá, era uma fábrica de parafusos, e me colocaram para catar pedacinho de ferro que caía; cortavam o ferro na prancha, sobravam uns pedacinhos e mandavam eu catar. E eu fiquei a manhã inteira catando pedacinho de ferro e jogando em um latão. Aí, apitou para o almoço, e eu estava limpo. Eu queria ser mecânico, e mecânico significava... eu precisava estar sujo.

Eu me lembro como se fosse hoje, eu cheguei em uma lata, um latão de óleo que era utilizado para temperar peças, acho que alguns de vocês sabem, cheguei naquele latão de óleo preto e falei: “a minha mãe não vai se arrepender de ter me colocado...”. Meti a mão no óleo, lambrequi todo o macacão para andar naquela rua e todo mundo ver que eu era mecânico. Eu nem sabia o que era torno mecânico, eu só queria ser mecânico. Para mim, tudo era mecânico. E, seis meses depois, eu fui para o Senai e tive o prazer de aprender a profissão de torneiro mecânico, que me permitiu ser o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão. E, por conta de ter a profissão, eu fui o primeiro a ter uma casa. Por conta de ter uma profissão, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro. Tudo isso porque eu aprendi uma profissão.

Por isso que eu fiquei emocionado quando entrei e senti o cheiro – apesar de a fábrica estar limpa, porque o pessoal limpou para eu vir para cá – mas eu fiquei feliz, alegre, sabendo que, desta fábrica, milhares de pessoas sustentam suas famílias, cuidam da educação dos seus filhos, planejam o futuro sem dar muita importância a tantas coisas que acontecem neste país, coisas até que não deveriam acontecer, mas que acontecem. E que esse povo fica se perguntando: quando é que o Brasil vai, definitivamente, aproveitar os bons momentos que tem?. Porque nós nascemos e vivemos de esperança, nós nascemos e vivemos de produzir expectativas e expectativas positivas.



Quando a gente acorda “azedo” de manhã, quando a gente acorda mal-humorado, porque alguma coisa não deu certo, vocês já repararam que a gente passa o dia inteiro mal? Chega no escritório, chega na fábrica, fala um bom dia com a voz ruim, não comenta a derrota do São Paulo, a vitória do Corinthians. Então, em penso, governador... eu fui uma vez numa cidadezinha, eu não sei se é chamada Iracenópolis, lá para o lado de Ribeirão Preto, e tinha um prefeitinho lá chamado Caju. Ele me contou uma história tão fantástica que é dessas coisas contadas de forma humilde, que faz a gente pensar coisas grandes.

Ele me contou uma história que eu quero contar para vocês. Ele era casado e tinha vários filhos, ele era um negro alto, jovem ainda, já tinha lá uns três, quatro filhos casados, e resolveu ser candidato a prefeito, ele era pedreiro. E todo mundo dizia: mas você vai ser candidato a prefeito? Você é pedreiro rapaz, você deixou de cortar cana, foi ser pedreiro, e quer ser candidato a prefeito? E ainda era xingado porque ele era de cor e era palmeirense, o pessoal achava que ele tinha que ser corinthiano, santista ou sei lá.

E esse rapaz foi para a campanha, e todo mundo xingava ele, gozava dele, avacalhava com ele. E ele estava lá, trabalhando, trabalhando, trabalhando. Faltavam uns três meses para as eleições, uma namorada que ele teve de pequeno, de adolescente, ficou viúva e ele então resolveu largar mulher e casar com aquela mulher que era a paixão da vida dele. E o pessoal dizia, os assessores diziam: “você é louco. Caju, faltam três meses para as eleições, como é que você vai largar a sua mulher e vai casar com outra? Ele dizia: “olhe, um homem não pode perder as oportunidades que se apresentam na sua vida, eu sou casado, é verdade, mas a minha paixão por aquela mulher eu tenho desde que eu era criança e ela agora se apresentou na minha frente desimpedida, eu vou casar e vou ganhar as eleições”. Largou a mulher, casou e ganhou as eleições. E não precisou deixar de ser palmeirense. E ele dizia para mim: “sabe por que eu ganhei Presidente?” Ele não me chamava de



Presidente não, era de Lula mesmo. “Sabe por que eu ganhei Lula? Porque o homem tem que ser do tamanho do seu sonho, o homem tem que pensar grande, ele tem que pensar até maior do que ele, porque se ele pensar pequeno, ele não será ninguém. Eu era um cortador de cana, um pedreiro, pensei grande, disse que ia ganhar, ganhei e ainda reencontrei a paixão da minha vida e estou feliz da vida”.

Você quer coisa mais bonita do que a gente pensar grande? Do que a gente acordar todo dia de manhã com a fé que a gente tem, tentando construir um dia mais otimista, mais positivo, passar para a mulher, passar para os filhos? É isso, meu caro José Luiz, meu caro Godoy, que vocês sabem que eu tenho que fazer neste país.

Porque tem um tipo de gente que se chove, enche São Paulo, culpa o prefeito; perde a lavoura, culpa o presidente; acontece uma outra coisa, culpa o governador; depois faz seca, outra vez culpa todo mundo. Ou seja, acontece uma coisa na Bolsa de Nova Iorque e dá um problema em qualquer outro país, todo mundo paga o preço. E eu tenho provocado a boa provocação para os empresários, o Godoy e o José Luiz sabem disso, é que é preciso que a gente acredite neste país, mas acredite com uma convicção como a gente acredita em Deus e acredita na família da gente. Este país será do tamanho que a gente quiser que ele seja.

Houve um tempo em que se acreditou que era possível acabar com as ferrovias e só fazer rodovias, quando era mais fácil pensar que podiam ter os dois. Houve um tempo em que se pensou que era muito mais fácil importar tudo o que a gente antes produzia aqui, quando era mais fácil a gente estimular os avanços tecnológicos internos e produzir aqui.

O José Luiz e o Godoy sabem da briga que eu tive com a Petrobras, em 2002, para provar que era possível fazer plataforma no Brasil. Houve até matéria paga dizendo que não era possível, que o Brasil não tinha tecnologia. E, hoje, o Brasil vai produzir as plataformas quase que totalmente aqui,



dinheiro que antes a gente mandava para a Noruega. Não que eu não queira bem à Noruega, eu adoro a Noruega. Mas amo o povo brasileiro e quero que ele tenha os empregos aqui dentro.

Este país não produzia mais vagões. Este país, há pouco tempo atrás, estava comprando vagão usado da China para reformar aqui dentro. Aliás, a gente tinha desaprendido a produzir trilho. E, hoje, as empresas que produzem vagões, já têm 10 mil vagões encomendados. Tem gente que já está com a produção garantida por alguns anos. E, se Deus quiser, vão ter muito mais, porque é a combinação perfeita de um sistema intermodal de transporte, combinando o transporte fluvial com o ferroviário e o rodoviário que dará a este país a dimensão da grandeza que nós temos.

A grandeza do Brasil não está na sua extensão territorial, está na grandeza do comportamento da nossa gente, da capacidade de produzir da nossa gente, da capacidade de pensar da nossa gente, na qualidade da escola dos nossos filhos. É isso que dá dimensão a um país.

E o que nós estamos vivendo agora é exatamente isso: um momento excepcional na vida do país. E que pode ser muito melhor se nós acreditarmos que ainda falta dar mais 50% do potencial que a gente tem para dar.

Porque, normalmente, tem um tipo de gente que reclama de tudo, quando deveria ir à luta. E a luta significa a gente acreditar e fazer as coisas, significa a gente acreditar e fazer os investimentos necessários.

Era quase impossível fazer, por exemplo, as PPPs, estão feitas. Está feito o Fundo Garantidor. E, agora, estamos na boa provocação de provocar empresários a fazerem parceria de verdade e construir o que falta.

Não vamos ficar apenas lamentando o que aconteceu ontem, vamos decidir o que fazer amanhã, o que fazer depois de amanhã. E nós sabemos que sem energia nenhum país do mundo se desenvolve. E nós temos condições de fazer infinitamente mais do que nós fazemos hoje.

E os empresários sabem que eu não tenho feito outra coisa, aqui e lá



fora, a não ser provocar o bom debate, para que a gente aproveite a oportunidade e transforme o Brasil, definitivamente, numa Nação desenvolvida.

Eu estou cansado, eu estou com 59 anos de idade. Há uns 20 anos atrás a gente falava: o Brasil é um país subdesenvolvido. Depois, entramos na área do país em desenvolvimento. Agora, estamos na área dos emergentes. Mas a gente joga muita oportunidade fora, muitas. Eu não vou relatar aqui para vocês, mas joga-se muita oportunidade fora. De vez em quando se inventa uma fantasia e fala “agora vai”, e no dia seguinte as pessoas acordam, devendo mais do que foram dormir e não sabem o porquê. E ninguém se responsabiliza por isso.

Então eu sou daqueles que, como eu acho que tudo na vida que a gente conquista é com muito sacrifício, muito, não tem nada que a gente conquiste que não seja às custas de muito sacrifício. Eu, de vez em quando, digo o seguinte: eu sou de uma terra – aqui devem ter alguns daquela terra – que quando a gente não morre até os cinco anos de idade, a gente pode ir para a frente. Eu sou daqueles que conheci pão quando eu já tinha sete anos de idade. E chegamos onde chegamos, em uma perspectiva de que este país pode dar um salto de qualidade se a gente não pensar em um mandato, se a gente não pensar em uma eleição, mas se a gente pensar em uma nação para daqui a dez, 15 ou 20 anos. O que nós queremos construir de verdade? Para isso, temos que apostar na construção de energia, que não é uma coisa que a gente pensa hoje e acontece hoje; pensa hoje para acontecer daqui a dez ou 15 anos, mas alguém tem que dar o pontapé inicial. Imagina se um casal resolvesse ter um filho e ele, apressado, nervoso, já quisesse ter um filho de 20 anos. Não ia ter. Ele tem que começar do zero, aí, com nove meses nasce, depois aprende a andar, aprende a engatinhar, e vai embora. O Brasil é isso.

Eu estou convencido de que nós estamos no momento exato para dizer ao mundo o que é que nós queremos, para dizer ao mundo o que é que nós queremos ser. Qual é a relação que nós queremos ter? Qual é a importância



que o Brasil vai ter nessa geografia comercial, mundial, em que meia dúzia manda e desmanda?

Para isso, a Nação precisa ter gente que goste deste país, gente que não seja pequeno, gente que não permita que a pequenez, que um pensamento da próxima eleição ou da outra eleição possa desencaminhar este país. O Brasil é o único lugar do mundo onde, mesmo o companheiro de partido que elege o seu sucessor, fica torcendo para ele não dar certo, para ser pior do que ele. É, muitas vezes, o comportamento da mediocridade, não tem nada similar no mundo. Não sei se na França é assim, mas no Brasil é. As pessoas ficam torcendo e trabalhando para que não dê certo. “Ah! Porque eu só posso ganhar uma eleição se o prefeito, se o governador, se o presidente, se o vereador fracassar. Se ele der certo, eu não vou ganhar.” Então, a pessoa trabalha pelo negativo, quando se deveria trabalhar pelo positivo. Até porque, enquanto políticos, nós somos passageiros, os mandatos têm prazos determinados. Agora, o povo brasileiro, não. A sociedade é infinita porque embora nós morramos, nós renascemos nos nossos filhos, e a coisa continua.

Então, quando esta empresa completa 55 anos de vida, atravessando todas as crises que o Brasil atravessou, com estes trabalhadores com esta cara sadia – se tiverem que pedir aumento de salário, deixa eu sair daqui primeiro, para vocês pedirem, não peçam na minha frente. Nós vivemos um momento no Brasil em que as pessoas tinham vontade de trabalhar e não tinha emprego. Hoje, o cara coloca o macacão e fala “eu”, porque o trabalhar é a cidadania completa. Se você não trabalha, não pode comprar as coisas para dentro de casa. Tem algo mais gostoso do que um adolescente arrumar seu primeiro emprego e não precisar pedir mais 10 “real”, como eles falam dentro de casa, para o pai ou para a mãe, que fazem discurso antes de dar os 10 “real”? Tem coisa mais gostosa do que uma menina de 17, 18 ou 19 anos arrumar um emprego, ganhar o seu salário e não ter que pedir nada para comprar, não ter que pedir ao pai ou à mãe? Essa é a cidadania plena que o



emprego permite, que o crescimento econômico permite, que o crescimento de uma Nação permite.

É por isso, meu caro, que eu, como o Alckmin, sou do tempo da mecânica pesada, quero dizer para vocês da alegria de poder participar, aqui neste picadeiro, um picadeiro bonito, onde vocês são os artistas e nós somos os espectadores, dizer de uma empresa que deu certo, uma empresa que acredita neste país e uma empresa que não fez o sacrifício de fazer as parcerias e os investimentos.

E quero aqui fazer um elogio ao Abdib, porque Abdib tem feito um esforço incomensurável para contribuir, não como governo, seja ele estadual, federal ou municipal, mas contribuir com umas boas propostas para que as coisas possam andar. Eu, hoje, tive duas notícias boas. Furlan me liga de manhã: as nossas exportações em 12 meses chegaram a 109 bilhões de dólares, está pertinho de chegar aos 110 bilhões de dólares. E hoje o Marinho me deu a segunda boa notícia: nesses 30 meses, o Brasil já gerou 3 milhões, 135 mil empregos de carteira profissional assinada, coisa que a gente não via desde o fim dos anos 80. Quer algo mais promissor do que isso? Quer algo mais fantástico do que a expectativa de que este país vai continuar crescendo? Vai gerar emprego? Sabe, vocês vão continuar trabalhando, produzindo, sustentando a família. Este, eu tenho certeza que não é apenas o meu Brasil, este é o Brasil de vocês, este é o Brasil que somente juntos nós poderemos construir.

Meus parabéns, meu caro José Luiz, pela Alstom, e meus parabéns a todos os trabalhadores desta grandiosa empresa brasileira.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração da ampliação da fábrica LG Eletronics**

**Taubaté-SP, 19 de julho de 2005**

Excelentíssimo senhor Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo,

Senhor Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,

Senhor Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Senhor Park, presidente mundial da Área de Celulares da LG Eletronics,

Senhor Cho, presidente da LG Eletronics do Brasil,

Senhor Roberto Peixoto, prefeito de Taubaté,

Deputada Angela Guadagnin,

Deputado Ary Kara,

Deputado Júlio,

Falta nomes de deputados aqui, mas vamos passar.

Waldir Pinheiro, Carlinhos,

Senhor João Carlos de Souza Meireles, secretário de Ciência e Tecnologia, Desenvolvimento Econômico e Turismo de São Paulo,

Senhores prefeitos da região,

Senhores e senhoras vereadores,

Senhores e senhoras empresários,

Meus amigos e minhas amigas funcionários da LG Eletronics do Brasil,

Jornalistas presentes,

Companheiros e companheiras

Eu gostaria, em primeiro lugar, apesar de ser corinthiano, de dar os parabéns à LG por patrocinar o São Paulo Futebol Clube, que se sagrou tricampeão da Libertadores. E como não tive tempo, na ocasião, lamentar



profundamente os acontecimentos depois do jogo, na Avenida Paulista, quando algumas pessoas fizeram feio diante da beleza que o São Paulo tinha feito dentro do estádio de futebol, depredando a Avenida Paulista.

Vamos ao discurso, agora. A economia brasileira cumpriu um ciclo bem-sucedido que nos convida a avançar, contribuindo para a ampliação do setor produtivo e do desenvolvimento nacional.

A inauguração desta nova unidade de produção da LG, uma potência global na fabricação de produtos eletrônicos e de comunicação, é prova concreta de que estamos no caminho certo.

Este investimento que permitirá à LG mais do que duplicar a fabricação de telefones celulares, num total de 500 mil aparelhos por mês, e criar 500 novos empregos diretos e 450 indiretos, é muita coisa, principalmente se levarmos em conta que essa ampliação permitirá à LG, que já é líder de mercado nos segmentos em que atua, aumentar significativamente sua pauta de exportação. É por isso que faço questão de, mais uma vez, afirmar: vale a pena investir em projeto de expansão industrial no Brasil.

Essa convicção orienta o conjunto das medidas econômicas que estamos implementando com o objetivo de gerar emprego e desonerar o investimento produtivo, durante décadas penalizado no sistema tributário nacional.

Equipamentos e bens de capital essenciais à expansão da economia estão agora totalmente isentos de IPI. Suspendemos, também, a cobrança do PIS/PASEP e COFINS para empresas com forte perfil exportador que poderão, assim, investir em máquinas e equipamentos sem recolher tributos, adicionando fôlego extra ao nosso comércio exterior.

Com o mesmo objetivo de acelerar a competitividade da economia, determinei também medidas complementares à nossa Lei de Inovação Tecnológica de 2004. Aliás, eu quero parabenizar os deputados aqui presentes pela dedicação para que essa lei fosse aprovada o mais rápido possível.



Agora, empresas que investirem em pesquisa, seja de produtos ou de processos, vão desfrutar de benefícios tributários. Mais importante, ainda, determinei a criação de uma subvenção especial do governo federal às empresas que contratarem mestres e doutores, que terão, assim, o custo de sua remuneração compartilhado pelo governo.

Meus amigos e minhas amigas.

Todos vocês sabem muito bem que fomos eleitos para inaugurar um novo ciclo de desenvolvimento sustentável neste país. Fizemos, de início, os ajustes e reformas necessários para combater os graves desequilíbrios que constroem nossa economia em décadas.

Essas medidas, tomadas em 2003, muitas delas amargas, eram imprescindíveis. Vivíamos, então, sob grave ameaça de escalada inflacionária, os juros reais, o câmbio e o risco-Brasil estavam em um patamar extremamente elevado. Tudo isso afugentava investimentos e agravava as causas da estagnação econômica registrada nos anos anteriores.

Superamos, com êxito, esse período de ajustes e ingressamos, em 2005, estimulados pelos êxitos obtidos nos dois anos anteriores. Implementamos uma política fiscal forte e responsável, pois estávamos e continuamos convencidos de que o país tem condições de continuar crescendo com estabilidade. Mantivemos o controle da inflação e aumentamos nossas exportações com a política ousada de comércio exterior. Isso fez com que o Brasil alcançasse o melhor desempenho econômico dos últimos dez anos. Crescemos à taxa de 5% e registramos um saldo em nossa balança comercial superior a 33 bilhões de dólares. Tudo indica que vamos prosseguir em linha ascendente. Prova disso é que só na segunda semana deste mês, de 4 a 10 de julho, nossas exportações alcançaram um total de 2 bilhões, 680 milhões de dólares, maior valor semanal registrado de janeiro até agora. No acumulado do ano, as exportações já somam 57 bilhões de dólares, valor 23,7% superior ao do período de janeiro a julho de 2004, equivalente a 46 bilhões de dólares.



Os 3 milhões e 135 mil novos postos de trabalho com carteira assinada, criados nos 30 meses do nosso mandato, junto com outros indicadores de inclusão social, são provas concretas de que está havendo efetiva mudança social no nosso país.

Meus amigos e minhas amigas,

Continuamos fazendo um esforço gigantesco para superar as vulnerabilidades do passado e estamos avançando com muita firmeza. Os trabalhadores, os empresários e o conjunto das forças progressistas deste país sabem que qualquer que seja o indicador pelo qual se avalie a economia brasileira, hoje, estamos em um patamar muito mais promissor. Isso vale tanto para as grandes quanto para as micro e pequenas empresas, que estão prontas para crescer e ampliar suas atividades.

Vivemos, portanto, um novo ciclo que, esperamos, seja duradouro para o crescimento de investimentos. É nítida e incontestável, por exemplo, a melhoria no perfil de importantes setores da nossa indústria. As grandes empresas estão com liquidez e exibem uma sólida base operacional e financeira raramente desfrutada antes. O endividamento industrial caiu, a margem de lucro aumentou e, de acordo com o IBGE, os indicadores da indústria mostraram a ampliação da produção em 13 dos 14 locais investigados em maio de 2005, frente a maio de 2004.

Mas a política mais auspiciosa, pelo fôlego que ela adiciona ao horizonte do desenvolvimento, é de que a rentabilidade do investimento produtivo, ou seja, o lucro efetivo em áreas importantes da indústria, chegou a 28% no primeiro trimestre deste ano, contra 24% em igual período de 2004. Portanto, a verdade é que o retorno hoje obtido na produção de muitos setores já é superior à rentabilidade das aplicações financeiras, apesar dos nossos juros ainda estarem altos.

Em outras palavras, estamos diante de um incentivo ao investimento produtivo que tem mudado a dinâmica da nossa economia. Produzir, para



muitos setores, já é melhor do que deixar dinheiro parado só rendendo juros e essa vantagem tende a aumentar cada vez mais, na medida em que o esforço no combate à inflação tem dado bom resultado, o que nos autoriza a avançar no crescimento com muita estabilidade. A economia brasileira está preparada, como nunca esteve nos últimos anos, para prosseguir nesse novo ciclo vigoroso e virtuoso de investimentos.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu acabo de regressar de uma viagem à Coréia, feita em maio deste ano, e pude ver que o sucesso da Coréia não é apenas o sucesso de estar perto do Japão ou estar no mundo asiático. O sucesso da Coréia foi a visão do governo coreano nesses últimos anos, de acreditar que a Coréia só poderia atingir o padrão de desenvolvimento que atingiu, o padrão de inovação tecnológica que atingiu, se acreditasse num investimento chamado educação, que aqui no Brasil, de vez em quando, se fala em gasto quando vai se colocar dinheiro na educação.

Pois bem, eu quero dizer a vocês que os nossos amigos coreanos da LG, que já conhecem o Brasil de Manaus, já conhecem o Brasil de Taubaté, já devem ter sentido duas coisas importantes: primeiro, eles vão perceber que possivelmente ainda não tenhamos a média do povo brasileiro, a média da formação do povo coreano, com todo respeito ao povo coreano, que nos tratou com uma fidalguia exemplar, certamente vocês vão perceber que a criatividade do povo brasileiro é inigualável com qualquer outro povo do mundo. Eu não sei se é por causa do samba, não sei se é por causa do carnaval, não sei se é por causa do futebol, não sei se é por causa da mistura da África com português, com o índio, sabe, que a criatividade do povo brasileiro supera qualquer outro povo e, certamente, vocês sentiram isso no resultado da capacidade produtiva por trabalhador nesta nova fábrica que estamos inaugurando agora. E por conta de acreditar que a criatividade do povo brasileiro, misturada a uma boa formação escolar e profissional, vai tornar o Brasil ainda mais competitivo e



ainda mais atraente para que outras pessoas venham investir aqui.

É por isso que nós mandamos para o Congresso Nacional o projeto do FUNDEB, ou seja, que tem a possibilidade de incluir novos 17 milhões de brasileiros na escola, que vai da pré-escola até o ensino técnico. É por isso que nós estamos criando mais três universidades federais, uma no Recôncavo Baiano, uma na grande Dourados e uma de Tecnologia no ABC Paulista, que tanto precisava de uma universidade de alta tecnologia.

Estamos criando 32 extensões de universidades federais, que normalmente são em cidades importantes ou nas capitais, para os lugares mais pobres do país. Estamos levando extensão das Federais para o Vale do Jequitinhonha, para o Vale do Mucuri; em Garanhuns vai começar a funcionar a universidade agora, em setembro; levamos para o Vale do São Francisco.

Estamos interiorizando as universidades porque nós achamos que a chegada de universidade numa cidade é a possibilidade de o desenvolvimento caminhar junto com essa universidade.

E estamos, inclusive, até dezembro do próximo ano, nos propondo também, além das 32 extensões de universidades federais, estamos nos propondo a criar 32 novas escolas técnicas neste país, para que a gente possa formar a nossa mão-de-obra, para que ela não sinta inveja e se sinta tão competitiva quanto qualquer outro trabalhador de qualquer parte do Planeta.

Quero dizer aos diretores da LG que é uma alegria imensa, uma alegria extraordinária saber que essa empresa fez uma opção pelo Brasil, e fez uma opção de uma parte no Norte do país que precisa de desenvolvimento, outra parte no estado mais desenvolvido do Brasil, que é São Paulo. E, dentro de São Paulo, realmente, escolheu um lugar privilegiado, porque não é todo dia que alguém pode montar uma empresa no Vale do Paraíba, tão perto dos três centros, dos maiores centros consumidores do país: Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

E quero dar os parabéns a vocês, porque vocês estão fazendo mais do



que investimento, vocês estão fazendo um convite aos empresários brasileiros de fazerem investimento e acreditarem que o que a gente tem que fazer nesse instante para que a gente possa colher, daqui a alguns anos, aquilo que nós plantamos agora.

Eu tenho dito, desde o dia em que tomei posse: é preciso, de uma vez por todas, parar com o pessimismo neste país. Tem gente que se levanta reclamando da vida, vai dormir reclamando da vida, sonha com coisa ruim e acorda de mau humor. Não é possível, ninguém consegue construir nada positivo se a gente não acreditar.

Este país tem uma chance exemplar, este país tem uma chance extraordinária de dar um salto de qualidade e nunca mais voltar a ser aquilo que ele já foi: cresce um ano, decresce três; cresce dois, decresce quatro; cresce cinco, decresce dez. Nós já cansamos desse período.

É preciso, definitivamente, a gente acreditar, da mesma forma que a LG, lá da Coréia, resolveu acreditar neste país. É importante que os empresários brasileiros não deixem para fazer amanhã o que eles podem fazer hoje. Invistam, porque o Brasil precisa de vocês e porque vocês precisam do Brasil.

Muito obrigado e parabéns à LG.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na aula inaugural do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem)**

**Recife-PE, 20 de julho de 2005**

Excelentíssimo senhor governador do estado de Pernambuco, Jarbas Vasconcelos,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, que eu tomei emprestado da CUT para assumir o Ministério do Trabalho e Emprego no Brasil,

Minha querida Márcia Lopes, ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Beto Cury, secretário Nacional da Juventude,

Meu querido companheiros Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Senhora Maria José Feres, coordenadora nacional do ProJovem,

Senhora Maria Luiza Aléssio, coordenadora local do ProJovem,

Meus queridos jovens, homens e mulheres do meu querido estado de Pernambuco e do meu querido país,

Meu querido companheiro Humberto Costa, nosso sempre ministro da Saúde deste país,

Nosso querido Armando Monteiro, que vocês não têm nenhuma obrigação de conhecer, mas foi o ministro da Agricultura do João Goulart; um grande companheiro nosso, aqui, do estado de Pernambuco,

Meus companheiros vereadores,

Meus caros deputados federais Fernando Ferro, Paulo Rubem e Pedro Corrêa,

Vereadores,





Secretários,  
Jornalistas,  
Meus companheiros e minhas companheiras,

Ao contrário do João Paulo, eu não vou fazer um discurso por escrito. Quando a gente fala de improviso, a gente pode cometer o erro de falar uma palavra indevida no momento certo. Como diriam vocês, quando fazem a rodinha para conversar alguma coisa, poderia se falar alguma bobagem. Mas, em se tratando de bobagem, é melhor a gente falar do que fazer bobagem. Então, eu quero ter uma conversa de pai para filho, de companheiro para companheira, de um Presidente da República com boa parte da representação da nossa juventude.

Primeiro, esse é um desafio de qualquer governo nos países pobres do mundo: cuidar da educação da sua gente, porque não existe exemplo, na humanidade, de nenhum país que conseguiu sair da fase de país pobre para país rico sem que antes houvesse um forte investimento na educação. A educação é a base para que, individualmente as pessoas progridam e para que uma nação possa se desenvolver.

É por isso que, para nós, a educação é a condição fundamental para o desenvolvimento do Brasil. E quando o companheiro Luiz Dulci trouxe à minha mesa a idéia da criação do ProJovem, para dar oportunidade a meninas e meninos deste país que estavam entre 18 e 24 anos de idade, que tinham feito o ensino fundamental, mas que por qualquer razão tinham parado de estudar, eu achei que a idéia era uma idéia genial, porque não tem nada mais genial do que, de repente, você ter a idéia de que é possível dar oportunidade a quem não teve oportunidade e despertar a esperança em quem já tinha perdido a esperança. Muitas vezes, se colocando numa situação de ficar no fio da navalha, entre uma cidadania sadia e cair na marginalidade, na criminalidade, e quem sabe, jogar fora um ser humano que nasce para ser bom e que, muitas



vezes, a falta de oportunidade o transforma num marginal, numa pessoa sem referência e numa pessoa perseguida pelo restante da sociedade.

Eu, então, resolvi que era necessário e era muito importante vocês conhecerem um pouco da minha vida para saberem que vale a pena. A única coisa que vale a pena é a gente acreditar que pode construir um amanhã melhor do que o ontem e que a gente pode construir um futuro melhor se nós acreditarmos nisso.

Para quem não sabe, eu nasci na cidade de Garanhuns, subdistrito, na época, de Vargem Comprida, hoje Caetés, porque só foi transformada em cidade em 1962 e eu tinha ido embora para São Paulo em 1952. Meu pai, engravidou a minha mãe, de mim, e foi embora para São Paulo em 1945. Minha mãe ficou grávida de mim, eu sou o penúltimo filho dela e meu pai só veio me ver quando eu já tinha cinco anos de idade, em 1950. Nós éramos de uma família que, para ser pobre, precisava ficar rico. Era muito pobre. E a gente vivia de comer o que era possível comer, como muita gente vive hoje.

Em 1950, meu pai veio visitar minha mãe. Como o cidadão não tinha nenhuma escolaridade sexual, engravidou a minha mãe da minha irmã mais nova e voltou para São Paulo. Acontece que meu pai cometeu um erro porque ele levou o meu irmão mais velho com ele para São Paulo. Quando meu pai chegou em São Paulo, esse meu irmão descobriu que meu pai já estava casado e ele tinha se casado com a prima da minha mãe que tinha desaparecido.

Quando meu pai foi embora para São Paulo, governador, uma prima da minha mãe desapareceu e, aí, meu irmão descobriu que meu pai estava casado com essa mulher e que já tinha quatro filhos com ela. Esse meu irmão – porque meu pai era analfabeto, minha mãe era analfabeta – esse meu irmão fez uma carta para minha mãe como se fosse meu pai, convidando para ir para São Paulo. A minha mãe vendeu o que tinha, ela vendeu tudo o que tinha, desde a casa, que era uma casinha “tapera” – todo mundo sabe como é uma



casinha no meio do mato – e ainda naquele tempo vendeu despertador, vendeu um burrico que tinha, vendeu não sei o quê mais lá. Eu sei que, ao todo, ela juntou, acho que 13 contos, se não me falha a memória, e resolveu ir para São Paulo.

Colocou os sete filhos no pau-de-arara, porque um já estava lá. E foi uma briga muito grande porque tinha irmão meu que se escondia para não ir, um subia no pé de caju e não queria descer. Uma irmã, na época, tinha apenas dois anos de idade, e viajamos 13 dias para São Paulo. A comida era um saco de farinha, algumas rapaduras e, quando o caminhão parava, a gente dormia embaixo do caminhão, de vez em quando acordava com um temporal e tinha que sair correndo; e a gente fazia comida pegando água no rio São Francisco, que não era tão poluído como é hoje, em muitos lugares do país.

Depois de 13 dias de viagem, chegamos a São Paulo. Aí, viajou minha mãe com sete filhos, o irmão da minha mãe, a mulher e dois filhos. Você imagina, tudo isso entrando num táxi. Descemos do pau-de-arara, em São Paulo, pegamos um táxi e fomos a Santos, onde meu pai trabalhava.

A Dona Lindu, sequiosa para encontrar o seu marido, sem saber da vida dele. Quando nós chegamos no porto de Santos, meu pai trabalhava como ensacador, trabalhava carregando saco de café. Naquele tempo, ganhava por produção. Então, ele carregava um saco de 60 quilos embaixo do braço, outro embaixo desse braço e um no pescoço. Era um negócio maluco para ganhar um pouco de dinheiro a mais.

Aí, um compadre nosso foi lá, chamaram meu pai. Quando meu pai veio e viu minha mãe e a trempa de barrigudinhos ali, ele tomou um susto, mas não levou a minha mãe para a casa dele, pediu para um compadre levar a minha mãe para a casa dele, levou os filhos para lá, e lá nos vimos a outra mulher dele, que já tinha quatro filhos. Então, minha mãe ficou morando uns meses com esse compadre até que meu pai levou a mulher que estava com ele para outra casa e levou minha mãe para dentro de casa, porque, segundo o



conceito dele, minha mãe era a legítima, então a casa principal tinha que ser da minha mãe.

Acontece que a minha mãe só conseguiu suportar isso durante pouco tempo. E é por isso que a minha mãe é uma referência porque ela, sozinha – que deve ser a situação da mãe ou do pai de alguns de vocês – analfabeta, resolveu se separar do meu pai. E, um belo dia, nós tínhamos como únicas coisas a roupa do corpo, uma tina – eu não sei se vocês sabem o que é tina, uma barrica cortada no meio, um desses tonéis de carvalho, cortado no meio, onde se lavava a roupa e, muitas vezes, se tomava banho –; uma lata de leite Mococa vazia, onde meu pai guardava um pão doce que comprava só para ele, e uma faca. Era o que a gente teve, de mudança. E ficamos lá.

Um irmão meu trabalhava numa carvoaria, outro irmão trabalhava vendendo sardinha, outro trabalhava num bar e eu vendia amendoim e laranja. E, de vez em quando, o meu irmão mais velho me dava um cascudo porque eu tinha vergonha de gritar: “olha a tapioca, olha o amendoim, olha a laranja.” Ele gritava um pouco e quando ele falava: “agora, Lula, grita você”, quando eu ia gritar eu tinha vergonha, e ele me dava um “cocorote”. É por isso que eu acho que eu tenho a cabeça meio chata, de tomar “cocorote” do meu irmão mais velho. Pois bem, até 1955 nós ficamos em Santos. Aí, minha mãe resolveu ir para São Paulo. Meus irmãos todos, nenhum tinha profissão, todos trabalhavam ganhando o salário mínimo e, em 1956, eu fui para São Paulo, aí eu já tinha 11 anos de idade. Quando eu saí de Caetés eu tinha sete anos de idade.

A primeira coisa que eu adorava era engraxar sapato no sábado e no domingo. Adorava acabar de engraxar o sapato, chegar no bar, porque era na frente de um bar, pedir meia bengala de pão, mandar colocar mortadela; naquele tempo tinha uma bebida chamada Tubaína, que eu não sei se tem mais, e era meia bengala de pão com mortadela, uma Tubaína e ali estava ganho o meu sábado.



Naquele tempo, a gente não podia ir ao cinema, Jarbas, porque lá em São Paulo tinha que colocar paletó para ir ao cinema. Uma vez, um amigo meu, chamado Cláudio, me emprestou um paletó, eu briguei com ele no meio do caminho e ele tomou o paletó de volta, e eu não pude ir ao cinema. Pois bem, depois eu comecei a trabalhar de tintureiro, carregava paletó, eu não sou muito alto, vocês estão percebendo, mas até os 18 anos eu não tinha desenvolvido quase nada, eu era muito baixinho. Tinha um empregado da Ford, que depois eu comecei a chamá-lo de compadre, que era um “homão” grande, e umas três vezes eu fui levar o terno dele ao tintureiro; eu era carregador, era um cabo de vassoura aqui nas costas, colocava os ternos aqui do lado e saía carregando. Quando eu chegava para entregar o terno, a parte de baixo estava molhada porque, como o terno era muito grande, arrastava no chão. A minha gratidão com esse companheiro é que depois eu o encontrei já como presidente do sindicato na Ford. Ele é pernambucano e esse cara, mesmo eu levando a roupa dele suja, nunca me deu uma bronca, e a mulher dele ainda me dava uma gorjeta, mas eu tinha que trazer a roupa de volta para lavar outra vez, e trazia para lavar outra vez.

Eu estou contando tudo isso para vocês porque o meu desafio aqui é despertar esperança em vocês e motivação para vocês. Eu sei as condições em que mora muita gente no Brasil. Nós morávamos num quarto e cozinha, na Vila Carioca, e a gente morava em 13 pessoas num quarto e cozinha. Eram aquelas caminhas de mola, de dia se fechava, de noite abria. Eu dormia junto com a minha mãe e com duas irmãs e outro meu irmão, e minha mãe com outros meus irmãos do lado, primos pobres ainda dormiam lá. Não tinha banheiro, o banheiro era o que atendia o bar e era lá que as minhas irmãs tinham que tomar banho e eu. Depois de um bar de sábado à noite, imaginem o ambiente no banheiro, e a gente utilizava aquilo lá.

Pois bem, eu me lembro de um dia como se fosse hoje. Uma vez, nós fomos nos mudar dessa casa no fundo do bar para uma outra casa. A única



coisa que a gente tinha era um fogão a gás, um fogão a querosene que a minha irmã, que tinha sete ou oito anos, cada vez que ia acender, o desgraçado do fogão pegava fogo, e essa minha irmã estava quase para morrer de estresse com oito anos de idade porque já não agüentava mais. Um dia, nós compramos um fogão de duas bocas. Nós mudamos dessa rua que eu morava para uma rua chamada Rua Auriverde que o Moura e o (inaudível) conhecem muito bem, que estão aqui, meus primos de Pernambuco. A gente tinha um fogão de duas bocas. A maior alegria que eu tive na vida foi poder colocar em cima do caminhão um fogão de duas bocas, para todo mundo saber que eu tinha progredido.

Pois bem, nenhum irmão meu tinha profissão, eles não tinham tirado o diploma primário ainda, portanto, todos ganhavam salário mínimo. Aí, minha mãe, um dia, recebeu uma notícia de que tinha uma vaga no Senai, para que eu fizesse um curso. Me pegou pelo braço, fomos a pé, muito longe, chegamos lá eu fiz um teste e fui aceito no Senai para fazer um curso de torneiro mecânico. Graças a esse curso eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter um diploma primário, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma profissão, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter uma casa própria, eu fui o primeiro filho da minha mãe a ter um carro, a ter uma televisão e, por conta dessa profissão, eu fui trabalhar numa empresa grande, que era a Vilares, e por conta de ser uma empresa grande, eu ganhava um salário razoável que podia sustentar minha mãe, duas irmãs, pagar aluguel e ainda pensar em casar. E casei.

Pois bem, graças a essa profissão, eu fui para uma empresa, virei dirigente sindical, virei presidente, entrei na política e hoje estou aqui como Presidente da República.

Eu não sei o que aconteceu na vida de vocês que vocês pararam de estudar. De vez em quando a gente vê na televisão alguém dizer que pobre cai na violência porque é pobre. Não é verdade, porque se fosse assim eu teria caído. Muitas vezes nós perdemos referência porque dentro da nossa própria



casa a referência desapareceu. A mãe joga um papel extraordinário em manter a família unida, porque eu saía da escola, passava numa feira, eu tinha uma vontade de comer uma pêra, uma maçã, coisa que eu nunca tive possibilidade, e eu não tinha coragem de pegar, porque eu tinha no caráter da minha mãe a minha referência.

E hoje, causado por “enes” problemas, muitas vezes um jovem chega em casa e está o pai brigando com a mãe. Muitas vezes a família não está em harmonia em função de várias coisas. E o jovem passa a ver tanta “desgraceira” na vida dele, que ele termina desistindo, ele acha que o destino dele está traçado para ser um “zé ninguém”, que ele não vai ter chance, que ninguém dá oportunidade e, portanto, ele se entrega à vida de não acreditar nele próprio.

A minha vida é o exemplo de que todos vocês, independentemente do sexo, da religião, independentemente da cor, ou se o pai está trabalhando ou não, todos vocês podem chegar ao que eu cheguei, podem ter uma profissão. Mas isso não depende de mim, isso depende da boa vontade de cada um de vocês, depende de vocês agarrarem essa oportunidade. Vocês vão ter a chance de uma boa formação escolar, vocês vão ter a chance de uma boa formação profissional, vocês vão ter a chance de acesso à informática, que até hoje eu não tive. E vocês vão ter acesso às possibilidades de fazerem um trabalho comunitário.

Esse programa, ele está apenas começando. São poucos os recursos, 300 milhões, serão 200 e poucos mil jovens. Mas, quem sabe, se no meu tempo tivesse isso, eu, quem sabe, tivesse progredido um pouco mais. Esse programa é a oportunidade, é o estender de mão, esse programa é uma voz dizendo para vocês: “não se entreguem, vamos à luta e levantem a cabeça.” Se tiverem problema dentro de casa, vamos tentar reunir a família e discutir. A família é a base da consagração da vida de cada um de nós. O pai e a mãe têm que servir de exemplo para os seus filhos, no comportamento e na



educação. E vocês estão na flor da idade, vocês estão naquele momento em que é tudo ou nada, vocês estão naquele momento em que vocês precisam definir o futuro que querem, e se vocês estudarem e aprenderem uma profissão vocês vão perceber que vai ficar mais fácil arrumar emprego, vocês vão perceber que vão ganhar um pouquinho mais que um salário mínimo, vocês vão perceber que vão poder construir a vida de vocês e ainda ajudar a melhorar a vida da família de vocês.

Quando a gente não tem profissão, a gente chega num local perguntando se tem emprego, o que as pessoas perguntam para a gente? Você tem o curso secundário? Não. Está fora. Você tem Profissão? Não. Está fora. Ou seja, sem o estudo e sem a profissão nós não somos seres humanos normais, nós somos tratados como se fôssemos objetos. Ninguém se lembra que quem não tem um curso, quem não tem um diploma, quem não tem uma profissão também precisa comer, tomar café, almoçar, jantar, ter um lugar para morar. Ninguém se lembra.

Uma vez eu fui criticado porque disse que ia provar que um metalúrgico seria capaz de cuidar da educação melhor do que muitos doutores que passaram pelo governo e que não cuidaram. Eu disse isso por uma razão muito simples. Depois que a pessoa se forma, depois que a pessoa está vivendo a sua vida, já fez pós-graduação na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Espanha, sei lá onde, depois que ele entra na sua vida profissional, ele já conquistou o dele, então deixa para lá. Por que pobre tem que entrar na Universidade? Por que tem que se preocupar? Vamos cuidar do Brasil de 35 milhões de habitantes, 35 milhões que têm alguma posse. Vamos deixar os pobres para lá.

Acontece que este país não é um país de 35 milhões de habitantes, é um país de 180 milhões de habitantes e que o governo precisa governar para toda essa gente. Paulo Freire uma vez disse que descobriu que era inteligente quando começou a comer, porque uma pessoa com fome, não tem disposição





de fazer muita coisa. Então, é preciso garantir o básico às pessoas. É por isso que nós, nesses 30 meses de governo, já anunciamos a construção de mais três universidades federais, é por isso que já anunciamos mais 31 extensões de universidades federais. Aliás, no dia primeiro de setembro, acho que vamos inaugurar a Universidade de Pernambuco, de Garanhuns, que é uma extensão da Rural, aqui de Pernambuco, para Garanhuns.

Estamos levando extensões das universidades federais para os lugares mais pobres do Brasil, porque a universidade significa perspectiva de desenvolvimento de uma cidade, de uma comunidade. Estamos levando, estamos criando 32 escolas de ensino técnico para que as nossas crianças possam ter perspectivas neste país e essas coisas demoram. Se a gente pudesse fazer num passe de mágica, já teríamos feito. É que tudo isso leva muito tempo, mas nós estamos criando a base, a base fundamental para que este país aproveite a oportunidade que eu acho que vocês têm que aproveitar.

O Brasil é especialista em jogar oportunidade fora e nós queremos que o Brasil não jogue essa oportunidade fora. Acabou o tempo em que, neste país, quando a gente falava: precisa colocar dinheiro na educação, aparecia alguém dizendo: “ah, mas isso é gasto.” Investir em educação não é gasto, investir em educação chama-se investimento de verdade. Fica muito mais barato dar 100 reais para vocês fazerem esse estudo e uma atividade comunitária do que cuidar de um de vocês na cadeia daqui a um ou dois anos. Fica muito mais barato construir uma sala de aula do que construir uma cela.

Eu quero terminar dizendo para vocês: pelo amor de Deus, não percam esta oportunidade. Não é todo dia que a gente tem chance, não é todo dia que se apresenta uma oportunidade para a gente. E vocês que sonham, que querem ter as coisas boas, porque a gente tem que sonhar com coisas boas, a gente não pode achar e se conformar com a miséria, nós temos que acreditar que é possível. E esse ProJovem é uma oportunidade para jovens que já tinham perdido a esperança.



Então, meus filhos, acreditem nisso. Mas, sobretudo, acreditem em vocês. Levantem a cabeça e digam: vale a pena eu apostar em mim mesmo, vale a pena eu acreditar em mim mesmo, vale a pena eu mostrar que eu tenho potencial. Eu não tinha oportunidade. Agora, estão me dando. Então, agora, vocês têm que provar que são tão inteligentes quanto qualquer outro deste país, que têm tanta capacidade quanto qualquer outro deste país.

E se um dia vocês se desanimarem, lembrem-se da história que eu contei para vocês. Lembrem-se, eu vivi muito tempo em enchente. Na minha casa dava um metro e meio de água de enchente, lá em São Paulo. Não foram poucos os tempos que ficava a minha mãe sentada com os filhos, sem ter o que comer. Nada disso deve desanimar vocês. Na pior situação, quando vocês tiverem ficando descrentes de tudo, pensem em Deus, levantem a cabeça e digam: eu não vou me entregar, eu vou vencer e eu vou estudar.

Muito obrigado, que Deus abençoe vocês e que vocês possam vencer na vida.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de inauguração do Centro Regional de Ciências Nucleares do Norte e Nordeste**

**Recife-PE, 20 de julho de 2005**

Meu querido companheiro Eduardo Campos, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Luiz Marinho, muito recém-empossado ministro do Trabalho,

Minha querida Márcia Lopes, ministra interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Meu querido companheiro Ariano Suassuna,

Meu querido companheiro João Paulo Lima e Silva, prefeito de Recife,

Meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,

Meu querido companheiro Humberto Costa, ministro da Saúde, que assume outras responsabilidades aqui no estado,

Senhor Odair Gonçalves, presidente da Comissão Nacional de Energia Nuclear,

Senhores Comandantes militares da área,

Deputados Fernando Ferro, Jorge Gomes, só estou vendo os dois aqui,

Meus companheiros vereadores,

Meu caro Josenildo Sinésio, presidente da Câmara de Vereadores de Recife,

Senhores prefeitos das cidades vizinhas de Recife,

Professor Ricardo de Andrade Lima, diretor do Centro Regional de



Ciências Nucleares,

Senhoras e senhores pesquisadores,

Professores, funcionários,

Companheiros e companheiras,

Amigos e amigas,

Eu tenho vontade de fazer um improviso, mas não vou fazer porque eu vou deixar para o final, se eu lembrar. O de improviso é bom porque se fala com a alma, não é Eliana? A alma vai brotando as coisas e você vai falando. Mas nem sempre... como o João Paulo, como eu não consigo digerir com toda a grandeza o assunto, eu prefiro ser comedido aqui.

Bem meus amigos, minhas amigas.

Inauguramos aqui, hoje, o Centro Regional de Ciências Nucleares de Recife. Os senhores e as senhoras sabem que a tecnologia nuclear constitui uma das mais importantes áreas da pesquisa de ponta em todo o mundo. Ela é, portanto, necessária à transição para uma sociedade onde o conhecimento ocupa um papel central na produção e geração de riqueza, em especial quando utilizada para fins pacíficos, como é o caso do Brasil.

A União tem a prerrogativa exclusiva de explorar a mineração de elementos radioativos, de produzir e de comercializar materiais nucleares. Essa prerrogativa é exercida pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, que tem como missão garantir o uso seguro e pacífico da energia nuclear, além de desenvolver e disponibilizar tecnologia. Tudo isso com o objetivo maior de promover o desenvolvimento sustentável e de longo prazo em benefício do conjunto da população brasileira.

Pernambuco é uma referência positiva para as regiões Nordeste e Norte. E Recife, além da excelente localização geográfica, se consolidou como centro acadêmico de excelência e pólo médico de grande destaque.

Essas são algumas das razões que trouxeram para cá o primeiro Centro



de Desenvolvimento Tecnológico na área nuclear fora da região Sudeste do país, coroando uma longa luta que se iniciou ainda na década de 60.

E para que serve o Centro de Ciências Nucleares? O Centro Regional que agora inauguramos tem condições de contribuir para a medicina, a indústria, a agricultura, a hidrologia e a saúde ocupacional. Pode, inclusive, ajudar na preservação do meio ambiente, fundamental para a sobrevivência do nosso Planeta. Além disso, pode assumir as inspeções, fiscalizações e tarefas de emergências radiológicas, de competência da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Está, também, equipado para oferecer treinamento e capacitação de pessoal em suas várias áreas de atuação, inclusive, acolhendo um número expressivo de estudantes bolsistas de iniciação científica, mestrado e doutorado.

A integração do Centro Regional de Ciências Nucleares com outras instituições de pesquisa e desenvolvimento sinaliza um campo de enormes possibilidades para as regiões Nordeste e Norte do país. Uma prova disso é o grande desenvolvimento no projeto deste Centro de profissionais de Medicina Nuclear de Pernambuco e de estados vizinhos.

Em outra frente, um convênio congrega o Centro, a Embrapa, a Valesporte de Petrolina, e o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares, visando a implantação de um irradiador comercial para tratamento de frutas do Vale do rio São Francisco, destinadas à exportação.

O Centro Regional é, também, parte de uma rede temática do Ministério da Ciência e Tecnologia para estudos de melhoria do índice de desenvolvimento humano, o IDH, dos municípios nordestinos situados no semi-árido.

Minhas amigas e meus amigos,

Quem deveria ter falado tudo isso era o Eduardo Campos. A inauguração do Centro Regional de Ciências Nucleares ocorre ao mesmo



tempo em que se celebra no mundo inteiro o Ano Mundial da Física. Faz 100 anos que Albert Einstein publicava um conjunto de cinco trabalhos extraordinários, entre eles a Teoria Geral da Relatividade. Para nós, brasileiros, existe outro importante registro a ser feito. Este ano, o Brasil perdeu um dos mais notáveis seguidores de Einstein, o cientista e professor César Lattes.

Em 1947, com apenas 23 anos de idade, Lattes abriu caminho para se entender a estabilidade dos elementos da matéria, uma descoberta de grande impacto científico que lhe garantiu lugar de destaque na história da Física.

César Lattes, um grande brasileiro, verdadeiro herói da Física nacional, morreu aos 80 anos acreditando em uma nação justa, desenvolvida e independente.

No mundo contemporâneo, mais do que em outras épocas, o desenvolvimento e a inclusão social passam pelo conhecimento e pela inovação tecnológica. O Centro Regional de Ciências Nucleares, no Recife, representa importante avanço de nosso país nessa direção. Estejamos todos à altura do sonho de Einstein e de César Lattes.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Primeiro, dizer a vocês que faz dez dias que o meu querido Humberto Costa deixou o Ministério da Saúde. Está se preparando para outras batalhas. Amanhã, meu companheiro Eduardo Campos deixa o Ministério da Ciência e Tecnologia e assume o Sérgio Rezende. O Eduardo também está se preparando para uma outra batalha. Nesta mesma semana, o companheiro Carlos Wilson deixa a Infraero e vai para uma outra batalha. E a minha relação com estes meninos, se é que posso chamá-los de meninos, é uma relação menos política, é uma relação quase de pai para filho, porque eu sou mais velho que eles, porque a política me fez assumir posições em que todas as vezes em que nos encontramos, era eu pedindo a eles que me apoiassem para alguma coisa.

A minha relação de respeito com o Humberto, como companheiro do PT,



eu não preciso dizer para ninguém. A minha relação de respeito ao companheiro Carlos Wilson, que também é do PT, eu não queria que ele viesse do PT, mas veio, também é de muito respeito. A minha relação com o nosso companheiro Eduardo Campos é uma relação que vem de avô para neto, ou seja, é uma relação histórica com o dr. Arraes, é uma relação histórica com a família e uma relação histórica com o nosso companheiro Eduardo Campos que, certamente, prestou e prestará ainda, ao Brasil, um inestimável trabalho nesse Ministério da Ciência e Tecnologia.

O Eduardo Campos sabe que o Sérgio Rezende, embora seja do PSB, trabalhou comigo no programa de 1989, trabalhou comigo no programa de 1994, trabalhou comigo no programa de 1998, trabalhou comigo no programa de 2002, ou seja, embora ele seja do PSB, digo: ele é meio a meio. Ou seja, ele é filiado ao PSB mas, cientificamente, ele está ligado aos meus programas de governo. Ele assume, certamente, que dará continuidade às coisas que nós estamos fazendo. O Eduardo Campos, efetivamente, elevou o nível político do Ministério da Ciência e Tecnologia porque, de vez em quando, aquilo funcionava como uma corporação de fundo das instituições que foram se criando ao longo de muitos anos. E o Eduardo Campos deu uma cara àquilo, deu um formato, criou um corpo único de um Ministério da Ciência e Tecnologia que é imprescindível para que o país deixe de ser um eterno país emergente e se coloque no mundo dos países desenvolvidos.

Por isso, eu quero, Eduardo... eu não vou te agradecer porque tem serviços a prestar ainda que, se eu for agradecer cada coisa boa meu caro, a você, ao Humberto, ao Carlos Wilson, eu vou passar a vida agradecendo a vocês, então deixa como está aí. Vamos para novas funções.

Mas o que eu queria dizer, no meu improviso, porque daqui vamos direto para o avião, é uma coisa pequena. Eu penso que vocês acompanham, dentro do possível, aquilo que tem sido feito pelo governo. Eu sempre achei que era possível fazer as coisas no Brasil, sem achei. E sempre achei que, na maioria



das vezes, as decisões políticas do Presidente são determinantes para que as coisas aconteçam e nós resolvemos tentar fazer um Brasil um pouco diferente do que ele vinha sendo feito.

No Brasil, vocês sabem que não foram poucos os governantes que ousaram governar este país para 35 milhões ou no máximo 40 milhões de brasileiros, que são as pessoas que estão no mercado de consumo. Tentar construir um país de 180 milhões de habitantes, um país em que a gente consiga colocar a totalidade das pessoas no cenário da cidadania, no mundo da respeitabilidade, na possibilidade das pessoas terem acesso às coisas que a Constituição diz que elas têm que ter, é uma tarefa infinitamente mais difícil mas, ao mesmo tempo, mais prazerosa.

É por isso que eu quero dizer aqui para vocês: cada vez que o Tarso se apresenta na minha sala dizendo que quer apresentar mais um grupinho de universidade que precisa ser criado, eu já disse para ele que quantas aparecerem aqui, tantas vai fazer. Não tem limite, o limite é o tempo que a gente tem de mandato. Por isso nós decidimos, nesses 30 meses de governo, fazer três universidades federais novas, uma na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, que precisa; uma no ABC Paulista, que é uma das regiões mais ricas do país e não tem uma universidade federal; vamos ter uma universidade de Tecnologia Avançada no ABC Paulista; e uma no Recôncavo Baiano, que é uma região que também necessita de uma universidade federal.

Além disso, eu pedi ao companheiro Tarso que estudasse a possibilidade de a gente não precisar ficar mandando para o Congresso um projeto de lei para aprovar, para criar universidade, que a gente tentasse levar todas as extensões de universidades federais possíveis por todo o país. Ou seja, na verdade, nós decidimos fazer a extensão rural para Garanhuns, porque é importante que a gente consiga espalhar essas universidades pelas partes mais pobres do país, porque só a presença da universidade já significa levar desenvolvimento para aquela região, levar conhecimento para aquela





região, levar o hotelzinho para aquela região, levar o estudante para aquela região, levar o cientista que o povo pobre só vê em televisão, até que cientista vai pouco na televisão brasileira mas, de qualquer forma, o povo não tem acesso.

De repente, é levar essa gente para o Sertão, para eles começarem a conviver com uma realidade que é muito diferente da teoria, sentir o pó, o cheiro da terra no nariz, sentir como é a cara desse povo. Decidimos levar para o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, Ariano, levar uma extensão da Universidade federal de Minas Gerais lá para o Vale do Jequitinhonha, lá para o Vale do Mucuri, onde ele jamais imaginava ter uma universidade federal, vai ter. Vamos, decidimos fazer 31 extensões espalhadas pelo Brasil; decidimos fazer 31 novas escolas técnicas espalhadas pelo Brasil, decidimos criar uma coisa que era um sonho antigo, de criar o Fundeb, para dar à educação brasileira uma cara de verdade, de que nós acreditamos que a educação é a base principal para o desenvolvimento do país. O Fundeb pode incluir no ensino fundamental mais 17 milhões de brasileiros e brasileiras que precisam estudar.

Aprovamos, para os próximos quatro anos, 4 bilhões e 300 milhões a mais, e sabe o companheiro Tarso que eu não aceito que se discuta que esse dinheiro é para gastar. Não é para gastar, é investimento. Quando eu invisto em uma máquina, ela tem um tempo de duração, de rentabilidade. Agora, quando eu invisto no ser humano é o mais barato investimento que a gente pode fazer em um país para que ele possa sair do que está acontecendo.

E vamos continuar fazendo. Eu nem falei aqui da universidade, da extensão de Serra Talhada. Vai ter uma extensão em Serra Talhada, que é para ninguém ficar brigar bravo comigo. Vai ter para todos os gostos aí.

E nós estamos fazendo isso porque nós precisamos recuperar o atraso do Brasil. Eu não sou melhor do que ninguém, mas eu acho que muita gente que já passou pelo Ministério, como já estava formado, então, bom, fica no que



está mesmo e deixa como está. Quando o Tarso me levou a idéia do ProUni, o ProUni é uma revolução neste país porque, por ano, a gente renovava, Ariano, 124 mil novos estudantes nas escolas federais. O ProUni, no primeiro ano, colocou, a mais, 112 mil novos alunos da periferia e de escolas públicas, negros e índios, para terem acesso às universidades chiques, particulares de São Paulo, a que não tinham acesso, até então. E vamos chegar, em quatro anos, a 400 mil jovens, a mais, na universidade, mais 320 nas universidades federais. Portanto, nós estaremos incluindo, se Deus quiser, nos próximos quatro anos, mais 760 mil jovens nas universidades brasileiras, possivelmente mais do que tudo o que foi feito nos últimos 20 anos.

E fazemos isso porque acreditamos, na certeza absoluta de que ou nós fazemos isso ou este país daqui a 30, 40 ou 50 anos vai estar sendo visto ainda como um país emergente, um país em desenvolvimento, um país... O Brasil não pode jogar fora as oportunidades que se apresentam. Nós já jogamos muitas oportunidades fora. E estamos fazendo isso porque acreditamos que o Brasil entrou em um momento excepcional de sua história. Eu faço uma separação das perspectivas do Brasil, umas confusões políticas que estão aí, e quero dizer para vocês que estou muito otimista, estou feliz e vou dizer algumas coisas para vocês. Ontem, o Marinho me comunicava: “presidente Lula, chegamos, em 30 meses, a 3 milhões, 135 mil novos empregos de carteira profissional assinada no país. Vocês podem falar: “é pouco”, à vista de muitos milhões. Mas de 1994 a 2002, sabe quantos empregos foram criados no Brasil, de carteira assinada? Apenas 737 mil. A média mensal de empregos criados em 8 anos, de carteira assinada, era de apenas 8 mil empregos. A nossa média é de 101 mil novos empregos criados a cada mês. Só do lado da categoria metalúrgica, e não falo isso porque sou metalúrgico, nós criamos, nesses 30 meses, mais de 230 mil novos empregos. E vocês estão vendo o resultado. Vocês estão vendo que nós chegamos, este ano, este mês agora, chegamos a 109 bilhões de dólares de exportação, que é



o recorde dos recordes, jamais imaginado por uma pessoa tradicional da política brasileira.

E chegamos nisso porque acreditamos na capacidade da atuação política do Brasil. Historicamente, o Ariano mais do que ninguém sabe, este país esteve subordinado intelectualmente e politicamente às grandes potências. Não podia fazer aquilo porque ninguém deixava, não podia fazer aquilo porque os Estados Unidos não gostavam, não podia fazer aquilo que a União Européia não permitia. E nós resolvemos apenas, sem desacatar ninguém, sem ofender ninguém, dizer: nós somos donos do nosso nariz, temos maioria e vamos fazer aquilo que for pertinente aos interesses brasileiros.

Por isso, Ariano, resolvi recuperar a nossa relação com a África, porque a impressão que se tinha é que nos últimos 20 anos as autoridades brasileiras tinham vergonha de olhar para o continente africano. E eu não tinha vergonha porque quando olhava eu sabia que era de lá que tinha vindo parte do sangue derramado para construir este país, parte das pessoas, parte da nossa cultura, do nosso biofísico, ou seja, veio daquele continente.

Visitei, em dois anos, praticamente 14 países da África. E fui à ilha Gorée pedir perdão, em nome do povo brasileiro, pelo que foi feito durante 300 anos naquele continente, tirando jovens, mulheres e os adultos mais sadios, o que explica o atraso em que vive a África hoje.

Da mesma forma que nós resolvemos recuperar a nossa relação com a América do Sul. Sabem os estudiosos aqui que, historicamente, o Brasil virou as costas para a América do Sul e ficou sonhando com os Estados Unidos, com a União Européia. Eu acho que a União Européia, os Estados Unidos são os mais importantes parceiros comerciais nossos, parceiros estratégicos, mas nós temos que deixar o discurso da integração teórica e fazer o discurso da integração prática. Visitei todos os países da América do Sul.

O Brasil, hoje, está financiando obras através do BNDES, de infraestrutura em quase todos os países da América do Sul. Por quê? Porque o



Brasil não pode ficar olhando para o infinito e deixar de olhar os seus irmãos que estão aqui, no Continente, que fazem fronteira conosco e que podem ser parte do desenvolvimento conjunto de toda a América do Sul.

Agora, fizemos uma coisa extraordinária, que foi o encontro do mundo árabe com o mundo sul-americano. Ninguém imaginava que a gente pudesse fazer uma cúpula com 32 chefes de Estado participando de uma discussão: como integrar esses continentes que, normalmente, são manipulados pelas chamadas grandes potências econômicas. E disse mais ao ministro Celso Amorim e ao ministro Furlan: nós vamos mudar a geografia mundial. E para a gente mudar a geografia mundial, a gente não tem que pedir licença, nós temos que construir parceria com os iguais, temos que transformar, sim, a China em parceiro estratégico, a Índia em parceiro estratégico, a África do Sul em parceiro estratégico. Isso, sem romper com ninguém. Não precisamos romper com ninguém. O que nós precisamos é definir quem são os aliados preferenciais em determinados assuntos que interessam ao Brasil.

Estamos consolidando uma política internacional como há muito tempo não se via neste país, ou seja, na verdade, é o Brasil conquistando o direito de andar, não de nariz empinado, com a arrogância de uma parte da elite brasileira, mas andando de cabeça erguida, demonstrando apenas o orgulho de sermos brasileiros e de acreditarmos em nós, enquanto povo e enquanto nação.

Fizemos mais. Nunca a agricultura familiar, neste país, recebeu o que recebeu. Saímos de 2 bilhões de empréstimos contratados na safra 2002/2003, para 6 bilhões e meio neste ano, e vamos para 9 bilhões no ano que vem, garantindo ao pequeno produtor do sertão brasileiro o direito de entrar pela porta do Banco do Brasil, ter acesso ao gerente, tanto quanto um usineiro entrava, antes, e pegava parte do dinheiro que tinha para emprestar.

Fizemos o empréstimo consignado, Ariano, que garantiu que no ano passado a gente conseguisse emprestar ao povo pobre deste país – que não



tinha acesso a banco ou, quando tinha, tinha agiotagem – de tomar emprestado 17 bilhões de reais no ano passado, o que motiva a construção da nossa economia.

Decidimos fazer o Bolsa Família, que só aqui no estado de Pernambuco tem 540 e poucas mil famílias – em Recife só 44, precisamos fazer um pouco em Recife – pessoas que estão recebendo uma ajuda mínima para poder garantir o pão de cada dia, que é o que dá força às pessoas para brigarem.

Aprovamos o Estatuto do Idoso, que estava encalacrado há 13 anos no Congresso Nacional, além da questão da Biossegurança, de que o Eduardo disse bem. Era um tema polêmico, era um tema que envolvia foro íntimo, este país não tem direito de apostar no atraso, seja por conta de crença religiosa, este país tem que agir enquanto Nação.

Portanto, eu estou feliz porque os dados que nós podemos mostrar neste país são dados extraordinariamente significativos. Sabem, o Humberto gosta da minha loucura pela saúde bucal porque, no Brasil, uma unha encravada é tratada como uma questão de saúde pública, uma menina de 17 anos sem dente na boca não é tratada como uma questão de saúde pública, ou seja, por onde entra a comida não se trata como saúde pública.

Fizemos o maior Programa de Saúde Bucal deste país e, se Deus quiser, terminaremos o mandato com 400 centros de saúde bucal, cada centro para atender uma população de 500 mil pessoas, para dar ao povo brasileiro o direito de sorrir, sem vergonha de mostrar os vácuos que foram criados na sua arcada dentária.

Da mesma forma que aqui em Recife já tem o Samu, ou seja, o Estado brasileiro deixando de ser apenas o transferidor de dinheiro para ser, na verdade, o Estado que possa garantir a execução de políticas que atendam a totalidade das pessoas.

Certamente, isso incomoda algumas pessoas. Quando alguém vê o governo federal gastando 7 bilhões com pobre, ele já fica: por que esse



dinheiro não está no banco para eu tomar emprestado? Daquele empréstimo a juros... como é que fala? Aqueles empréstimos a tempo perdido, aquilo que não se paga nunca mais. E nós estamos levando o dinheiro para atender a parte pobre e vamos fazer mais, porque eu passei a minha vida inteira querendo provar que a questão de governar ou não independia da quantidade de anos de escolaridade ou da formação acadêmica da pessoa, de que dependia muito mais do caráter e da inteligência das pessoas que não estão formadas na escola.

Obviamente que eu digo isso com a humildade de quem sabe das dificuldades, de quem sabe os momentos que estamos passando, mas de quem sabe, também, que Deus não faz nada que não seja preciso fazer. Que nós estamos dispostos a enfrentar o que for necessário para provar que este país não vai jogar fora essa oportunidade que ele tem. Doa a quem doer, machuque a quem machucar, sensibilize a quem quiser sensibilizar, este país não fugirá ao seu destino.

Nós haveremos de nos transformar definitivamente, não numa grande Nação porque essa, a geografia já fez, Deus já fez, o tamanho do território, o tamanho da mata, o tamanho dos rios, isso não valerá a pena se o tamanho do conhecimento do nosso povo for pequeno, e nós queremos um povo de barriga cheia e de cabeça mais cheia ainda de conhecimento e sabedoria.

Muito obrigado a todos vocês, meus parabéns companheiro Eduardo, e vamos à luta.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse dos ministros de Estado da Previdência Social, Cidades e Ciência e Tecnologia**

**Palácio do Planalto, 21 de julho de 2005**

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República e ministro da Defesa,

Meu querido companheiro Sérgio Machado Rezende, ministro de Estado da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Nelson Machado, ministro de Estado da Previdência,

Meu querido companheiro Márcio Fortes, ministro de Estado das Cidades,

Companheiro Romero Jucá,

Meu companheiro Eduardo Campos,

Meu companheiro Olívio Dutra,

Ministros de Estado,

Parlamentares aqui presentes,

Senhores e senhoras funcionários do Ministério da Ciência e Tecnologia, da Previdência e das Cidades,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, um aviso para a imprensa: a companheira Dilma Rousseff, junto com o ministro Nelson Machado, irão fazer uma explicação para a imprensa sobre a questão da medida que muda a Receita e a questão dos cargos. São duas medidas importantes. Algumas medidas que vocês já notaram, na fala do nosso chefe de cerimônia.

O nosso querido ministro Eduardo Campos está deixando o Ministério da



Ciência e Tecnologia e ele, certamente, sabe que não vai para uma trincheira mais confortável do que o Ministério da Ciência e Tecnologia. Ele sabe que vai para o centro dos debates políticos do nosso país. Ele vai exercer o seu mandato de deputado federal.

Eu penso que o governo ganha em dois momentos. Primeiro, porque o Sérgio Rezende, para quem não conhece, quem não é da área, o Sérgio Rezende já é quase ministro meu desde 1989. Não foi antes porque eu não ganhei as eleições de 1989, de 1994 e de 1998. Mas, mesmo sendo um companheiro do PSB, o Sérgio Rezende contribuía, de um lado, com Arraes, contribuía, de outro lado, com candidatos do PSB, mas sempre sobrava um tempinho para o Sérgio ir a São Paulo para ajudar a construir meu programa de Ciência e Tecnologia.

Portanto, eu acho que isso é uma troca de cargos que não vai absolutamente mexer naquilo que é o grande programa de Ciência e Tecnologia que estamos fazendo no Brasil. E por três ministros do PSB: primeiro, o nosso companheiro Roberto Amaral, depois, o nosso companheiro Eduardo Campos e, agora, o nosso companheiro Sérgio Rezende.

Sai o nosso companheiro Jucá que, certamente, está afiando as botas para ser candidato a alguma coisa no estado de Roraima. Não me perguntem o que é, que eu não sei. E eu quero, de pronto, dizer que o companheiro Jucá assumiu o compromisso de nos ajudar a recuperar a Previdência Social, para que a gente possa garantir que os beneficiários, os contribuintes possam receber seus benefícios e que não haja nada que possa prejudicar a Previdência.

Nós temos um déficit grande, o Jucá trabalhou esses 100 dias estruturando isso. E, certamente, o nosso companheiro Nelson Machado, que todos vocês conhecem, foi ministro interino do Planejamento, trabalhou com o Guido Mantega, vai dar seqüência para que a gente possa melhor estruturar a Previdência Social.





E sai o meu companheiro Olívio Dutra. Esse é um companheiro “*hors concours*”, porque é o companheiro de primeira hora, antes do PT, é companheiro lá dos anos 70, quando eu virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos e me disseram: “Lula, você tem que ir a Porto Alegre conhecer um tal de Olívio Dutra, que é presidente do Sindicato dos Bancários.” E, desde aquele tempo, nós travamos uma relação, eu diria, muito mais do que de irmãos, muito mais do que de dois companheiros, porque é uma relação muito forte entre nós. A única coisa que nós dois não fazemos é entrelaçar os nossos bigodes porque o dele é maior do que o meu e ele levaria vantagem, então...

Embora o companheiro Olívio Dutra seja teimoso e diga que não é candidato a governador no Rio Grande do Sul, por tudo o que eu ouço das bases do Rio Grande do Sul, quer queira, quer não queira, tenha prévia ou não tenha prévia, tendo disputa, eu acho que ele está predestinado a ser o candidato a governador do PT no Rio Grande do Sul. Espero que seja do PT e de outros aliados para poder disputar as eleições da forma mais democrática.

E entra o companheiro Márcio Fortes que, nos últimos três anos exerceu o papel de secretário-executivo no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

Também nós tomamos algumas outras medidas. A Secretaria de Direitos Humanos fica vinculada agora à Secretaria-Geral da República. A Secretaria de Comunicação do governo fica vinculada à Secretaria-Geral da Presidência da República. Fica constituído o Núcleo de Assuntos Estratégicos, NAE, que já existe hoje, que era ligado à Secom, fica diretamente ligado, como órgão de assessoria, ao Presidente da República, dirigido pelo companheiro Luís Gushiken. Fica constituída a Secretaria de Imprensa e Porta-Voz, que absorve as competências do porta-voz da Presidência da República. Fica constituída a Secretaria de Relações Institucionais, dirigida pelo ministro Jaques Wagner, que absorve as competências das antigas Secretarias de Coordenação Política e Assuntos Institucionais do Conselho de



Desenvolvimento Social e Econômico e Social. Fica criada, por Medida Provisória, a Secretaria da Receita Federal do Brasil, que absorve as atribuições da Receita Federal e da Secretaria da Receita da Previdência Social. E, isso, a Dilma vai conversar com vocês. Também acabei de assinar um decreto que torna privativo dos servidores públicos de carreira cerca de 70% dos cargos de livre provimento do governo federal.

Bem, meus amigos, minhas amigas, nunca um presidente pode dizer que a reforma ministerial terminou porque pode ser que amanhã um ministro peça para sair e não tem como o Presidente da República segurá-lo. Mas eu queria dizer para vocês que a coisa mais fácil na relação humana é convidar alguém para ser ministro, ser secretário, e a pior coisa do mundo é você ter que dizer para um companheiro que você vai precisar substituí-lo.

Como eu utilizo muito o exemplo do futebol, vocês já perceberam que todo jogador que está jogando, quando o técnico tira ele, ele sai resmungando? E o que entra, entra na perspectiva de que vai fazer mais e melhor, às vezes consegue, às vezes não consegue. O que é importante é que o sentimento da troca de um ministro não é o sentimento da troca de um time de futebol, porque ali é uma prática esportiva.

Eu tinha tomado uma decisão, muito tempo atrás, de que eu não iria esperar o próximo ano para fazer mudança nas pessoas que vão ser candidatas a alguma coisa no próximo ano. Os que ficarão comigo, certamente, têm esse compromisso. Obviamente que, na política, sempre acontecem imprevistos dos imprevistos, a gente trata como imprevisibilidade, mas o time que está montado agora é um time para ir até o último dia do meu mandato. Espero que ninguém queira sair e espero que eu não tenha que trocar nenhum companheiro.

Eu quero agradecer, de coração, aos companheiros que saem. Os companheiros que saem dedicaram parte da sua vida, nesses 30 meses, junto comigo, a construir a realização de um sonho de tornar o Brasil mais justo, o



Brasil mais humano e um Brasil mais solidário com o seu povo.

Eu quero dizer aos companheiros que saem que podem ter a certeza absoluta de que a presença do companheiro Severino, hoje – porque também o Severino não é de vir muito ao Palácio, em solenidade, não – é a demonstração de que nós estamos construindo com o Congresso Nacional, com os partidos que dão sustentação à base do governo, uma relação sólida, uma relação que, quando uma proposta do governo for ao Congresso, e os líderes se reunirem para discutir, que isso não fique sendo discutido 3 anos, 4 anos, 12 anos, 15 anos, como muitas vezes aconteceu no país.

Eu estou convencido que o Brasil está atravessando o momento da sua afirmação, enquanto Nação. Este país, muitas vezes desacreditado por gente do próprio Brasil... Eu me lembro quando discutíamos, em momentos difíceis da Constituinte, votações difíceis, as pessoas diziam que o Brasil não suportaria aquilo, e o Brasil suportou.

Agora, estamos vivendo um momento em que o Congresso Nacional está cumprindo com a função constitucional a ele delegada de, através de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, fazer as investigações que entenda que deva fazer. E o que é mais importante é que o fato de o Congresso Nacional estar fazendo o seu trabalho não impede que o governo, através da Polícia Federal, ou o Ministério Público, através dos procuradores, façam o seu trabalho paralelo.

E a minha convicção é que quanto mais trabalharmos nessa área, quanto mais seriedade houver nas apurações, independentemente de quem seja, nós estaremos acreditando que é possível diminuir os desvios de recursos que existem neste país, a malversação do patrimônio público, e fazendo com que, sobretudo daqui para a frente, os homens públicos possam se transformar em pessoas que tenham credibilidade junto à opinião pública, porque nem sempre a história do Brasil permitiu que isso acontecesse.

E esse trabalho vai depender muito da atuação dos ministros daqui para



a frente. Cada ministro tem a sua responsabilidade na relação com o Congresso Nacional. Muitas vezes, nós achamos que a responsabilidade é apenas da pessoa que tem a responsabilidade de fazer essa relação. Cada ministro tem a mesma responsabilidade, na relação com o Congresso, que tem o Jaques Wagner, que vai ser o articular político, substituindo o companheiro Aldo.

Cada um, cada ministro sabe dos deputados que participam das bancadas de Ciência e Tecnologia, da bancada da Justiça, da bancada da Agricultura, da bancada da Comunicação, da bancada do MDA, da bancada do Trabalho, da bancada da Saúde, da bancada do Itamaraty, da bancada do Meio Ambiente, da bancada do Esporte. E, portanto, cada um, agora, vai assumir tanta responsabilidade na relação com o Congresso Nacional quanto o ministro que tem a responsabilidade de fazê-lo, de forma institucional, para que a gente possa fazer as coisas funcionarem com muito mais rapidez e para que o povo brasileiro perceba que mesmo quando há divergência na relação institucional, existirá sempre harmonia entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo.

Eu quero dizer aos companheiros que saem: boa sorte na nova trincheira de batalha que vocês vão enfrentar e, certamente, o trabalho será tanto que alguns sentirão saudades de ter passado pelo Ministério.

E aos que entram, meus companheiros, quero dizer para vocês: o jogo é um jogo muito forte. O jogo é um jogo em que nós precisaremos trabalhar mais do que trabalhamos até agora, para que a gente possa produzir mais, até porque cada um de vocês já tem um pouco mais de experiência.

Eu quero dizer que vocês terão, da minha parte, como os que saíram, todo o apoio do conjunto do governo. Vamos estabelecer a famosa transversalidade, que tanto resultado deu, uma palavra-chave proposta ao governo pela companheira Marina, que funcionou razoavelmente bem. Ou seja, vamos trabalhar em conjunto.



A companheira Dilma continuará, como ministra da Casa Civil, fazendo o trabalho das Câmaras Setoriais, tentando articular para que os problemas, quando cheguem a mim, já cheguem menos sofríveis, ou seja, já seja temperado. E eu tenho certeza que esses momentos difíceis por que passa o Brasil, eu digo sempre que eu lamento as coisas muito mais pelo povo brasileiro do que por nós, políticos.

Portanto, eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo, que tenham igual ou mais sorte do que os que saíram. Quero dizer ao companheiro Severino que a Câmara joga um papel extremamente importante na coesão dos deputados e na votação das coisas importantes que têm que ser votadas no Congresso Nacional, e quero dizer a todos vocês que estão aqui, de todas as áreas que, da nossa parte, a resposta a tudo isso será trabalho, trabalho e mais trabalho.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia da inauguração do Complexo Tecnológico de Medicamentos de  
Farmanguinhos (Fiocruz)**

**Rio de Janeiro-RJ, 22 de julho de 2005**

Meu querido companheiro Saraiva Felipe, ministro da Saúde,  
Meu querido companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e  
Tecnologia,  
Meu querido companheiro e ex-ministro, Humberto Costa,  
Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas  
para Mulheres,  
Deputada Jandira Feghali e deputado Jorge Bittar, aqui presentes,  
Meu querido companheiro Antonio Alves, secretário-executivo do  
Ministério da Saúde,  
Meu caro Gilson Cantarino, secretário estadual de Saúde,  
Meu querido companheiro Paulo Buss, presidente da Fiocruz,  
Minha querida Núbia Boechat, diretora de Farmanguinhos,  
Deputados estaduais,  
Pesquisadores,  
Cientistas,  
Funcionários,  
Jornalistas,  
Meus amigos e minhas amigas,

A Fiocruz vem prestando grandes serviços ao povo brasileiro há 105  
anos, e é motivo de muito orgulho para o povo brasileiro.

Sua longa e exitosa história é marcada pela atuação de verdadeiros  
heróis da saúde pública nacional, como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Sem



falar nas inúmeras vidas que foram salvas pelas vacinas e medicamentos pesquisados ou produzidos por esta instituição.

Apesar dessa trajetória brilhante, é preciso dizer que, ao longo de mais de um século de existência, a Fundação Instituto Oswaldo Cruz muitas vezes sofreu pela pouca atenção do governo federal e pela carência dos recursos necessários para desenvolver suas atividades adequadamente.

Com persistência e profissionalismo, no entanto, esses obstáculos foram sendo superados, e a excelência do trabalho de pesquisa e produção da Fiocruz se impôs. Hoje, Farmanguinhos é reconhecido como um dos centros farmacêuticos mais bem equipados de toda a América Latina.

Além de ter de competir com laboratórios de porte mundial para atingir esse patamar, a Fiocruz também teve que resistir, no passado recente, à pressão das políticas que pregavam o desmonte do Estado brasileiro.

Para nós, o sucesso da Fiocruz é prova incontestante de que o estímulo do Estado para a produção de medicamentos e vacinas é uma das mais eficientes políticas de saúde.

Alocar recursos em áreas como saneamento básico ou vacinas não é gasto, é investimento, como tenho dito, e a Fiocruz nos mostra que o Brasil é plenamente capaz de desenvolver tecnologias e produzir medicamentos de interesse da população, gastando bem menos.

O reconhecimento que nosso governo tem dado à Fiocruz se reflete no aumento de investimentos para melhorar e ampliar sua capacidade de produção.

É o caso do Centro de Produção de Antígenos Bacterianos, que inaugurei aqui em agosto do ano passado. Além de produzir vacinas contra vários tipos de meningite, esse centro permite uma economia anual de 10 milhões de reais porque deixamos de comprar vacinas importadas para o bacilo que causa *influenza*.

Toda a nossa demanda interna será suprida com essa produção, que



poderá até ser exportada para o Mercosul e, quem sabe, até doada para alguns países africanos que não podem pagar.

Na mesma oportunidade, inaugurei a nova sede da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Essa escola é a cabeça da rede de ensino técnico em saúde em nosso país, e suas atividades foram consideradas exemplares pela Organização Mundial da Saúde.

Ao mesmo tempo, garantimos recursos do Ministério da Saúde de cerca de 42 milhões de reais para completar, até 2006, o Centro de Produção de Antígenos Virais, que já está sendo construído. Esse Centro irá produzir, a cada ano, 60 milhões de doses de vacinas para sarampo, caxumba e rubéola, e outros 20 milhões de doses de outras vacinas. Além disso, o Centro desenvolverá e testará vacinas ainda não existentes, como no caso da dengue.

Também tive a grande honra de aprovar, em 2003, o Estatuto da Fiocruz, uma reivindicação de mais de 15 anos do corpo de funcionários e diretores da instituição.

Tudo isso traduz o nosso reconhecimento a uma das mais importantes organizações de saúde do Brasil. A Fiocruz fornece mais de 200 milhões de doses de vacinas ao ano, o que representa cerca de 60% de toda a demanda brasileira.

Além disso, é o maior produtor mundial da vacina contra a febre amarela, suprimindo a demanda das Nações Unidas, do Unicef e da Organização Mundial da Saúde.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos aqui hoje dando mais um passo significativo nesse processo de fortalecimento da Fiocruz. O Estado brasileiro adquiriu, em condições adequadas, uma fábrica de medicamentos da iniciativa privada para evitar que ela fosse desativada.

Esse novo Complexo Tecnológico de Medicamentos do Instituto de Tecnologia em Fármacos tem 40 mil metros quadrados de área construída, e é





cerca de sete vezes maior que a fábrica antiga de Farmanguinhos.

Com o novo Parque Industrial em Jacarepaguá, a Fiocruz poderá quintuplicar a produção, atingindo, em 2007, a marca dos 10 bilhões de medicamentos, montante cinco vezes superior ao fabricado em 2004.

Serão fabricados, por exemplo, antibióticos e medicamentos contra hipertensão e diabetes, que fazem parte de programas do Ministério da Saúde, incluindo a Farmácia Popular do Brasil.

Além disso, esses medicamentos são adquiridos pelo governo a preços muito menores do que os praticados no mercado. No ano passado, por exemplo, a Fiocruz propiciou uma economia de R\$ 200 milhões de reais, otimizando a aplicação dos recursos do Ministério da Saúde.

A Fiocruz também é reconhecida no Brasil e no exterior pela sua produção de anti-retrovirais genéricos, o que viabiliza, através do Programa Nacional de Aids, a distribuição gratuita dos medicamentos anti-HIV para mais de 150 mil brasileiros.

O governo brasileiro distribui esses medicamentos também para países na América Latina e África, em consonância com uma política externa voltada para os países mais pobres. Nós sabemos que os gastos com saúde ocupam o 4º lugar no orçamento da família brasileira, depois de habitação, alimentação e transporte. Para as pessoas mais pobres, a compra de remédios chega a representar 90% dos gastos com saúde. Isso, quando as pessoas não morrem com a receita embaixo do travesseiro porque não podem ter acesso ao remédio.

É principalmente para essas pessoas que investimos pesadamente na Fiocruz, e é também para elas que criamos a Farmácia Popular do Brasil, para fazer o remédio chegar à mão de quem precisa, na hora certa.

Nós estamos determinados a fortalecer a nossa indústria farmacêutica, aumentando a produção de remédios no país. Por isso, a nossa política industrial elegeu o setor farmacêutico como um dos quatro segmentos



estratégicos de prioridade.

Estamos, portanto, não só incentivando a produção brasileira de medicamentos como vamos explorar ao máximo o potencial de crescimento desse setor em nosso país.

Aumentamos em mais de 40% os recursos para compra de remédios e o orçamento do SUS para este ano chega a 3 bilhões e 500 milhões de reais. Também ampliamos em 40% os recursos destinados à distribuição gratuita de medicamentos, através do programa Saúde da Família.

Vamos, portanto, garantir e ampliar a distribuição gratuita de remédios que já é feita pelo SUS. A população mais pobre tem direito de receber esses medicamentos de graça, e vai continuar recebendo cada vez mais.

Isso significa que a nossa política de saúde está fortalecendo cada vez mais o sistema público, que atende hoje a mais de 70% de toda população brasileira.

Um outro bom exemplo é a nossa política de Saúde Bucal. O Ministério da Saúde investirá, até 2006, 1 bilhão e 300 milhões de reais no *Brasil Sorridente*, que iniciamos em março de 2004. E não é só atendimento básico: com esse programa a população passa a ter acesso também a tratamentos especializados, como canal, cirurgias odontológicas, câncer bucal, e ortodontia.

Minhas amigas e meus amigos,

Precisam me convidar mais vezes aqui, porque toda vez que vier, a gente fica com a obrigação de trazer uma boa notícia, então, se eu demorar muito para vir aqui, as notícias serão poucas.

Tenho algumas boas notícias para o setor da saúde no Rio de Janeiro. Está publicada no Diário Oficial de hoje, Medida Provisória que prorroga por 2 anos os contratos dos 5 mil funcionários conhecidos como “mata mosquitos”. A mesma Medida prorroga a contratação do pessoal temporário empregado nas ações do Sistema Único de Saúde para superar a situação de crise do atendimento da saúde na cidade do Rio de Janeiro.



A prorrogação é por até 2 anos, de forma a permitir que, neste período, os serviços de atendimento de saúde do Rio de Janeiro estejam regularizados. E quero concluir dando uma notícia sobre um tema que é muito caro a todos vocês aqui da Fiocruz. Ainda este ano, estaremos enviando ao Congresso Nacional Projeto de Lei reestruturando o quadro de pessoal e o Plano de Carreiras da Fiocruz com o objetivo de promover, a partir de 2006, a equalização interna das remunerações dos servidores. Isso significa que os servidores titulares de cargos de mesma natureza e nível de responsabilidade terão remunerações iguais, independentemente da situação individual.

Vamos também propor a criação, no quadro da Fiocruz, de 3 mil novos cargos efetivos, a serem preenchidos gradualmente por concurso público, para recomposição do quadro de pessoal da Instituição.

Aprovado o Projeto de Lei, e aí outra vez o Jorge Bittar e a Jandira vão ter que trabalhar e outros deputados, aprovado o Projeto de Lei, será imediatamente autorizada a realização de concurso para o preenchimento de 1 mil cargos.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Ao chegar aqui, em Farmanguinhos, e ver aquela máquina produzindo remédios, eu tive a sensação de estar numa sala de parto vendo a minha mulher ter um filho. A coisa importante de ser executivo é exatamente essa, é você ver o resultado da coisa que você faz, nascer. E eu me lembro quando assumi a Presidência da República e fiquei sabendo que o Exército, que a Aeronáutica e a Marinha tinham pequenos laboratórios de produção de remédios aqui, no Rio de Janeiro, eu dizia ao Humberto Costa: nós precisamos produzir remédio para dar de graça para o povo. Não é possível que o povo tenha que comprar remédio.

O Humberto Costa veio visitar os laboratórios e depois me explicou a situação de cada laboratório, fez convênios com alguns deles e falou para mim: “Presidente, eu acho que nós vamos comprar uma fábrica para que a Fiocruz



possa produzir muito mais remédios.” Foi quando, na minha primeira visita à Fiocruz, nós anunciamos a compra dessa fábrica. Então, chegar hoje, aqui, um ano depois, e ver essa fábrica produzindo... E quando eu entrei, perguntei para o companheiro que estava lá na frente da máquina, e ele me disse que ela estava produzindo 250 mil comprimidos por hora, e que vai produzir 1 milhão e não sei quantos a cada quatro horas, e que vai produzir 10 milhões, e que vai produzir 1 bilhão e não sei quantos, eu falei: é uma sensação mais do que gostosa. Porque eu acho que um país não pode tratar a saúde do seu povo com base no mercantilismo a que muitos laboratórios querem que seja subordinada a saúde pública neste país.

Definitivamente, é obrigação moral e ética de qualquer governo do mundo colocar a saúde do seu povo como prioridade zero, porque se a pessoa não tem saúde, a pessoa não tem mais disposição para nada. É por isso que qualquer pessoa, seja ela pobre ou rica, preta ou branca, homem ou mulher, crente em Deus ou não, que aprenda a falar desde cedo, tendo saúde, o resto se resolve. Em qualquer lugar que a gente vai, essa frase já nasce como aprender a falar pai ou mãe. As pessoas sabem que tendo saúde, o resto se resolve, ou pelo menos tem perspectiva de resolver.

Então, eu venho aqui hoje com orgulho, Paulo, um orgulho... muito mais que ser doutor, aqui, eu venho com o orgulho de companheiro. De companheiro, que visitei isso aqui em 89, visitei em 94, visitei em 98, visitei em 2002, visitei em 2004, estou visitando em 2005 e, se tiverem mais boas notícias, me convidem para vir aqui em 2006, depois. Vão me convidando, porque cada vez que nós viermos aqui, nós vamos fazer alguma coisa para que a gente vá aprimorando para que o Brasil seja, definitivamente, detentor de todos os conhecimentos, para um dia produzir todos os remédios que nós precisamos.

Quero terminar agradecendo ao companheiro Humberto Costa. E não poderia deixar de ser aqui o agradecimento que eu não fiz no dia da



transmissão de posse. O companheiro Humberto Costa foi um companheiro que nesses três anos, sem pirotecnia, mas com muita dedicação com a sua equipe, fez o possível e o impossível para que a gente pudesse melhorar a questão da saúde no Brasil. Não é uma tarefa fácil, é uma tarefa complicada, porque os problemas se acumularam ao longo de muitos e muitos anos. E o companheiro Humberto Costa montou uma extraordinária equipe, trabalharam incansavelmente, e eu tenho certeza que ele entrega ao dr. Saraiva, o nosso ministro da Saúde, o Ministério infinitamente mais arrumado e uma política de saúde infinitamente mais verdadeira do que a que ele herdou quando nós tomamos posse.

O Humberto está numa outra trajetória. Eu só posso desejar ao Humberto que tenha sorte na nova caminhada dele e desejar ao meu querido Saraiva Felipe, que possa fazer da saúde aquilo que foi o sonho desse partido sanitarista ao longo de tantos e tantos anos. Eu me lembro na Constituinte. Na Constituinte não tinha diferença entre extrema direita e extrema esquerda. Quando se tratava de saúde pública, era todo mundo de mãos dadas, ou seja, eu acho que a maioria das coisas de saúde foram aprovadas quase por unanimidade na Constituinte, tal era o poder de pressão da sociedade e tal era a paixão.

Eu me lembro que o deputado Carlos Santana, da Bahia, era o líder do presidente Sarney no Congresso Nacional, e era tido como um homem conservador, casado com uma mulher tida como progressista. E eu me lembro que na votação do SUS, ele votou igual votou qualquer deputado de esquerda e ainda fez discurso mais esquerdista do que muita gente de esquerda, numa demonstração de que é possível, um dia, criar um partido que não tenha, nas divergências ideológicas, as razões do seu conflito, porque basta colocar um avental, um sapato branco, dizer que é sanitarista e a gente pode unificar muita coisa neste nosso querido país.

Quero terminar dizendo a vocês, aqui da Fiocruz, que o Brasil vive no



momento, um paradoxo. Esta semana, na despedida do ministro Olívio Dutra, ele me dizia: “Presidente, saio com a consciência tranqüila de quem investiu em saneamento básico nos 30 meses do seu governo, 14 vezes mais do que foi investido de 1999 a 2002”. E vocês sanitaristas sabem que o investimento em saneamento básico é condição *sine qua non* para que a gente possa ter uma boa política de saúde pública no país”.

Mas a melhor notícia, na verdade, é que nós chegaremos este ano, Saraiva, a 8 milhões e 700 mil famílias pobres do Brasil recebendo o Bolsa Família, garantindo que essas pessoas possam ingerir a quantidade de calorias e proteínas necessárias à boa sobrevivência humana. E mais importante ainda é a notícia que recebo na despedida do ministro Ricardo Berzoini, do Trabalho, que no Brasil, em 30 meses, nós conseguimos gerar 3 milhões, 135 mil novos empregos de carteira profissional assinada, uma média mensal de 104 mil empregos, contra 8 mil empregos de média mensal nos 8 anos que antecederam o nosso governo.

Se o Brasil está andando assim, é justo que haja um pouco de pressão política. Por exemplo, quando eu chego aqui na Fiocruz, o Sindicato vem me entregar uma carta agradecendo as conquistas e outra cobrando novas conquistas. É assim mesmo, na vida, quanto mais a gente vai conquistando mais a gente vai querendo, este é o papel do dirigente sindical.

Na política é a mesma coisa, só que na política nós precisamos ter consciência de que em primeiro lugar, eu tenho dito repetidas vezes, sempre fui defensor, gritei tantas vezes favoravelmente à criação de CPI neste país, que eu não posso ser contra nenhuma CPI. As CPIs têm que funcionar, têm que apurar e têm que fazer o que tem que ser feito neste país. As pessoas que cometerem erros terão que ser punidas, este país tem lei, tem instituição. O que nós não podemos perder de vista é que nenhum embate político, por mais necessário que ele seja, e por mais significativo que ele seja, não pode permitir que o povo brasileiro seja vítima, muitas vezes, da pequenez política, da



pequenez dos debates, que nem sempre conduzem este povo a um futuro melhor.

O Brasil está vivendo um momento, na minha opinião, eu não diria excepcional, mas de boa possibilidade de, pela primeira vez, a gente construir um ciclo de desenvolvimento sustentado, com crescimento duradouro, para que a gente possa recuperar os prejuízos que este povo teve durante tantos e tantos anos.

Não pensem que é fácil, não pense, Paulo, que é fácil fazer as coisas com muita seriedade neste país, porque quando falamos em crescimento sustentado, quando falamos que é preciso ter um crescimento, mesmo que menor, mas duradouro, é porque nós já vivemos no Brasil exemplos extraordinários de dias em que o povo acordava com a promessa mirabolante de um governo e, três meses depois, o povo ficava com a dívida e o governo criava um outro programa, um outro plano.

Nós tivemos planos no Brasil em que os trabalhadores e os empresários foram dormir devendo 1 e acordaram devendo 4. E ninguém se responsabiliza. Nós tivemos planos no Brasil – e não vou citar nenhum deles porque o Paulo citou um aqui que vocês conquistaram no nosso governo a recuperação – de ministros e presidentes que criavam planos e não se perguntavam qual o prejuízo que causavam aos trabalhadores. E depois de 10, 15 ou 20 anos os trabalhadores ganhavam na Justiça o direito de receber aquilo que não deveriam ter perdido.

Nós estamos pagando, no ano passado e este ano, dinheiro aos aposentados brasileiros por conta da URV, porque se esqueceram que os trabalhadores tinham alguns direitos.

Fazer uma política sem pegar as pessoas de sobressalto, mas fazendo as coisas com consistência para que a gente possa usufruir do bom resultado, é uma coisa que eu não abro mão. Portanto, eu penso que é preciso a gente fazer uma espécie de divisor.



O debate no Congresso Nacional é a coisa mais legítima do fortalecimento da democracia brasileira, mas eu tenho dito que o nosso lema é deixar os debates acontecerem, e o papel do governo, meus caros ministros, é trabalhar, trabalhar e trabalhar, porque o que o povo quer mesmo é resultado, o que ele quer mesmo é saber se, no “frigir dos ovos” a sua vida vai estar melhor do que quando nós entramos no governo.

Por isso, eu queria dizer a todos vocês da Fiocruz, terminar isso com uma frase que estava no discurso do Miguel Arraes quando ele tomou posse pela, primeira vez, na cidade de Recife, que me parece que é do Carlos Drummond de Andrade, quando ele dizia: “Eu tenho duas mãos e o sentimento do mundo.” E eu quero só dizer para vocês: dirijam esta Instituição com as duas mãos e com o sentimento do mundo, porque o povo precisa de uma instituição como a Fiocruz.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração da posse da nova Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC**

**São Bernardo do Campo-SP, 23 de julho de 2005**

Eu não vou fazer nada que tome o tempo de vocês mais do que o necessário.

Eu queria apenas dizer ao meu querido companheiro Marinho, ministro do Trabalho; ao companheiro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria de Coordenação Política e Assuntos Institucionais da Presidência da República; dizer ao companheiro Feijóo, presidente reeleito do Sindicato; e ao companheiro Rafael Marques, secretário-geral eleito do Sindicato dos Metalúrgicos, dizer aos nossos queridos prefeitos Filippi e o companheiro João Avamileno. Dizer aos nossos queridos deputados Vicentinho, Donisete e outros que estão por aqui e eu não vi,

Cumprimentar o Laerte, que é o dono deste restaurante. E para quem não sabe, foi aqui neste restaurante que nós fizemos o primeiro documento do PT, em 1979.

Cumprimentar os companheiros metalúrgicos, suas esposas, as companheiras metalúrgicas e seus esposos e namorados, as crianças que estão aqui,

Cumprimentar a minha querida Marisa que está lá numa mesa sentada, e eu pedi para ela não passar aí para não ficar muito metalúrgico metido à besta querendo (inaudível),

Meus queridos companheiros e minhas queridas companheiras,

Meus companheiros da imprensa,



No dia 24 de abril de 1979, portanto há 36 anos atrás, eu tomava posse como delegado de base, empregado da Vilarés, no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. Eu não conhecia nenhum de vocês, não conhecia sequer a minha esposa Marisa, não era nem casado ainda, tinha apenas 24 anos de idade. Hoje eu já tenho 59, portanto, já faz muito tempo. E de lá para cá nós acompanhamos a trajetória da categoria metalúrgica, acompanhamos a trajetória do movimento sindical brasileiro e percebemos nitidamente o avanço e as conquistas que os trabalhadores brasileiros conseguiram ter nesses 30 e poucos anos em que eu, pelo menos, estou vivenciando a vida sindical brasileira.

Em 1975 assumi a presidência desse Sindicato, possivelmente com a mesma emoção que todos os companheiros que tomaram posse hoje estão sentindo. Depois de mim veio o companheiro Meneguelli, depois do companheiro Meneguelli veio o companheiro Vicentinho. Depois do Vicentinho veio o companheiro Guiba. Depois do companheiro Guiba, veio o companheiro Marinho. Depois do Marinho veio o companheiro Feijóo. E eu tenho certeza que daqui a três anos vocês estão tirando o Feijóo e colocando um outro companheiro para que a categoria siga a sua trajetória de produzir quadros extremamente importantes para a política brasileira.

Mas é importante lembrar, porque muitas vezes nós não notamos os avanços das coisas que nós fizemos.

Outro dia eu lembrava e dizia a alguns companheiros: quem é que se lembra, em algum momento da história do ABC Paulista, se ele já teve algum ministro? Se já teve alguma grande autoridade do ABC? Veja, por conta da luta de vocês, e eu quero dizer, por conta da luta dos metalúrgicos neste país. Lógico que hoje não é só mais de metalúrgico, hoje é de químico, de gráficos, da construção civil, de petroleiros, de trabalhadores da indústria naval, de trabalhadores da agricultura, de trabalhadores sem-terra, da classe média brasileira, de intelectuais, de empresários, mas vamos lembrar que começou



aqui e começou com vocês. E por conta dessa luta, hoje o ABC tem, ou melhor, os metalúrgicos brasileiros têm o Presidente da República, o Ministro do Trabalho, o Presidente do Sebrae, o Presidente do Sesi e um Delegado Regional do Trabalho de São Paulo.

É importante lembrar, porque de vez em quando a gente fica na casa da gente lamentando as coisas que nós não conquistamos. Mas vamos lembrar que, por conta de vocês e a partir de vocês, da responsabilidade do conjunto da classe trabalhadora brasileira, vocês têm um Presidente da República, um Ministro do Trabalho, um Presidente do Sebrae, um Presidente do Sesi, o Delegado Regional do Trabalho e, quem sabe, espalhados por este país afora, outras dezenas de companheiros que estão ocupando cargos importantes como vereadores, como prefeitos ou como secretários.

Este é um motivo de orgulho para cada um de vocês e que vocês têm a obrigação de repassar para os filhos de vocês, porque nós não chegamos aqui porque somos mais políticos. Nós não chegamos aqui porque somos mais inteligentes, nós não chegamos aqui porque somos melhores do que qualquer outra pessoa. Nós chegamos aqui porque soubemos aproveitar as oportunidades que a história nos deu. E eu estou aqui, 30 anos depois, para agradecer o sacrifício. Não foram poucos os trabalhadores que perderam empregos nas greves de 78, nas greves de 79, nas greves de 80, nas greves de 83, nas greves de 81 e nas outras greves que se seguiram, lideradas por outros dirigentes sindicais. E toda vez que vendia uma idéia de que nós estávamos derrotados, a gente lembra o que aconteceu.

Na greve de 1979 não faltaram aqueles no Brasil que diziam que os metalúrgicos tinham acabado e que o Lula tinha acabado com a luta sindical deste país. Nós amargamos um ano muito difícil, no ano de 79. A gente ia na porta de fábrica e os trabalhadores não paravam. Eu lembro de um jornalista amigo meu que escreveu uma manchete no jornal Diário do Grande ABC, há muito tempo atrás. Ele dizia assim: “Lula fala para os ouvidos mocos dos



trabalhadores da Ford que não pararam para ouvir.” Nós voltamos para o Sindicato, reunimos a Diretoria e resolvemos fazer um desafio, de que nós iríamos fazer em 1980 uma luta muito mais forte do que fizemos em 1979.

Em 80 este país conheceu a greve histórica mais importante deste país, que foi a famosa greve dos 41 dias, feita pela categoria metalúrgica do ABC, e que culminou com a consolidação do processo democrático brasileiro, que foi aquela extraordinária manifestação no dia 1º de maio de 1980, quando a polícia, naquela ocasião chefiada pelo general Braga, não queria deixar que o 1º de maio se realizasse na Igreja Matriz. E a polícia chegou de manhã, tomou conta da praça, e os trabalhadores e suas mulheres foram chegando e foram cercando a polícia. Daqui a pouco a gente tinha mais de 6 mil pessoas e 20 mil policiais no meio. Vários políticos, o próprio ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro, Teotônio Vilella, vários, o ex-prefeito Tito Costa, todos fazendo gestão para que se permitisse haver o 1º de maio, porque se não houvesse o 1º de maio, iria haver uma verdadeira chacina no centro de São Bernardo, porque o povo não queria sair e a polícia não queria sair. O povo queria fazer a passeata e a polícia não queria deixar.

Eu estava preso, não estava aqui. Quem estava me representando, além da Diretoria do Sindicato, era a minha companheira Marisa. Até que, em um ato de sensatez, o general Braga resolveu dar ordem para a polícia se retirar e permitir que os metalúrgicos, finalmente, fizessem apenas o que a gente queria fazer, uma passeata, e ir até o Estádio da Vila Euclides, de onde nós tínhamos sido retirados.

Pois bem, eu estou falando isso porque eu conheço muita gente no Brasil, conheço muitos sindicatos, mas eu ousou dizer, na posse do Feijóo, com todo respeito aos milhões e milhões de trabalhadores no Brasil, feliz, companheiro Feijóo, feliz o ser humano que pode ser presidente de sindicato de uma categoria extraordinária como esta categoria metalúrgica. Feliz o companheiro que pode dirigir uma categoria com um nível de organização que



tem os metalúrgicos hoje, o nível de politização, e poderiam nem ser, porque são tidos como a base mais bem remunerada da classe operária brasileira. Poderiam até não ser, mas são.

Então, eu queria, de coração, dizer que, entre vocês, ontem, hoje e sempre, eu me sinto como um metalúrgico, todo santo dia, atuando em defesa dos interesses da classe trabalhadora brasileira. Sou tão metalúrgico que a minha carteirinha do sindicato, que é de 1968, eu nunca esqueci o número, 25.986 é o número da minha matrícula de associado do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Mas companheiros e companheiras, companheiro Feijóo, companheiros da Diretoria e companheiros metalúrgicos, eu aprendi muito cedo na minha vida que as coisas têm que ser feitas do tamanho dos passos que a sua perna pode dar. Toda vez que vocês vêem na televisão um jogador tentar fazer um esforço muito grande e cair no chão, e um médico constatar que ele está contundido, é porque ele teve uma distensão. E se ele teve uma distensão, é porque ele tentou dar um pique, um passo ou fazer um esforço maior do que a sua resistência física permitia.

Eu, desde o dia em que comecei a minha vida no Sindicato, eu sempre achei que a gente deveria fazer as coisas, mesmo que mais lentamente do que alguns precisam ou do que alguns querem, mas a gente deveria fazer as coisas de forma gradual, bem pensada, para a gente não ter que recuar a cada vez que a gente avançasse demais. Quando tomei posse na Presidência do Sindicato, eu fiz a mesma coisa. Quanto tomei posse na Presidência da República, eu tomei a seguinte decisão: este país tem problemas demais e tem problemas sociais profundos, tem problemas econômicos profundos. E se nós não fizermos as coisas passo a passo, a conquista de credibilidade, a conquista de confiança na classe trabalhadora, nos empresários internacionais, tomando as medidas corretas, dando as demonstrações de seriedade no controle da economia, no controle dos gastos públicos, se a gente não fizesse



isso, a gente certamente não poderia citar o que eu vou citar para vocês agora, já citado pelo Marinho.

E quero dizer para vocês que, desde 1992, portanto há 13 anos, que não se cria no Brasil a quantidade de empregos com carteira profissional assinada que nós criamos em 30 meses. Enquanto nós criamos em 30 meses, 3 milhões e 135 mil empregos de carteira profissional assinada, o governo passado, em oito anos, criou apenas 737 mil empregos. Uma demonstração de que nós queremos que a economia se desenvolva de forma sustentada e que a gente não tenha um crescimento hoje e uma queda amanhã, mas que a gente tenha um crescimento contínuo para que a gente possa, durante dez ou quinze anos seguidos, fazer a economia crescer para recuperar os prejuízos de tantos e tantos de estagnação na economia brasileira.

E, outra vez, os trabalhadores me deram uma lição. Eu digo os trabalhadores porque não aprendi isso com os economistas, meus companheiros. Um belo dia nós estávamos discutindo que era preciso facilitar a vida do trabalhador, que ia num banco e pagava juro muito alto e que, às vezes, caía na mão da agiotagem. E o companheiro Marinho me levou uma proposta dizendo que era importante a gente colocar em prática o crédito consignado. E o governo tomou atitudes, junto com a CUT e com o sistema financeiro, de garantir que os sindicatos fizessem acordos com os bancos para emprestar dinheiro a juros mais baratos, dando como garantia para os trabalhadores da ativa e para os aposentados, os seus contracheques, o seu holerite. Só essa medida colocou, no ano passado, 16 bilhões e meio de reais no mercado de consumo deste país. Mais ainda, a poupança interna, meu caro Feijóo, que quando fazia campanhas eu dizia que era de apenas 17% do PIB, a poupança interna hoje é de 23,2%. É a maior poupança interna desde 1981 neste país. Portanto, a maior poupança interna dos últimos 24 anos neste país.

Se a gente levar em conta o crédito consignado, se levarmos em conta os 9 bilhões da agricultura familiar, se levarmos em conta os 7 bilhões e meio



para o Bolsa Família, se levarmos em conta os 20 bilhões a mais no BNDES, se levarmos em conta todo o dinheiro que nós colocamos, inclusive os 4 bilhões do Estatuto do Idoso, nós vamos, companheiro Marinho, ter o gostoso prazer de dizer aos metalúrgicos que nós colocamos, com políticas alternativas, mais de 40 bilhões de reais para circular no mercado brasileiro.

E é por isso que a economia brasileira tem crescido, é por isso que as exportações têm crescido, porque no Brasil sempre se fez assim, Rafael, quando se fazia a opção para exportar, diminuía o mercado interno. Quando se resolvia fortalecer o mercado interno, diminuían as exportações. E nós estamos provando que é possível crescer a exportação e é possível crescer o mercado interno. É por isso que a indústria brasileira tem crescido, é por isso que a capacidade ociosa das empresas têm diminuído, e é por isso que nós já estamos com 109 bilhões de dólares de exportação, e vocês, aqui, eu vi chamar gente da Scania, eu vi chamar gente da Volkswagen, da Mercedes e da Ford, e vocês sabem que há muitos e muitos anos a indústria automobilística não produzia tanto, não vendia tanto e não empregava tanto como está empregando agora.

Eu digo tudo isso, meus companheiros, porque estou no meio de trabalhadores, mas eu poderia dizer para vocês que na área de saneamento básico, e tem dois prefeitos aqui presentes, em 30 meses, em apenas 30 meses, nós colocamos mais dinheiro para saneamento básico, 14 vezes a mais do que o governo passado, de 1999 a 2002. Em 30 meses nós colocamos 14 vezes mais dinheiro para o saneamento básico do que eles em 4 anos, em uma demonstração de que, para governar este país, não se precisa ter os diplomas universitários que tanto preconceito jogaram contra mim. Para dirigir este país tem que ter, sobretudo, uma coisa chamada coração, porque é com o coração que a gente conserta um país com os problemas sociais de um país.

E quero terminar, Feijóo, para dizer: muitas vezes à razão não se dá razão. Toda vez que você estiver em dúvida, Feijóo, entre a razão da sua



consciência, deixe funcionar a emoção do seu coração, que você vai acertar muito mais do que errar na sua vida política.

Muito obrigado meus companheiros. Parabéns Feijóo, parabéns à Diretoria, e até a próxima posse.





**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
abertura da 10ª Festa dos Cegonheiros**

**São Bernardo do Campo-SP, 24 de julho de 2005**

Meus companheiros e minhas companheiras cegonheiros do meu país,

Eu tive o privilégio de, em 1978, quando eu era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, naquele tempo eu era metalúrgico do ABC, era só São Bernardo e Diadema, de receber um grupo de cegonheiros do Sindicato para que a gente pudesse criar um Sindicato dos Cegonheiros no Brasil. Foram feitas algumas reuniões lá no Sindicato dos Metalúrgicos e, depois de algum tempo, surgiu o Sindicato dos Cegonheiros de São Bernardo do Campo.

Houve muita briga, muita disputa, houve muito... só não houve tapa, mas houve muita briga até que, há dez anos ou um pouco mais, vocês conseguiram criar uma Direção que pudesse, verdadeiramente, falar em nome dos cegonheiros brasileiros, porque vocês criaram o Sindicato Nacional.

Mais ainda, motivo de orgulho, Aliberto, é que quando eu assumi a Presidência da República, era quase impossível pensar em criar cooperativa de crédito e cooperativas de consumo.

E hoje, chegando aqui, eu recebo a notícia dos companheiros da Direção dos Cegonheiros que, Graças a Deus, já tem funcionando, e funcionando bem, uma cooperativa de consumo. E, agora mesmo, foi conquistada uma cooperativa de crédito para que vocês possam ter acesso a crédito mais barato para que os cegonheiros possam, inclusive, trocar o seu próprio caminhão.

Mais ainda: eu entreguei ao companheiro Aliberto um documento do



Modercarga, que é um programa especial que o governo fez, através do BNDES, para possibilitar que um caminhoneiro possa comprar um caminhão novo a juros mais baratos, sobretudo o caminhoneiro autônomo, depois a micro e pequena empresa, depois a média empresa. E, também, um companheiro que tem um caminhão usado, esse caminhão pode entrar como contrapartida, ou ele também pode financiar um caminhão usado que tenha menos de 7 anos de vida.

E por que estamos fazendo isso? Porque nós sabemos que, muitas vezes, um motorista, na estrada, fica atrás de um cegonheiro, num caminhão de vinte e poucos metros de comprimento, e fica dizendo: “esse caminhão atrapalha, esse caminhão está atrapalhando”, quando, na verdade, se não fossem os caminhoneiros, se não fossem os cegonheiros, o Brasil não seria o que é, não teria chegado aonde chegou, porque é através dos cegonheiros e através dos caminhoneiros que a gente consegue desenvolver o nosso querido país.

Mas eu sei, companheiros e companheiras, que vocês passam uma vida difícil. Eu lembro do tempo em que os cegonheiros praticamente não tinham possibilidade de negociar com as indústrias o preço do frete. E todos nós sabemos que não é justo que aqueles que carregam o caminhão, que entregam o caminhão na porta da casa do freguês, fiquem com uma fatia insignificante diante dos atravessadores.

E isso só pode ser conquistado com muita organização de vocês, com muita confiança entre vocês e a entidade de vocês, entre o sindicato e os trabalhadores. Porque somente assim a gente vai conseguir levar tranquilidade para a família dos cegonheiros do Brasil.

E eu queria dizer, Aliberto, que está aqui comigo o meu companheiro Alfredo Nascimento. Até outro dia era prefeito da cidade de Manaus, foi diretor da Suframa e, hoje, é o companheiro ministro dos Transportes, que tem a incumbência de recuperar as estradas brasileiras, que nós herdamos mais de



38 mil quilômetros de estradas praticamente intransitáveis.

Eu, de vez em quando, fico me perguntando o que era feito neste país, que nem manutenção das estradas era feita. E este companheiro tem a incumbência, tem dinheiro, tem um programa especial para que a gente possa, definitivamente, entregar aos usuários, aos caminhoneiros, aos motoristas, as estradas brasileiras de forma transitável, para que haja menos tempo na entrega, para que o motorista fique menos tempo fora de casa e para que ele gaste menos óleo, menos pneus e que possa lucrar um pouco mais com o seu transporte.

Eu queria, Alfredo... isso aqui não é protocolar, não, isso aqui é uma festa e vai ser inédito, agora, porque eu vou passar a palavra ao nosso Ministro dos Transportes, para que ele possa dizer o que está sendo feito nas estradas brasileiras.

Por exemplo, no começo do mês que vem nós vamos, finalmente, Aliberto, inaugurar definitivamente a nossa querida Fernão Dias, que está há mais de 12 anos para ser inaugurada, e nós vamos inaugurar. Finalmente, nós vamos terminar a BR-116 e outras estradas. Ele vai dizer o que vai acontecer.

Com vocês, o nosso companheiro Alfredo Nascimento, ministro dos Transportes.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no  
lançamento do Programa Bolsa-Atleta**

**Palácio do Planalto, 25 de julho de 2005**

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,

Meu querido companheiro Jaques Wagner, ministro-chefe da Secretaria  
de Relações Institucionais da Presidência da República,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa  
Econômica Federal,

Senhores – vai ter um dia que eu vou dizer: senhores e senhoras,  
secretários e secretárias de Esporte dos Estados e dos Municípios,

Meu caro Artur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Meu caro Vital Severino, presidente do Comitê Paraolímpico Brasileiro,

Demais companheiros e companheiras representantes das entidades,

Meu caro Robson Caetano,

Meu caro Nelson Prudêncio,

Caros Mizael Conrado, Lígia Santos e Ítala Roberta, que receberam,  
aqui, o nosso cartão de crédito, o nosso cartãozinho magnético para tirar o  
dinheiro no final do mês,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Este programa que estamos lançando hoje é muito mais do que a  
concretização de um antigo projeto de nosso querido ministro Agnelo Queiroz,  
que desde seus tempos de parlamentar apóia o esporte como uma forma de  
inclusão social.

O Bolsa-Atleta – que já nasce com mais de trezentos esportistas de alto  
rendimento financiados pelo governo – é, sobretudo, o reconhecimento de



nosso governo a tantos talentos que devem ser aproveitados.

Falo, em especial, daqueles promissores atletas que, embora contem com a determinação e a capacidade de atingir o sucesso em competições nacionais e internacionais, ainda não contam com patrocinadores que permitam a sua efetiva dedicação aos treinos.

Esses brasileiros e brasileiras, que precisam se desdobrar no dia-a-dia entre o trabalho, o estudo, o treinamento e a competição, são verdadeiros exemplos para todos nós. São uma prova cabal de que, com esforço, é possível, sim, superar obstáculos que parecem intransponíveis e concretizar nossos sonhos.

O esporte, tenho certeza, é um dos melhores caminhos para que a energia dos jovens seja canalizada cada vez mais para atitudes positivas e construtivas, e não para a violência ou para outras situações de risco como o uso de drogas.

A prática esportiva fortalece a auto-estima, estimula a solidariedade, cultiva o respeito ao próximo, incentiva a tolerância, o sentido de equipe, a disciplina, a capacidade de liderança e, sobretudo, contribui para que tenhamos uma vida mais saudável.

O esporte é, ainda, um componente fundamental na afirmação da identidade nacional, um dos fatores de unidade da nossa rica diversidade cultural. Nossos atletas, quando competem e vencem lá fora, representam a todos nós e elevam mais alto a fibra e o nome do Brasil.

No nosso governo, o esporte com foco na inclusão social tem sido tratado como prioridade e questão de Estado. Isto ficou claro desde que iniciamos o mandato e criamos o Ministério do Esporte, que até então dividia uma única pasta, com o Ministério do Turismo.

Criamos políticas nacionais para o esporte, das quais o programa Bolsa-Atleta é apenas uma de suas pontas mais visíveis. E fizemos isso ouvindo a sociedade de forma intensa. Em junho do ano passado realizamos em Brasília



a primeira Conferência Nacional do Esporte. Ela foi o ponto culminante de um processo no qual foram realizadas 60 conferências municipais e 116 regionais, envolvendo 2.500 municípios e a participação direta de mais de 83 mil pessoas.

Essa multidão de interessados – gente que critica, debate, sugere e propõe – já é, por si só, uma prova de como o tema é importante para todos os brasileiros e brasileiras.

As ações do governo federal no setor estão presentes em muitas áreas. Criamos o programa Segundo Tempo, que permite às crianças carentes aproveitarem em práticas esportivas o período do dia em que não estão nas salas de aula. Atualmente, 1 milhão de crianças são atendidas por meio desse programa. Estamos, assim, incentivando o esporte, valorizando a educação e fazendo justiça social.

Já o programa Pintando a Liberdade – uma ação inédita que está sendo feita em conjunto com o Ministério da Justiça – incentiva a fabricação de material esportivo em presídios para distribuição na rede pública de ensino. Já batemos a marca de um milhão de bolas de futebol produzidas por mais de 13 mil detentos.

Também não deixamos de apoiar nossa grande paixão brasileira, o futebol, seja através de dispositivos legais como a Lei da Moralização e o Estatuto do Torcedor, seja através da Loteria Time Mania, encaminhada ao Congresso Nacional, que propicia condições aos clubes para que possam quitar suas dívidas, em especial com os cofres públicos.

Estamos, enfim, valorizando cada vez mais o Esporte e ampliando o lugar que ele ocupa merecidamente em nossa sociedade. As empresas públicas, por exemplo, estão patrocinando cada vez mais não só os grandes competidores como também investem na formação de novos atletas. Com isso, dão o exemplo e incentivam outras empresas a fazerem o mesmo.

Nosso empenho no fortalecimento da infra-estrutura de treinamento em



todo o Brasil e na busca de uma regulação cada vez mais eficiente para o setor está, felizmente, dando bons resultados.

Temos certeza de que todas essas ações convergem num único sentido: dar ao nosso povo – esportistas ou simples apreciadores do esporte – as melhores condições para que possam se dedicar ao que tanto amam.

Meu querido Nuzman, meu querido Vital, meus companheiros, atletas, secretários e ministros.

Possivelmente, o Nuzman já seja dirigente esportivo no Brasil há muito tempo, e eu ousou dizer, na frente dele, que eu não sei se já houve um qualquer outro momento da história do Brasil, momento em que o esporte foi transformado em política de Estado, em política pública, em que não recebemos os atletas aqui para comemorar uma vitória nas Olimpíadas ou não recebemos uma Seleção apenas para comemorarmos uma vitória na Copa do Mundo, não recebemos aqui um lutador de boxe que ganhou o título mundial. Aqui nós recebemos aqueles que ainda sequer foram transformados em profissionais. Aqui nós recebemos os derrotados junto com os vencedores, sem dar a importância de que o que ganhou é melhor do que o que perdeu, porque também, embora tenha gente mais competente do que outra, a verdade é que as vitórias podem ser circunstanciais e, muitas vezes, a derrota também é circunstancial por conta de um determinado problema, em um determinado momento.

O que nós fazemos, aqui, é fazer com que as pessoas entendam e, sobretudo, o povo brasileiro, que é papel do Estado dar condições para que todas as pessoas, independentemente da sua origem social, independentemente da sua cor, do seu credo religioso ou da sua opção partidária, que todas as pessoas sejam colocadas no mesmo banco de oportunidades. Aí, sim, na hora em que você garante oportunidades a todos, vai se sair aquele mais dedicado, aquele que treina mais, aquele que tiver muito mais vontade pode se sobressair por esforço.



Normalmente o jogador que bate falta bem, dizem que é aquele que treina muito. Aquele que não treina, tem chance de acertar o gol, mas tem muita chance de errar. Em qualquer esporte é a mesma coisa. Aquele que passa parte do seu tempo se dedicando, treinando, aquele que dorme a quantidade de horas necessária, aquele que não faz nenhuma extravagância, mas leva o esporte a sério, até porque o esporte é uma atividade muito curta na vida de um ser humano... Se nós pensarmos o esporte profissional, o Robson sabe que um jovem começa a chegar na sua plenitude aos 20 anos. Dos 20 aos 30 ele é competitivo e, depois, ele começa a perder. Ele nem é muito competitivo antes e nem é depois. Ele tem, na verdade, 10, 12 anos em que tem que tirar proveito do seu potencial, tem que tirar proveito da sua capacidade, tem que tirar proveito das oportunidades para que ele possa, nesse curto espaço de tempo, consagrar-se como ser humano, com as conquistas que possa obter, mas também, porque não dizer, até conseguir fazer um “pezinho de meia” para que sobreviva condignamente depois, porque, lamentavelmente, ainda no esporte não chegou nenhuma política para cuidar da velhice daqueles que, quando perdem a medalha, deixam de ser atletas, muitas vezes não têm do que sobreviver.

E esta é uma coisa com que nós vamos caminhando, meu caro Robson, meu caro Prudêncio, nós vamos caminhando. Nós vamos reparando todos os defeitos que tivemos no passado, tudo aquilo que nós não conseguimos fazer tempos atrás. Sabemos que não podemos fazer tudo de uma única vez, mas sabemos que, dando passos bem pensados, a gente pode construir muito mais coisa do que já foi construída em qualquer outro momento da história do nosso país.

Eu não acredito que exista nada que possa motivar mais uma criança ou um adolescente do que uma boa qualidade de ensino e do que uma boa prática de esporte. Nada pode motivar mais. Uma criança, quando pratica esporte, isto eu ouço na minha casa, com o meu neto, quando ele passa o sábado jogando





bola, ele nem pede janta, ele chega em casa, vai dormir, portanto, ele não tem tempo de fazer nenhuma traquinagem. Na adolescência é a mesma coisa, se ele praticar esporte o dia inteiro, ele não vai ter tempo de chegar em casa, querer sair à noite e se transformar em vítima de assalto, em vítima de uma bala perdida. Eu não sei como é que essas balas perdidas pegam sempre uma pessoa, mas, de qualquer forma, eles inventaram a palavra “bala perdida”...

O dado concreto é que está cheio de adolescentes que são vítimas, todo santo dia, em todo o território nacional. E, obviamente, o esporte passa por isso. E por isso, Nuzman, tem uma coisa combinada, perfeita, que é a questão do investimento na educação e do investimento no esporte.

Nós estamos fazendo uma coisa que o resultado vai ser extraordinário em um curto prazo. Nós aprovamos o Fundeb. O Fundeb é a universalização definitiva do ensino no Brasil, em que o Estado assume a responsabilidade da pré-escola até a universidade. Por conta disso, nós poderemos colocar 17 milhões de pessoas a mais na escola nos próximos anos. Nós estamos criando 3 universidades federais novas: uma no Recôncavo Baiano, uma na região de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e uma, de alta tecnologia, no ABC Paulista, que não tinha uma universidade federal. Estamos criando 32 extensões das atuais universidades federais, levando as universidades para regiões mais pobres do país. Em setembro vamos inaugurar a Universidade de Garanhuns, depois vamos inaugurar a de Caruaru, a do Vale do São Francisco já está inaugurada, depois vamos inaugurar no Vale do Mucuri, lá em Minas Gerais, em uma das regiões mais pobres de Minas Gerais, e estamos levando, para que a gente possa dar às regiões mais empobrecidas do país, a oportunidade de, chegando uma extensão universitária lá, o começo do funcionamento de um novo campus de uma universidade federal, possa levar professores, possa levar conhecimento, possa levar inteligência e possa ajudar as pequenas cidades a se desenvolverem. E, certamente, onde tem uma escola, tem uma prática de esporte, onde tem uma prática de esporte, a gente pode ter uma



quantidade enorme de atletas disputando entre si.

Da mesma forma que também nós já aprovamos construir 32 escolas técnicas, de ensino médio, para que o adolescente que termina o ensino, a 8ª série, ele não tenha, se não quiser fazer o colegial pura e simplesmente, ele pode fazer um curso profissionalizante, um ensino técnico, que pode dar para ele uma garantia de que vai ter uma profissão. E eu digo sempre que uma profissão na vida de um homem é tudo. É verdade que, muitas vezes, um homem e uma mulher com profissão têm dificuldade de arrumar emprego, mas sem uma profissão terão muito mais dificuldade.

E eu digo isso como exemplo para a juventude. Eu sou o oitavo filho de uma mulher analfabeta e, por conta de ter uma profissão, eu fui o primeiro a ter uma casa, o primeiro a ter um carro, o primeiro a ter uma televisão. Por conta de uma profissão, coisas que outros irmãos meus só vieram a ter essa possibilidade muito tempo depois.

Então, estudar e praticar esporte é quase que uma condição, é quase que uma obrigação da gente que sonha em construir um país mais justo, um país em que a riqueza seja mais distribuída e um país em que as pessoas possam, finalmente, dizer que conquistaram a cidadania porque conquistaram as oportunidades que o Estado brasileiro precisa criar para essas crianças.

Por isso Nuzman, por isso Vital, por isso meus amigos, Agnelo, eu não vou te elogiar mais, não, porque quando a gente começa a elogiar muito um ministro, depois a gente quer tirar, não pode tirar, então, eu vou só dizer... A ida do companheiro Agnelo para o Ministério do Esporte, eu digo sempre que foi juntar a fome e a vontade de comer, a coceira e a vontade de coçar, porque ele é um homem que gosta disso, é dedicado, acredita. A gente percebe na cara do Agnelo que ele faz as coisas não é para cumprir uma formalidade ou uma decisão de governo, ele faz a coisa porque está dentro dele, porque ele gosta, porque adora, e porque ele pensa como todos nós que estamos aqui, que, quem sabe, será através do esporte que a gente poderá construir esta nação



tão bonita, soberana e socialmente mais justa, que nós tanto precisamos.

Meus parabéns, Agnelo, parabéns Jorge Mattoso, e meus parabéns aos atletas todos que estão aqui.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita às obras de ampliação da nova pista do Aeroporto de Brasília**

**Aeroporto Internacional de Brasília, 25 de julho de 2005**

Primeiro, eu fui convidado para vir aqui tomar café e, até agora, café que é bom, nada.

Meu querido companheiro Carlos Wilson, presidente da Infraero,  
Senhor Marco Antonio Matos de Oliveira, superintendente do Aeroporto Internacional de Brasília,

Senhor Arlindo Antonio Stocco, presidente da Beter,

Meus companheiros e companheiras trabalhadores

Meu caro Francisco Cavalcante. O Francisco, eu não sei vocês estão lembrados, que há um ano e pouco atrás surgiu uma notícia daquelas que nos permitem ter mais orgulho do Brasil e do nosso povo. Este homem que vocês estão vendo aqui, elegante – venha aqui, sr. Francisco – este homem, terno novo, gravata nova, este homem que vocês estão vendo aqui, há mais ou menos um ano, um ano e pouco, ele trabalha na Infraero, presta serviços a uma empresa terceirizada, este cidadão achou 10 mil dólares. E para nossa grata surpresa, este companheiro pegou esses 10 mil dólares e entregou na Direção do Aeroporto. Esse dinheiro era de um cidadão suíço, que depois veio buscar o dinheiro, não sei se lhe deu uma gorjeta, acho que nem falou obrigado. Eu recebi o Francisco no meu gabinete e perguntei para o Francisco: Francisco, você não teve vontade de ficar com o dinheiro? Afinal de contas você não tinha roubado, você achou. Ele falou: “não.” Eu falei: por quê? “Porque aquele dinheiro não era meu.”

Vocês percebem que gestos como esse engrandecem a figura humana, engrandecem o ser humano, porque nós estamos percebendo, com todas as denúncias que acontecem no Brasil, que se nós tivéssemos 180 milhões de



Franciscos, certamente o dinheiro do Brasil daria para a gente fazer muito mais coisas para o povo pobre deste país, do que se as pessoas levarem dinheiro.

Por isso, meu querido, prazer em te encontrar aqui mais bonito do que o dia em que eu te vi, mais elegante. Você é um exemplo de brasileiro, um exemplo de ser humano.

Meus companheiros e companheiras,

A coisa que mais me deixa alegre e feliz quando venho a uma inauguração ou visitar uma obra é perceber que o território nacional, normalmente, está presente na obra. Aqui, certamente, tem gente do Rio Grande do Sul, tem gente de Santa Catarina, tem gente do Paraná, de São Paulo, tem gente de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, da Bahia, tem gente de Alagoas, de Sergipe, tem gente de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará, do Maranhão está entupido de gente aqui, tem gente de Rondônia, tem gente dos dois Mato Grosso, do Sul e Mato Grosso, tem gente do Amazonas, ou seja, na verdade cada obra dessas se transforma num encontro dos irmãos e irmãs brasileiros vindos de todos os recantos do Brasil para deixar aqui a marca registrada da capacidade de trabalho do trabalhador brasileiro.

Carlos Wilson, é gratificante saber o que aconteceu no nosso país em 30 meses. Se vocês atentarem para a questão do emprego, eu vou dar um número para vocês: em oito anos do governo que eu substitui, a média de emprego de carteira profissional assinada era de 8 mil empregos por mês, a média mensal, em oito anos, foi de 8 mil empregos por mês. No nosso governo, a média é de 104 mil empregos com carteira profissional assinada por mês, ou seja, 12 vezes mais estamos gerando empregos. São 3 milhões, 135 mil novos empregos, em 30 meses, com carteira profissional assinada em todo o território nacional.

Se nós medirmos que para cada trabalhador com carteira profissional assinada, você tem trabalhador indireto, contratado na economia informal, você



percebe que nós estamos alcançando, não tanto quanto eu gostaria, mas muito mais rápido do que qualquer previsão feita por técnicos importantes do nosso país.

Além da geração de empregos na construção civil, além da geração de empregos com carteira profissional assinada, tem um outro dado exuberante que os trabalhadores do Brasil inteiro precisam saber. Quando nós tomamos posse, o governo tinha destinado 4 bilhões, ou melhor, de 5 bilhões destinados para a agricultura familiar, apenas 2 bilhões tinham sido liberados. No nosso governo, este ano, já liberamos 100 bilhões e 250 milhões e já colocamos 9 bilhões de reais à disposição da agricultura familiar e quem é do Norte e Nordeste sabe que o dinheiro do Pronaf muitas vezes ficava apenas no Sul do país. E agora este dinheiro está se espraiando por todo o território nacional e qualquer trabalhador rural que tiver uma pequena propriedade, em qualquer estado do Brasil, ele tem hoje, ele já tinha antes, mas muitas vezes o gerente do Banco do Brasil não estava sequer preparado para receber um trabalhador rural pequeno porque ele não tinha nem como chegar ao banco.

Hoje, o Banco do Brasil se preparou, e nós esperamos que nesta safra, agora, a gente gaste os 9 bilhões que estão colocados à disposição do pequeno agricultor, que quem é nordestino e quem é do Norte sabe, o que vale para o pequeno sertanejo que tem sua propriedade é ter acesso a um dinheirinho para poder facilitar a sua produção.

Além disso, Carlos Wilson, nesses 30 meses, não foi apenas a Infraero que cresceu, que fez essa quantidade enorme de recuperação de aeroportos, que fez investimentos excepcionais no Brasil. Você deve ter o número do turismo, pela primeira vez nós estamos batendo o recorde dos recordes de entrada de estrangeiros no Brasil e também do turismo interno de brasileiros viajando pelo Brasil inteiro, quando, em poucos momentos da história do país, a gente conseguiu ter mais dólares entrando do que dólares saindo.

E isso, portanto, veio da política ousada de vender a imagem do Brasil lá



fora como um país que não é apenas um país do carnaval e do futebol, nós temos carnaval, temos futebol mas nós temos tantas outras coisas importantes para mostrar a quem quiser vir aqui, e essas pessoas estão acreditando e estão vindo ao Brasil para conhecer um pouco a realidade do nosso país e o potencial de coisas bonitas que nós temos para oferecer a qualquer visitante estrangeiro que venha aqui.

Mas uma coisa é importante, que vai marcar, sobretudo para o pessoal da construção civil, que foi a (inaudível) ou seja, nós, em 30 meses, disponibilizamos 14 vezes mais dinheiro para o saneamento básico do que de 1999 a 2002. Repare bem, em 30 meses nós disponibilizamos, ou seja, colocamos à disposição das empresas, dos governos e das prefeituras, 14 vezes mais recursos do que tudo o que foi gasto de 1999 a 2002 para fazer saneamento básico. E vocês sabem que saneamento básico é uma coisa que gera muito emprego e é uma coisa que faz com que melhore a saúde da população, porque na hora que tiver água potável, na hora que as pessoas tiverem pisando no asfalto e não no esgoto a céu aberto, a gente vai perceber que as pessoas vão ser mais saudáveis, as crianças vão ficar menos doentes, as famílias vão ficar menos doentes, portanto a gente vai gastar menos dinheiro com médico e menos dinheiro com remédios.

Uma outra coisa importante foi o investimento que nós fizemos na questão da educação. Está havendo uma revolução que ainda não foi mostrada na televisão, mas certamente será mostrada. Nós, nesses 30 meses, criamos três novas universidades federais, a Universidade do Recôncavo Baiano, a Universidade Tecnológica do ABC, a Universidade da Grande Dourados, e além das três universidades federais novas, nós estamos fazendo 31 extensões de universidades, ou seja, nós estamos pegando as universidades federais que existem normalmente nas capitais e estamos levando uma extensão delas para o interior.

Você é testemunha, aliás, é o dono da idéia, de a gente levar a



Universidade Rural de Recife para Garanhuns, de levar a universidade para Caruaru, de levar a universidade para o Vale do São Francisco, de levar a universidade para o Vale do Jequitinhonha, ou seja, quase todas as regiões pobres do Brasil vão receber uma extensão de uma universidade federal que vai começar com menos custo do que a própria universidade, mas é a possibilidade que nós temos de fazer com que as pequenas cidades comecem a desenvolver e os filhos das pessoas mais pobres que moram nas cidades pequenas possam ter acesso à universidade perto da sua cidade e não tenham que viajar para São Paulo, para o Rio de Janeiro, para Belo Horizonte para fazer um curso qualquer.

Mas a coisa mais importante ainda foi o ProUni. O ProUni foi uma revolução que o ministro Tarso Genro me propôs, ou seja, nós tínhamos um problema no Brasil que eram os jovens pobres da periferia, que terminavam o 2º grau, prestavam vestibular, passavam e quando chegava em fevereiro, que iam fazer a matrícula na faculdade, o curso custava 800 reais, 900 reais, 1000 reais. Simplesmente, essa menina, esse menino abandonava os estudos porque não tinha condições de pagar.

O que nós fizemos? Nós fizemos um acordo com as universidades privadas do Brasil. Nós fazemos uma isenção de alguns impostos para essas universidades e elas nos dão o valor correspondente à isenção de impostos em vagas. Então, só este ano, nós colocamos 112 mil novos alunos nas universidades brasileiras, normalmente a maioria da periferia das grandes cidades, e normalmente jovens da escola pública que não tinham condições de chegar à universidade. Tem uma quota para os negros, tem uma quota para os índios e nós, em quatro anos, poderemos chegar a 760 mil novos alunos entrando na universidade brasileira.

Além disso, nós estamos fazendo 32 novas escolas técnicas no país para que a gente possa garantir que, pelo menos em cada região brasileira, a gente tenha uma escola técnica para que o adolescente, para quando terminar





o 2º grau, se não puder ir para a universidade, ou mesmo quando terminar a 8ª série, ao invés de fazer o 2º grau, fazer um curso profissional para que possa ter a oportunidade de ter um emprego na vida e ter uma profissão, porque uma profissão é tudo.

Eu digo em toda oportunidade: eu, graças a uma profissão que aprendi, muito jovem, de torneiro mecânico... eu sou de uma família de oito filhos. Na verdade meu pai teve 26. Com a minha mãe, 12: quatro morreram, oito ficaram vivos, com a minha mãe, 12. Mas por conta de uma profissão, eu fui o primeiro a ter uma casa própria, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter uma geladeira, eu fui o primeiro a ter um carro, por conta de uma profissão.

Então, eu quero que vocês não percam nenhuma oportunidade que se apresentar para vocês, para que estudem. Muitas vezes, é sacrificado: “mas eu trabalhei o dia inteiro, eu estou cansado.” Não tem problema, vocês vão perceber que quando vocês começarem a estudar, a primeira coisa que vai melhorar é a relação de vocês no local de trabalho, porque o próprio empregador, se tiver um trabalhador mais qualificado, vai ter que promover esse trabalhador para exercer uma função melhor e para ganhar um salário melhor. A gente não pode se entregar à mesmice que nós herdamos dos nossos pais, porque muitas vezes eles não tiveram condições de nos dar, quando a gente precisava, uma melhor qualidade de vida.

Mas agora nós já estamos adultos, vocês já cresceram, já viraram homens, já se casaram, já viraram mulher, já se casaram. Agora, nós temos que futucar, a palavra correta é essa, nós temos que futucar o tipo de vida que nós queremos deixar para os nossos filhos, para os nossos netos. É por isso que nós estamos investindo em educação.

Nós, agora, mandamos um Projeto de Lei para o Congresso Nacional, para aprovar o Fundeb. Isso significa cuidar das crianças desde o ensino infantil até a universidade; significa colocar 17 milhões a mais de jovens na escola, neste país, ou seja, isso vai começar a dar resultado daqui a quatro



anos, daqui a cinco anos, daqui a seis anos, porque o que a gente gasta na saúde é o mais importante, ou melhor, o que a gente gasta na educação é o mais importante investimento que um governo faz e que uma nação faz, porque o dinheiro investido em educação significa que, um tempo depois, vai trazer retorno imediato, porque na hora em que o Brasil tiver mais meninos e meninas com curso universitário, com mais engenheiros, com mais técnicos em computação, com mais médicos, com mais arquitetos, ou seja, com mais gente formada, certamente o Brasil deixará de ser um país em vias de desenvolvimento e, definitivamente, o Brasil será um país desenvolvido.

O Carlos Wilson falou que nós estamos num processo de substituição, eu tomei como atitude fazer com que todas as pessoas que fossem candidatas a algum cargo eletivo, no ano que vem, se afastassem. Todo mundo aqui sabe da relação de amizade que eu tenho com esse companheiro que eu conheci em 1989, quando era governador do estado de Pernambuco. Antes, eu tinha sido deputado constituinte e tive uma boa relação de amizade com o pai dele que era constituinte. De lá para cá este companheiro virou um amigo, daqueles amigos que a gente não consegue encontrar todo santo dia.

Sei do trabalho extraordinário que ele montou na Infraero, sei da quantidade de obras que está fazendo e eu tenho certeza, Carlos Wilson, que ao longo do tempo, todas as vezes que as pessoas que viajarem passarem no aeroporto de Brasília, seja de São Paulo ou Rio de Janeiro, seja do Rio Grande do Norte ou Pernambuco, as pessoas vão lembrar que ali teve a inteligência, teve a maturidade e teve o dedo do companheiro Carlos Wilson.

Por isso, eu quero terminar esta minha fala pedindo – primeiro, os meus agradecimentos a você Carlos Wilson, que ainda não saiu mas pode sair – e pedir a vocês que de forma carinhosa a gente agradecesse o trabalho que esse homem fez na Infraero, com uma salva de palmas em homenagem à passagem dele pelo nosso (inaudível)

Que Deus abençoe todos vocês, cuidem bem das suas famílias porque a



família é a base fundamental pela qual a gente pode construir a sociedade que todos nós queremos construir. Eu sei que muitos de vocês estão aqui, sei que as mulheres de vocês muitas vezes ficaram na sua cidade natal, no seu estado. Eu nasci assim, o meu pai engravidou minha mãe, ele veio embora e eu fiquei lá em Garanhuns, na barriga da minha mãe. Eu fui ver meu pai cinco anos depois. Meu pai podia ter todos os defeitos que um homem pode ter, mas ele nunca deixou de mandar uma ajuda para minha mãe cuidar dos oito filhos dela. Então, eu sei que vocês têm famílias, por favor, vocês estando aqui não esqueçam que vocês têm filhos e que eles serão o resultado do que vocês fizerem por eles hoje.

Boa sorte e muito obrigado a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita oficial do Presidente da República de Botsuana, Festus Mogae**

**Palácio Itamaraty, 26 de julho de 2005**

Excelentíssimo senhor Festus Mogae, presidente da República de Botsuana e senhora Barbara Mogae,

Ministro Nelson Jobim, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Senhora Adrienne Senna,

Embaixador Celso Amorim, ministro de Relações Exteriores e senhora Ana Amorim,

Senhores embaixadores estrangeiros, acreditados junto ao meu governo,

Senhores ministros,

Minhas amigas e meus amigos,

Senhores integrantes da comitiva da República de Botsuana,

Senhores embaixadores,

Cumprimento o presidente Festus Mogae e a senhora Barbara Mogae que, com muita honra, recebo em visita oficial ao Brasil.

É um privilégio podermos receber o Chefe de Estado de um país que, além de amigo, é um exemplo de estabilidade política e de compromisso com os valores democráticos.

A estabilidade em Botsuana tem prestado importante contribuição para a manutenção da paz e da concórdia em toda a África Austral nos últimos anos. Floresce a democracia e amplia-se o desenvolvimento econômico e social em vários países da região.



Por tudo isso, a África Austral tornou-se hoje símbolo de tolerância e de renascimento do continente africano.

Dentro de alguns dias estaremos organizando, no Rio de Janeiro, um Simpósio sobre África Austral e África Oriental. Teremos uma ocasião singular para conhecer e aproveitar as inúmeras oportunidades oferecidas neste momento promissor por Botsuana e por outros países da região.

Observamos também grande convergência de posições em assuntos multilaterais, em particular no que se refere à reforma das Nações Unidas.

O Brasil está trabalhando junto com os países africanos em favor de uma reforma que torne o Conselho de Segurança mais legítimo e representativo, com a presença de países em desenvolvimento como membros permanentes. Agradeço de forma muito especial ao presidente Mogae, pelo apoio de Botsuana à aspiração do Brasil por um assento permanente no Conselho.

Senhor Presidente,

O Brasil quer estabelecer uma parceria mutuamente benéfica com Botsuana. Queremos que nossos laços bilaterais concretizem o ideal de cooperação Sul-Sul que venho defendendo desde que assumi o governo.

Temos ainda muito o que fazer. O fortalecimento de nossas relações bilaterais, que são recentes, começou a ganhar maior vigor apenas no ano passado, quando o Vice-Ministro de Negócios Estrangeiros do seu país liderou expressiva missão empresarial ao Brasil.

Em março deste ano, o governo brasileiro enviou missão diplomática a Gaborone para explorar diversos projetos de cooperação nas áreas de saúde, esporte, piscicultura e ecoturismo.

O Acordo-Quadro de Cooperação Técnica que estamos assinando hoje representa um marco na consolidação de nossas relações. O entendimento será instrumental para a continuidade e ampliação da cooperação no combate ao HIV/Aids. Estamos conscientes da necessidade de adotar ações urgentes



para enfrentar essa terrível epidemia, cujo custo social ainda está por ser estimado.

Esteja seguro, presidente Mogae, de que o Brasil está preparado a prestar toda a sua solidariedade a fim de evitar o agravamento da situação em seu país, e em outros países da região. Uma das vias que estamos explorando é a de um projeto educacional, por meio de programas de televisão que capacitem os professores a tratarem do combate à epidemia nas escolas e junto às suas comunidades. Acreditamos que a conscientização é um dos elementos centrais na luta contra o flagelo do HIV/Aids.

Há também boas possibilidades de cooperação na área agrícola. O Botsuana apresenta clima semi-árido semelhante a diversas regiões brasileiras. Essa circunstância torna propícia a transferência da experiência significativa em matéria de agricultura tropical que o Brasil logrou desenvolver nas últimas décadas.

A área comercial é igualmente promissora. Por isso, saudamos a assinatura, pelo governo de Botsuana, do Acordo de Preferências Tarifárias entre o Mercosul e a União Aduaneira da África Meridional. Estou convencido de que o processo de liberalização comercial entre o Mercosul e a Sacu criará as condições legais e os incentivos necessários para que possamos dar vigoroso impulso no intercâmbio entre as duas sub-regiões.

Existem muitas oportunidades a explorar nas relações econômicas, inclusive com a realização de investimentos. Desde já, sobressaem áreas as mais diversas como as de turismo, têxtil, couros e calçados, agropecuária e de serviços financeiros.

Senhor Presidente,

Vossa Excelência é reconhecido como uma das mais expressivas lideranças africanas. Seu compromisso com os valores democráticos e sua contribuição para a estabilidade política e para o desenvolvimento de Botsuana constituem importantes ativos para seu povo e seu país.



Acompanhamos com interesse o exitoso esforço do governo de Botsuana em diversificar o setor produtivo do país. Têm sido notáveis as ações empreendidas para a melhoria dos indicadores sociais, que se situam hoje acima da média no continente.

A visita de Vossa Excelência inaugura um novo capítulo nas relações entre nossos países. O governo brasileiro está firmemente empenhado em avançar a cooperação bilateral para o desenvolvimento e em expandir os laços em todos os domínios possíveis. As afinidades históricas, culturais e étnicas que ligam o Brasil aos irmãos africanos tornam esse compromisso inadiável.

E a vontade política para buscar essa aproximação nunca esteve tão presente em meu país. E é por todas essas razões que saúdo sua visita ao Brasil e, para celebrá-la, convido todos os presentes a fazerem um brinde ao fortalecimento das relações entre Botsuana e Brasil, e à felicidade pessoal da senhora Barbara e do presidente Festus Mogae.

Muito obrigado.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no ato de anúncio da criação da Universidade Federal do Pampa**

**Bagé-RS, 27 de julho de 2005**

Senhor Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,  
Senhor Tarso Genro, ministro da Educação, que deixa o seu cargo na próxima sexta-feira, para que o nosso querido Fernando Haddad assumira o Ministério da Educação,

Meu caro deputado Ronaldo Zülke, vice-presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul,

Senhor Luiz Fernando Mainardi, prefeito de Bagé, e sua senhora,

Meus companheiros deputados federais Marco Maia, Maria do Rosário, Osvaldo Biolchi, Paulo Pimenta, Luis Carlos Heinze e deputado Orlando Desconsi,

Professor Francisco Arno Vaz da Cunha, Reitor da Urcamp,

Professor Antônio César Gonçalves Borges, reitor da Universidade Federal de Pelotas,

Professor Paulo Jorge Sarkis, reitor da Universidade Federal de Santa Maria,

Professor José Carlos Hennemann, reitor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

Professor João Carlos Cousin, reitor da Universidade Federal do Rio Grande,

Meus companheiros deputados estaduais,

Prefeitos aqui da região,

Vereadores,

Secretários estaduais,

Companheiros que acompanham a minha delegação,





Estudantes,

Meus queridos e queridas companheiras, eu ia citar, aqui, as cidades: Aceguá, Alegrete, Barra do Caraí, Caçapava, Cacequi, Candiota, Dom Pedrito, Poligui, Unha Negra, Itaqui, Lavra do Sul, Maçambará, Manoel Viana, Nova Esperança, Pinheiro Machado, Piratini, Quarai, Rosário, Santa Margarida, Santa Maria, Santana da Boa Vista, Santana do Livramento, São Borja, São Francisco de Assis, São Gabriel, São Sapé, São Vicente do Sul, Vila Nova do Sul, Novo Cabrais, Cachoeirinha e Gravataí,

E meus companheiros e companheiras de Bagé, muito boa tarde,

Se eu esqueci alguma cidade, eu quero pedir desculpas a vocês. Nós temos um problema de tempo, porque o avião tem que sair cinco e meia, porque não tem luminosidade, não tem luz. Vamos tratar, Rigotto, de fazer uma parceria aí, para colocar uma luzinha nesse aeroporto.

Mas, companheiros, eu tenho um pronunciamento escrito, mas antes eu queria dizer duas palavras a vocês. Não há, na história da humanidade, nenhum povo que conseguiu se desenvolver sem que antes houvesse investimentos em educação.

No Brasil, isso não aconteceu porque, durante muitos e muitos anos, os homens que governavam este país não entendiam o dinheiro da educação como investimento, entendiam como gastos. E por isso, sempre que se discutia colocar dinheiro na educação, se colocava a educação no mesmo patamar de qualquer outro ministério ou de qualquer outro investimento do governo.

O novo governo, por determinação de quem aprendeu na prática o valor da educação, cada centavo que nós colocamos na educação, é a certeza de que nós estamos construindo, cada vez mais, uma cidadania de primeira classe para todos os 180 milhões de brasileiros.

Por isso, eu estou feliz de estar aqui, neste momento histórico para a metade Sul do Rio Grande do Sul. Essa metade que, se em algum tempo já foi



a parte mais desenvolvida do estado, de uns tempos para cá passou a ser a parte mais esquecida do estado.

Não queremos culpar ninguém, não queremos dizer quem é que foi responsável pelo esquecimento do desenvolvimento dessa região. O que nós queremos é tentar encontrar soluções para que daqui para a frente recuperemos o tempo perdido e façamos do Rio Grande do Sul, como queremos fazer de todo o Brasil um país de igualdade de oportunidades, onde em qualquer cidade em que a pessoa morar, tenha a possibilidade de acesso aos serviços públicos de boa qualidade.

E isso não é fácil. Não é fácil porque, historicamente, se partia do princípio de que pobre não precisa estudar. Este país, historicamente, foi governado para menos de um terço da sua população, sem se lembrar que a construção da Nação forte que nós queremos construir, só será essa Nação forte no dia em que este país estiver sendo governado e atendendo as aspirações dos 180 milhões de brasileiros.

É por isso que nós tomamos essa atitude. Essa atitude de já aprovarmos algumas coisas importantes na educação, mas a mais importante, sem dúvida nenhuma, foi o Fundeb, que era uma aspiração histórica e que é a razão principal pela qual, um dia, os estados mais pobres do Brasil, principalmente Norte e Nordeste, terão condições de ter a mesma oportunidade dos estados mais ricos da Federação.

E não é apenas em educação. Se nós analisarmos, meu querido ministro Tarso Genro, meu querido governador, o que foi feito neste país, no campo da agricultura familiar, nós vamos perceber que, em 30 meses, nós pulamos de 2 bilhões e 400 milhões para 6 bilhões e 100 milhões de reais de investimento na agricultura familiar. Pulamos de 900 mil contratos para 1 milhão e 700 mil contratos em apenas 30 meses.

Se nós analisarmos, quando chegamos, em janeiro de 2003, gastava-se neste país, com transferência de renda, apenas 2 bilhões e 200 milhões, e nós,



30 meses depois, estamos gastando 6 bilhões e meio e, se Deus quiser, chegaremos em 2006 gastando mais de 8 bilhões com transferência de renda através do Bolsa Família. Se nós chegarmos à conclusão de que os benefícios pagos à sociedade brasileira que ganha um salário mínimo, saltaram de 98,9 bilhões de reais, em 2002, para 165 bilhões de reais, 30 meses depois, se nós analisarmos o que cresceu a saúde, os investimentos que nós fizemos em segurança pública, nós vamos analisar porque a economia brasileira está crescendo, nós vamos chegar à conclusão, porque as exportações batem recordes atrás de recordes, nós vamos começar a pensar: por que desde 1982, 1992, até 2002, a média mensal de empregos criados no Brasil era de apenas oito mil empregos com carteira profissional assinada durante os últimos dez anos. E em 30 meses do nosso governo a média mensal de geração de emprego com carteira assinada já não é de 8.037, é de 104 mil empregos por mês nesses 30 meses em que estamos governando o país.

Esses dados podem deixar algumas pessoas inquietas, porque as pessoas – lamentavelmente é assim no Brasil – as pessoas normalmente torcem para que o eleito seja pior do que ele, normalmente torcem para o fracasso daquele que o sucede. É como se o povo não valesse nada, é com se o povo fosse apenas um objeto de valor específico no dia das eleições, porque quando o povo vota, qualquer que seja o candidato, o povo vota com a esperança de que as coisas vão melhorar. E fica esperando. Mas aqueles que perdem, muitas vezes, ao invés de se conformarem com a derrota, ficam torcendo para que haja o fracasso do eleito.

E vocês, aqui, esse povo inteligente, sabe quanta gente achava: “Ah, o Lula vai ser eleito. No final de quatro anos vai ser um fracasso tão grande que nunca mais vamos eleger alguém parecido com o Lula.” E eu estou pedindo a Deus para chegar o dia 31 de dezembro de 2006 e poder comparar cada coisa que nós fizemos com os últimos 20 anos, para ver se existiu na história deste país, alguém que investiu mais em políticas públicas do que nós temos



investido.

O companheiro Olívio Dutra não é mais ministro, mas nos 30 meses em que ele esteve no Ministério, o investimento em saneamento básico, nós investimos 14 vezes mais do que tudo que foi investido de 1999 a 2002, porque o Brasil passou muitos anos sem cuidar do saneamento básico.

Eu queria dizer essas coisas porque nem sempre nós somos informados das verdades que acontecem no país. Muitas vezes as pessoas preferem vender a desgraça do que vender as coisas boas que acontecem no dia-a-dia da vida deste país. E tem acontecido coisas extraordinárias, sobretudo nessa área que eu vou dizer agora para vocês.

Por isso, eu queria, meu companheiro Fernando Haddad, já não é mais com o Tarso, vai ser com você. Eu recebi um bilhete de um companheiro, aquele cidadão simpático ali – levanta a mão Luis Fernando. Ele mandou um bilhetinho para mim, é o seguinte: “Só Deus e o senhor podem me ajudar, porque eu preciso estudar.” Então, meu caro, eu vou passar para você. Você, o Mainardi e o governador Rigotto, terão que fazer uma parceria para resolver o problema, porque neste país o pobre já tem dificuldade de chegar à universidade. E se ele for pobre, e além de pobre for negro, ele tem dupla dificuldade de chegar à universidade neste país. É por isso que nós nos orgulhamos do ProUni, porque o ProUni exige uma participação dos pobres das escolas públicas, mas dentre os pobres, uma grande participação dos negros e dos índios, para que a gente possa sonhar, num curto espaço de tempo em ter uma sociedade de verdade, solidária, justa e, socialmente, atendendo aos interesses do seu povo.

Por isso estou hoje em Bagé, para anunciar as ações do governo federal que vão atender às justas demandas por ensino público e de qualidade na metade Sul do nosso querido estado do Rio Grande do Sul.

Como passo inicial, estamos implantando os *campi* universitários de Bagé e de Jaguarão e das demais cidades, através da extensão da



Universidade Federal de Pelotas e de Santa Maria

Nos próximos dois meses vamos enviar Projeto de Lei ao Congresso Nacional para a criação da Universidade Federal da Região do Pampa, o que deverá ocorrer em até três anos e beneficiar, quando estiver totalmente instalada, em torno de 10 mil alunos da região.

Essas iniciativas, tenho certeza, representam uma nova e promissora etapa para a educação superior em toda esta região da metade Sul do estado.

Minhas companheiras e meus companheiros,

Tenho dito que o nosso governo está fazendo uma revolução na educação brasileira. Uma revolução que, aos poucos, vem sendo reconhecida pelo nosso povo.

Nos últimos 30 meses temos feito grandes investimentos na educação. E esta é, sem dúvida, uma excelente maneira de empregar os recursos públicos em benefício da totalidade da sociedade.

Sancionei ontem, por exemplo, a lei que cria a Universidade Tecnológica do ABC paulista e, na próxima sexta-feira, será a vez da Universidade do Recôncavo Baiano, da Universidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul; da Universidade de Viçosa, em Minas Gerais; e de Medicina, em Uberlândia.

Além disso, estamos criando outras 32 extensões de universidades, ou seja, levando cada vez mais para o interior do país universidades federais que, em sua maioria, estão localizadas nas capitais ou em pólos regionais, como Pelotas e Santa Maria.

É o caso das que estamos anunciando hoje aqui, de Bagé e mais nove cidades. Mas é o caso também das extensões que estamos implantando, por exemplo, no meu estado de Pernambuco, levando a Universidade Federal, localizada no Recife, para Garanhuns e Caruaru. E dizer para vocês que é importante também saber que nós estamos levando a Universidade Federal para uma das regiões mais pobres do país, que é a cidade de Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, no estado de Minas Gerais. E nós estamos levando as



extensões federais porque nós entendemos que atrás de uma universidade vai o conhecimento, vai a possibilidade do desenvolvimento, vai a geração do emprego e vai a formação de gente pobre que nunca sonhou em fazer universidade. Todo esse processo exigirá contratações para as novas universidades públicas e para as atuais de mais de seis mil docentes.

Quero afirmar para vocês que, se Deus quiser, todas as regiões do Brasil vão receber extensões de universidades federais. Vamos transformar cada universidade federal de um estado, que está na capital ou numa cidade pólo, numa ramificação que possa levar possibilidade de ensino às cidades médias brasileiras e, de preferência, aos lugares mais pobres do nosso país. É o caminho que estamos trilhando para fazer com que as nossas cidades – mesmo as pequenas e médias – possam concretizar o seu potencial de desenvolvimento. Tudo isso traduz o nosso compromisso programático com o fortalecimento e ampliação do ensino público no Brasil.

Tenho certeza de que os jovens brasileiros, principalmente os mais pobres e que vivem em regiões remotas, estão mais esperançosos e confiantes de que, um dia, poderão ter uma universidade na sua região.

Outra realização de grande destaque nessa revolução educacional que estamos fazendo no nosso país é o Programa Universidade Para Todos, o ProUni, uma bela iniciativa do companheiro Tarso Genro e de sua equipe.

Existia um problema histórico no país. Milhares de jovens que concluíam o 2º grau, prestavam o vestibular, eram aprovados e quando iam fazer sua matrícula se defrontavam com um problema incontornável: não tinham como pagar a matrícula e, muito menos, como pagar a mensalidade.

Os cursos universitários, vocês sabem, normalmente custam muito além daquilo que as pessoas podem pagar, às vezes 800, 900, 1000 reais. E esses jovens, depois do sacrifício para passar no vestibular, eram obrigados a abandonar os estudos porque não tinham condições de arcar com suas despesas.



O que nós fizemos? Fizemos um acordo com as universidades privadas do Brasil. Em troca da isenção de alguns impostos, as universidades oferecem o valor correspondente em vagas para novos alunos. Só este ano já são 112 mil novos alunos nas universidades brasileiras, a maioria da periferia das grandes cidades, jovens que freqüentaram a escola pública e que não tinham condições de chegar à universidade. Em quatro anos, a expansão da universidade pública e o Prouni poderão beneficiar 760 mil novos alunos que terão acesso à educação superior. Além disso, oferecemos quotas para negros e índios, vítimas históricas da discriminação em nosso país.

Nosso governo está também construindo 32 novas escolas técnicas no país, para que tenhamos pelo menos uma delas em cada região brasileira. Assim, quem terminar o 2º grau e não puder fazer a universidade, ou ao terminar a 8ª série, poderá entrar num curso profissional, integrado ao ensino médio, e adquirir uma profissão e ampliar suas chances de obter um bom emprego.

No início de junho passado, enviamos ao Congresso Nacional o Projeto de Emenda Constitucional que cria o Fundeb, um sistema de financiamento muito mais abrangente do que o existente hoje, que vai atender não apenas o ensino infantil, mas também a educação fundamental e o ensino médio.

Penso que é preciso dar muita atenção a essa iniciativa. O Fundeb prevê o aumento progressivo de recursos para a educação, atingindo, ao final de quatro anos de transição, 4 bilhões e 300 milhões de reais. Esses recursos vão beneficiar, além das crianças e adolescentes que já estudam no sistema público, mais 17 milhões de jovens em todo o território nacional.

Quando o Brasil tiver mais jovens formados em universidades e escolas técnicas, mais engenheiros, mais médicos, mais arquitetos, mais técnicos em computação e muitos outros profissionais, certamente em veterinária também, certamente deixaremos de ser um país em vias de desenvolvimento e, definitivamente, seremos um país desenvolvido.



Minhas amigas e meus amigos,

Está parecendo o “Analista de Bagé”, aí, gritando...

Minha presença aqui na querida Bagé reafirma, mais uma vez, o compromisso de nosso governo com a educação pública de qualidade, e o nosso empenho em continuar trabalhando, não só em parceria com as comunidades locais como também com estados e municípios de todo o país.

Os projetos que tive o prazer de assinar aqui hoje, repito, representam um futuro muito mais promissor para a universidade pública e a população da Metade Sul do nosso querido estado do Rio Grande do Sul.

Meus amigos e minhas amigas, ministro, governador, prefeito, deputados, meus companheiros e minhas companheiras,

Eu vou dizer para vocês porque durante a campanha eu disse que era preciso um presidente que, quem sabe, não tivesse a formação universitária, como eu não tenho, para investir na educação que este país precisava. Por uma razão simples: muitos de vocês já sabem – eu digo sempre que posso – sou filho de pai e mãe analfabetos. Fui o primeiro, de uma família de oito irmãos, a aprender uma profissão. Aliás, fui o primeiro a ter o diploma primário, fui o primeiro a ter uma profissão. E, por conta dessa profissão, fui o primeiro a ganhar mais que um salário mínimo. Por conta dessa profissão eu pude conquistar a minha cidadania, trabalhar numa empresa grande, freqüentar o sindicato, aprender a ser sindicalista e virar Presidente da República.

Pois bem, eu tenho consciência do que representa a educação na vida do ser humano, mas tenho mais consciência do que representa a educação na parte mais pobre da população. Alguns – e Deus queira que a gente tenha muitos – podem escolher até estudar fora do país, e é bom que possam. Outros podem estudar, fazer pós-graduação fora do país, é importante que a gente tenha muitos, porque nós precisamos de mais doutores neste país, precisamos de mais inteligência, de mais conhecimento. Mas a grande maioria, que não tem esperança de fazer pós-graduação na Sorbonne ou em qualquer





outra universidade famosa, que não tem essa oportunidade, e que até agora não tem essa pretensão, não é menos inteligente do que aqueles que têm.

Possivelmente, o que está faltando para essa parte mais pobre é uma palavra mágica chamada “oportunidade”. E cabe ao Estado brasileiro criar oportunidade para que todos, independentemente da origem social, da cor, do sexo ou do credo religioso possam ter acesso à educação de qualidade, para que possam disputar as mesmas vagas, nos melhores cursos deste país e cursos espalhados pelo mundo afora.

Por isso, meu companheiro Tarso Genro, eu não poderia terminar o meu discurso sem agradecer o trabalho dignificante que você fez, junto ao Ministério da Educação, para o povo brasileiro. E mais ainda, Tarso: eu não poderia deixar de agradecer à competente equipe que você conseguiu montar, porque, certamente, você sozinho não daria conta da revolução que vocês fizeram nessa Pasta.

Vocês podem ficar certos de uma coisa: nós estamos vivendo momentos importantes: por um lado, o estado do Rio Grande do Sul sofre, por conta de uma seca que há 60 anos não acontecia. Outras regiões do país crescem, como o Amazonas, 18%. A indústria cresce. O saldo é muito positivo.

Mas, ao mesmo tempo, estamos vivendo uma crise política. É um tal de disse que disse, que eu não sei como é que vocês estão se sentindo. Eu me sinto indignado. Primeiro, porque nasci e vou morrer favorável a que todas as denúncias de corrupção, sejam no governo ou fora do governo, sejam apuradas na sua plenitude.

Segundo, porque todos aqueles que cometeram erros, sejam do meu partido ou de outros partidos, sejam católicos ou evangélicos, sejam homens ou mulheres, se cometerem erro, têm que pagar pelo erro que cometeram.

Terceiro: nesses últimos 20 anos não há um único momento na história do Brasil em que a ação do governo foi tão forte para prender corruptos. Peguem a imprensa, peguem de 1980 até a minha posse, para saber se a



Polícia Federal, nos últimos 20 anos, prendeu pelo menos metade das pessoas que prendeu nesses últimos três anos. Porque eu estou convencido que a corrupção no Brasil, e em outros países, é a razão de uma parte da pobreza do nosso povo. Se o dinheiro chegasse onde tem que chegar, na mão do povo que precisa, certamente nós já teríamos dado um salto de qualidade.

A única coisa que eu digo sempre: eu não faço julgamento precipitado. Eu acho que com a inteligência dos nossos investigadores, a gente precisa investigar, ir a fundo, seja o Congresso Nacional, na CPI; seja o Ministério Público ou a Polícia Federal, é preciso que a investigação seja feita dando às pessoas a oportunidade de defesa para que a gente possa não cometer erros.

Eu, da mesma forma que sou contra a pena de morte, sou contra a condenação *a priori* de qualquer pessoa. Vamos investigar, apurar, e somente os culpados terão que pagar. E os nomes de inocentes, que foram manchados pela imprensa do Brasil inteiro, alguém vai ter que pedir desculpa, porque neste país se aprendeu apenas a crucificar e a não pedir perdão quando se comete erros com muita gente neste país.

Quero dizer aos meus companheiros de Bagé que saio desta reunião, um pouco maior do que uma simples reunião, alegre. Olhando na cara de cada mulher, de cada criança, que está gritando pelos seus cursos. Não parem de gritar, porque se o silêncio resolvesse o problema deste país, nós tivemos 20 e poucos anos de autoritarismo, onde o silêncio era profundo e não resolveu o problema do país. Portanto, no meu governo, se tem uma coisa que vocês não vão ouvir de mim, nunca, é que parem de gritar e parem de reivindicar. Reivindiquem, briguem, defendam os seus direitos, porque somente com a sociedade em ebulição, somente com a sociedade se manifestando é que a gente vai construir este país verdadeiramente democrático, este país sem corrupção e este país onde o dinheiro público seja devolvido de forma justa, em benefício de toda a população.

E quero terminar dizendo uma coisa para vocês, que eu vou fazer



questão de dizer em todos os lugares do mundo: sou filho de mãe e pai analfabetos e o único legado que eu tenho na minha vida é a vergonha na cara. É o único legado que eu tenho na minha vida. E isso eu passei para os meus filhos, e isso é que eu quero que aconteça neste país.

Eu aprendi na minha vida que, muitas vezes, eu tive vontade de fazer coisa errada quando era moleque, e sabia que se eu fizesse, chegava em casa e a minha mãe, por mais necessidade que tivesse, era a primeira a me repreender.

Hoje, eu não tenho mais minha mãe, hoje eu tenho a minha consciência e milhões de brasileiros que confiaram em mim. E é em nome dessa confiança que eu prometo a vocês: se depender de mim não haverá corrupção neste país, quem sabe, num curto espaço de tempo.

Muito obrigado, gente. Parabéns a Bagé. Parabéns ao ministro Tarso Genro. Parabéns a todos vocês que contribuíram para que a gente pudesse trazer o ensino superior para essa metade Sul do Rio Grande do Sul.

Até outro dia, se Deus quiser.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia alusiva à visita às novas unidades de produção da Refap**

**Canoas-RS, 28 de julho de 2005**

Meu caro Germano Rigotto, governador do estado do Rio Grande do Sul,

Meu caro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,

Meu caro Alfredo do Nascimento, ministro dos Transportes,

Meu caro Tarso Genro, ministro da Educação,

Meus caros deputados federais, não sei se estão todos aqui, Paulo Pimenta, Maria do Rosário, Marco Maia, Henrique Fontana, Adão Pretto. Se tiver mais parlamentares, meus cumprimentos,

Meu caro Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu caro Jurandir Marques Maciel, prefeito em exercício de Canoas,

Meu caro Fogaça, eu não sabia que tinha José Fogaça, eu achava que era só Fogaça, prefeito de Porto Alegre,

Meu caro Hildo Francisco Henz, diretor-presidente da Refap,

Meu caro João Carlos de Luca, presidente da Repsol,

Meu caro José Luiz Gomes, companheiro presidente do Sindicato dos Petroleiros do Rio Grande do Sul,

Meu caro Quintino Severo, presidente estadual da CUT,

Meus companheiros funcionários da Petrobras,

Meus caros companheiros das empresas prestadoras de serviços da Petrobras,

Minhas caras companheiras,

O difícil, prefeitos que estão presentes aqui, secretários de estado, secretários municipais, de trazer um discurso por escrito, quando você tem



antes de você, as pessoas da Petrobras falando, é que os meus números já se exauriram, porque eles já falaram todos os números. Mas não é preciso nem ler um discurso. De vez em quando falar com o coração, falar com a consciência, é melhor do que ler um discurso.

Eu queria aproveitar para dizer aos companheiros da Petrobras, do presidente, José Sérgio Gabrielli, ao mais humilde dos funcionários que trabalham nesta casa, que eu tenho vários motivos para ter orgulho do que nós fizemos na Petrobrás nesses 30 meses que estamos no governo.

Possivelmente, José Sérgio Gabrielli, o discurso do nosso companheiro José Eduardo Dutra, na despedida dele, devesse ser distribuído a todos os funcionários da Petrobras, porque, no Brasil, de vez em quando se estabelece paradigmas negativos contra determinadas pessoas e depois, os que estabeleceram paradigmas, quando erram, não têm humildade para pedir desculpas pelo erro que cometeram.

Quando essa extraordinária empresa, a Petrobras, foi pensada, não faltaram, neste país, editoriais dizendo que a construção da Petrobras era mais uma megalomania dos políticos brasileiros, do governo brasileiro; era mais uma empresa de cabide de empregos, porque o Brasil não tinha que se meter a fundar uma empresa como a Petrobras. Aquelas pessoas azedas, aquelas que estão sempre torcendo para acontecer uma desgraça para terem razão, aqueles que passam 24 horas por dia acreditando que as coisas não têm que dar certo, não podem dar certo, porque senão alguém vai ganhar politicamente com isso. E eu acho que a melhor resposta não é um discurso, é a própria dimensão desta que é uma das mais extraordinárias empresas do mundo, que é a nossa Petrobras. Ela é a resposta.

O grau de inteligência acumulada na Petrobras, o grau de conhecimento da sua engenharia, dos seus técnicos, a capacidade de disputar com qualquer outra empresa do mundo, em qualquer lugar do mundo, fazer prospecção em águas profundas com mais de 4, 5 mil metros de lâmina de água e, depois,



mais 4, 5 ou 8 para debaixo da terra, fez da Petrobras um centro, não de funcionários, mas fez da Petrobras um centro de excelência, motivo de orgulho para todos nós, e eu, com este blusão que ganhei de presente, faço parte desse grupo de excelência da Petrobras.

É importante lembrar que, nesses 30 meses e pouco de governo, trinta meses e alguns dias, o nosso companheiro José Eduardo Dutra, também ligado ao setor petroquímico, que deixou a Petrobras porque quer ser candidato ao Senado no próximo ano, anistiou aproximadamente 600 trabalhadores da Petrobras que tinham sido mandados embora ou perseguidos desde 1990, companheiros que tinham sido perseguidos porque tinham feito greve.

Esses companheiros, segundo o José Eduardo Dutra – já dá mais de 600 companheiros – foram readmitidos e, se Deus quiser, no nosso governo, nós vamos tentar readmitir mais companheiros que foram perseguidos, porque é impensável alguém ser perseguido porque fez uma greve para reivindicar melhores condições de salário. Esse é um motivo de orgulho.

Outro motivo de orgulho, governador Rigotto, foi o que nós passamos na campanha de 2002. Eu fui ao Rio de Janeiro e levantei a tese de que nós iríamos construir as plataformas aqui no Brasil. O ex-presidente da Petrobras, na época, chegou a fazer matéria paga em alguns jornais brasileiros dizendo que aquilo era demagogia, que o Brasil não tinha condições de construir plataformas aqui.

Fui aos trabalhadores da indústria naval do Rio de Janeiro, fui aos empresários da indústria naval do Rio de Janeiro, fui aos engenheiros da Petrobras e abrimos uma discussão. O companheiro Pingueli Rosa teve um papel muito importante nessa disputa. E ficamos naquela disputa eleitoral, “pode ou não pode”, e a Petrobras dizia, pela sua direção naquela época, que ficava mais barato encomendar a plataforma na Noruega, que tinha mais condições de fazer. Pois bem. O dado concreto é que não apenas ficou



provado que a gente tinha competência para fazer as plataformas aqui, como estamos fazendo.

Ficou provado mais: a Nuclep era uma empresa que estava praticamente fechada. No governo passado, houve quem tentasse vender a Nuclep para a Souza Cruz, para produzir cigarro. Eu estive recentemente na Nuclep e é uma empresa que já estava criando mato dentro porque não tinha trabalhadores. Hoje, já está aproximadamente com 1.600 trabalhadores. Meninas de 17, 18, 19 anos, meninos aprendendo uma profissão e, se Deus quiser, a Nuclep será parceira do grande desenvolvimento da indústria naval brasileira e do grande desenvolvimento das coisas de que a Petrobras tanto precisa e tanto vai financiar.

Então, a construção das plataformas, aqui, é como se fosse um filho meu que tivesse desaparecido e que eu o tivesse encontrado. Ou seja, por que provar que este país, em se tratando de engenharia, não deve nada a nenhum país do mundo? E quero dizer aqui, governador, discursos que eu ouvi pelo mundo afora, de empresas multinacionais que fazem pesquisas para saber a qualidade dos seus trabalhadores, nos mais diferentes países em que elas se encontram, e o resultado é um só, o trabalhador brasileiro é mais criativo e mais produtivo. E isso vale para quase todas as empresas multinacionais que estão aqui e que têm filiais ou matrizes em outros países.

Portanto, essa empresa agora, com a construção dos estaleiros, com as encomendas dos navios, e vou dizer mais companheiro, nós precisamos recuperar a nossa Marinha Mercante, porque a gente não pode ficar tendo um déficit na balança comercial de quase 8 bilhões por conta do frete. Nós precisamos voltar a ter orgulho de ter navio brasileiro, de bandeira brasileira, transportando para fora e trazendo para cá as coisas que nós precisamos comprar. E aí sim, a indústria naval brasileira vai recuperar o prestígio que ela já teve, porque já foi a segunda do mundo e, por que não dizer, a gente pode até disputar com qualquer país e, quem sabe chegarmos a ser a primeira.



Se não tivermos condições de fazer sozinhos, vamos fazer parcerias com a Argentina, fazer parcerias com a Venezuela, fazer parcerias com os países que têm necessidade, que são obrigados a comprar de fora e poderemos construir, quem sabe, grandes estaleiros para produzir não apenas para as necessidades da Petrobras ou da economia brasileira, mas produzir para o mundo inteiro. Então, este é o motivo do orgulho que eu tenho da Petrobras e tenho do meu governo nesses 30 meses.

Um outro motivo de orgulho, meu caro companheiro da CUT e do Sindicato, é que em 30 meses e poucos dias, nós estamos ensinando algumas pessoas, cheias de preconceito, que nós somos capazes de resolver um dos graves problemas deste país. De 1992 a 2002, a média mensal de empregos criados neste país, com carteira profissional assinada, era de apenas 8 mil e 38 empregos. Eu estou falando de 1992 até 2002. Eu estou falando de 10 anos em que a economia brasileira esteve estagnada e se criava, neste país, apenas 8 mil empregos mensais com carteira profissional assinada. Nesses 30 meses de governo, já criamos 3 milhões, 135 mil empregos de carteira profissional assinada, perfazendo uma média mensal de 104 mil empregos com carteira profissional assinada.

Algum dia, algum economista, quem sabe amigo do José Sérgio Gabrielli, vai escrever um estudo sobre geração de emprego e vai poder dizer que para cada emprego formal que a gente cria, você cria 1,2 empregos informais. Portanto, o número de pessoas que adentraram o mercado de trabalho nesses 30 meses é infinitamente superior a tudo que entrou no mercado de trabalho de 1992 a 2002. E isso só pôde acontecer porque a economia brasileira está se recuperando, não com a rapidez que todos nós queremos, eu digo sempre: quando a minha mulher ficou grávida, eu não tinha paciência para esperar nove meses para o meu filho nascer, se pudesse ele nasceria no em que ela falou que estava grávida, mas aí não seria um nascimento, seria um aborto e eu perderia a minha criança.





A economia brasileira, nós tivemos que tratá-la com o cuidado que precisa ser tratada, sem a pressa e o ufanismo com que, muitas vezes, alguém quer que a gente trate, porque nós somos, ainda, uma economia muito vulnerável, temos ainda problemas sérios e não podemos brincar nessa parte, para que a gente não tenha um retrocesso, porque um retrocesso leva anos e anos para a gente recuperar. Não se recupera num dia, leva-se anos e, às vezes, não se recupera.

É por isso que nós tivemos a década perdida, que foi a década de 90. Depois nós tivemos a década de 80 a 90, em que também não foi feita muita coisa neste país. Por quê? Porque o Brasil ficou sempre apostando que iria aparecer um mágico e que iríamos tirar um economista do bolso, da cartola, não sei de que, ou da cartola não sei de onde, e aquele economista iria fazer um plano que salvaria o país. Todos, historicamente, que tentaram fazer mágica com a economia brasileira quebraram a cara, porque uma coisa é a mágica acadêmica, outra coisa é praticidade do mercado e da sociedade brasileira, que trabalha com muito mais objetividade e com muito mais concretude.

E hoje eu posso dizer para vocês: o que incomoda muita gente neste país é que nós não fizemos nenhuma loucura. O que incomoda alguns adversários é que eles imaginavam que este país iria quebrar no ano de 2003, e, ao invés de quebrar, em 2002 tinham sido investidos na Refap apenas 490 milhões de reais e, já em 2003, por orientação do presidente da Petrobras, nós colocamos, aqui na Refap, 1 bilhão e 109 milhões de reais; em 2004, 998 milhões de reais. É por isso que a gente vai ter o prazer de inaugurar o final dessa obra no final deste ano, porque acreditamos que não dava para ficar como se estivéssemos tomando soro na base do conta-gotas, uma coisinha ali, uma coisinha aqui. Se é para fazer, vamos fazer. É por isso que foi jogado muito dinheiro nos últimos dois anos, que é para a gente acabar, que é para a gente terminar.



Esse acerto do nosso comportamento incomoda algumas pessoas, “afinal de contas, puxa vida, vem esse tal de Lula aí, ele só tem um curso do Senai, e nós passamos tantos anos na faculdade, governamos este país e não conseguimos fazer. Por que ele está fazendo o que nós não conseguimos fazer?” Eu não quero ficar fazendo muita comparação. Eu digo todo dia o seguinte: eu quero que termine o meu mandato para fazer uma comparação entre o que aconteceu no meu governo e o que aconteceu nos outros governos.

Na área da educação, por exemplo, nós estamos construindo três universidades federais novas neste país, nós estamos fazendo 31 extensões de universidades federais que, normalmente, estão nas capitais ou nas cidades-pólos, para o interior deste país. Até Garanhuns, minha terra natal, ganhou uma extensão da Universidade Rural de Recife.

Ontem, nós fomos a Bagé anunciar uma extensão para várias cidades da região, é por isso que fizemos uma festa maravilhosa ontem, lá.

Estamos levando extensão da Federal de Minas Gerais para o Vale do Mucuri, para Teófilo Otoni, que é uma das regiões mais pobres deste país, onde jamais algum cristão pensou que iria ter uma extensão da Universidade. E vai ter, porque a universidade brasileira é para que todos tenham oportunidade de estudar e não apenas para uma parcela pequena da sociedade brasileira.

Da mesma forma, já decidimos construir mais 32 escolas técnicas neste país. Pelo menos uma em cada região. E mandamos para o Congresso Nacional uma mudança constitucional criando o Fundeb, que vai ser a grande revolução na educação brasileira, que vai incorporar, a partir de 2008, mais 4 bilhões e 300 milhões no Ministério da Educação, por ano, a partir de 2008. E o Fundeb é a possibilidade que nós temos de fazer com que o Norte e o Nordeste brasileiro tenham a oportunidade de se igualar ao chamado Centro-Sul brasileiro porque nós, com o Fundeb, vamos garantir que o Nordeste



brasileiro possa melhorar substancialmente a qualidade da educação oferecida ao povo brasileiro e garantir que as crianças brasileiras, ao terminarem o ensino fundamental, tenham oportunidade de fazer o 2º grau ou fazer um curso técnico, e tenham oportunidade de chegar à universidade.

Por isso, o companheiro Tarso Genro está deixando o Ministério amanhã e vai assumir no lugar dele um companheiro que eu nem trouxe aqui, que é o nosso companheiro Fernando Haddad, que já trabalha com o companheiro Tarso. Construíram juntos essa revolução na educação brasileira e, certamente, nós vamos colher os resultados. Nós não, o povo brasileiro vai colher os resultados disso como colheu o resultado do ProUni.

Quando nós anunciamos o ProUni, no ano passado, diziam para nós: “é uma loucura, isso não dá certo. Como é que vocês vão inventar isso, esse Tarso nem educador é, esse Fernando Haddad não é nem educador, eles são advogado e economista. Nunca.” Pois bem, o ProUni no primeiro ano conseguiu 112 mil novos universitários estudando neste país. Normalmente, crianças da escola pública brasileira e, normalmente, crianças da periferia deste país. Era impossível e foi criado. E qual foi a mágica? Nós fizemos isenções de alguns impostos para as universidades particulares e, em troca dessa isenção, elas nos deram o equivalente à isenção, com vagas para as nossas crianças. Se Deus quiser chegaremos, dentro de quatro anos, com 320 mil novas vagas nas Federais novas e nas extensões que estamos fazendo, e com 400 mil vagas no ProUni, ou seja, nós estaremos criando aproximadamente 760 mil novas vagas nas universidades brasileiras, além das 124 que tradicionalmente existem no país.

E, isso, não precisa ter diploma universitário para saber. O que eu sei é que nenhum país do mundo foi para a frente sem antes ter acreditado na formação da sua gente, sem antes ter investido na educação, sem antes ter investido na formação profissional, na qualificação da sua mão-de-obra, para que a gente seja cada vez mais competitivo, e para que sejamos cada vez mais



respeitados.

É este país, acompanhado de políticas sociais fortes, que algumas pessoas não querem. Já houve gente no Brasil que afirmou: nós não temos que pensar em governar o Brasil para 180 milhões de brasileiros, nós temos que governar para os 35 ou 40 milhões que estão no mercado. Ora, meu Deus do céu, um governo tem que governar exatamente para aqueles que não estão no mercado porque, para aqueles que já estão no mercado, o mercado resolve, mas para aqueles que estão marginalizados é que o Estado tem que se colocar à disposição deles.

É por isso que nós saímos de 2 bilhões de contratos no Pronaf de 2002/2003, para 6 bilhões e 100 milhões na safra 2004/2005. E estamos pulando para 9 bilhões de reais na safra 2005/2006. É por isso que o Bolsa Família chegará, em dezembro deste ano, a 8 milhões e 700 mil famílias, com 7 bilhões. É por isso que nós saímos dos benefícios pagos com o salário mínimo, de 98 bilhões para 165 bilhões, em 30 meses. É por isso que nós criamos o crédito consignado que, só no ano passado, colocou no mercado 16 bilhões e meio de reais para que as pessoas possam tomar dinheiro emprestado a juros mais baratos, possam comprar sem os juros das lojas e possam comprar até à vista sem precisar ser achacados por agiotas, como normalmente o povo trabalhador é, quando precisa de um empréstimo bancário.

Essas coisas não estavam nos manuais, essas coisas estavam mais no coração do que nos manuais. E eu me lembro que, um dia, no Acre, eu falei: não é possível um governante governar apenas com a sua consciência, um país como o Brasil, com as dificuldades do Brasil, nós temos que governar com a nossa sabedoria, mas temos que governar com a nossa sensibilidade, e a sensibilidade nossa, ela vem daqui. A gente, cada vez que tiver que discutir um dinheiro, em que a gente normalmente utiliza a palavra gasto, nós temos que discutir se aquilo é gasto ou investimento, porque política social não é gasto, é



investimento, porque política educacional não é gasto, é investimento.

Então, meus companheiros, quero dizer à Direção da Petrobras, ao povo da Petrobras, que houve um tempo em que falavam que o Brasil só tinha para mostrar ao mundo carnaval e futebol. Agora a gente continua tendo carnaval, futebol cada vez melhor, e a gente agora tem a Petrobras. Tem um outro quesito para a gente mostrar lá fora. E as conversas que eu tinha com o presidente da Petrobras era o seguinte, José Eduardo: você pare de pensar como uma corporação da Petrobras, nós não podemos ter a Petrobras como se fosse a luxúria do país e o país pobre. É preciso que a Petrobras seja o símbolo deste país e que a gente trabalhe para que a sociedade brasileira possa sentir, na Petrobras, uma ramificação que vai contribuir para melhorar a vida do povo brasileiro.

Daí essa quantidade de investimentos, não é apenas aqui não. Sábado passado eu fui na Reduc, é mais 1 bilhão de investimentos na Reduc. Na Replan, são mais 700 e poucos milhões. É gasoduto, é ligando Quari/Manaus, que é uma reivindicação histórica; é ligando Campinas ao Rio de Janeiro; é o Gasene, ligando o Nordeste brasileiro ao Centro-Sul do país, porque neste país houve um tempo em que se fez termoelétrica e se esqueceu que se precisava de gás. Agora nós temos que correr e levar o gás porque, podem ficar certos, não haverá mais “apagão” neste país, poderá haver a queda de uma rede, aí tem acidentes que podem acontecer, mas “apagão”, por incompetência governamental de não fazer, porque tudo isso é investimento de longo prazo – a gente não pensa uma hidrelétrica hoje e a constrói hoje, a gente pensa hoje para que dê resultado daqui a 10 anos.

É por isso que eu digo sempre que a mediocridade de um político é não pensar na Nação, mas só pensar na próxima eleição. Nós temos que ter projetos de longo prazo e é isso que nós estamos tendo.

Por isso, eu quero dizer a todos vocês, a Petrobras já está atingindo a sua auto-suficiência, nós queremos que ela seja uma grande exportadora de



petróleo. Nós introduzimos no Brasil o biodiesel que será uma revolução tão importante quanto o Pró-álcool, possivelmente mais importante do que o Pró-álcool neste momento histórico por conta do protocolo de Quioto e por conta da necessidade que o mundo tem de poluir menos o planeta. Esse biodiesel vai resolver alguns problemas no Brasil, primeiro do semi-árido nordestino, porque vai ser produzido da mamona e vai gerar emprego para aquelas famílias mais pobres do país, vai resolver o problema do Norte do país, porque as pessoas vão poder produzir o biodiesel do dendê e, possivelmente, venha a resolver o problema, aqui do Sul do país, porque quando tiver escala, uma parte desse biodiesel será produzida da soja e, ao invés do povo comer soja transgênica, a gente faz biodiesel da transgênica, que não tem nenhum problema, o carro não vai rejeitar, não tem nenhum problema, e a gente vai comer a soja boa.

Por tudo isso, gente... eu quero me despedir de vocês. Ainda temos alguns meses para governar este país e podem ficar certos, eu digo todo dia, em todo lugar, a única coisa que eu quero, no dia em que eu deixar o mandato, é poder chegar aqui, ou em qualquer outro lugar, e ser tratado como sou tratado hoje, como companheiro. A coisa que me dá mais orgulho não é alguém me chamar de Presidente, tem gente que precisa desse *status*, tem gente que se recusa não ser chamado de Presidente, coloca no protocolo: tem que chamar de Senhor Presidente, Vossa Excelência. Eu sinto mais orgulho de ser chamado de companheiro Lula, é assim que eu prefiro ser chamado neste país.

Muito obrigado e boa sorte a todos vocês.



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de apresentação da proposta do Projeto de Lei de Educação  
Superior e posse do ministro de Estado da Educação, Fernando Haddad  
Palácio do Planalto, 29 de julho de 2005**

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República e  
ministro da Defesa,

Meu caro mais novo ministro da República, Fernando Haddad,

Meus companheiros ministros e ministras,

Meu querido companheiro Tarso Genro,

Reitor Oswaldo Baptista Duarte Filho, presidente da Associação  
Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior,

Magníficos reitores,

Meu querido Petta, presidente da União Nacional dos Estudantes, a  
quem terei de presentear com uma gravata para outros eventos,

Senador Eduardo Suplicy,

Senador Wellington Salgado,

Deputados Antônio Carlos Biffi, Carlos Mota, Colombo, João Grandão,  
Odair Cunha, Rogério Teófilo, Paulo Pimenta,

Minha querida companheira Emília Fernandes, que está nos visitando,

Prefeitos presentes aqui,

Funcionários do Ministério da Educação – espero que não tenham vindo  
todos para cá, Tarso, porque senão teremos que descontar um dia, aí...

Funcionários do Ministério da Educação,

Educadores brasileiros,

Cientistas,

Meus amigos e minhas amigas,



Não temos o hábito de fazer discurso de posse a cada vez que se troca um ministro. Mas eu acho que essa cerimônia não é a simples troca de posse de um ministro, é a entrega de um projeto de reforma universitária que, quero reafirmar o que foi dito pelo ministro Tarso Genro, não é uma proposta de reforma do governo, é uma proposta de reforma da sociedade, da academia brasileira, dos estudantes brasileiros, das entidades representativas das universidades brasileiras. E vocês cumpriram apenas a primeira etapa da reforma universitária, que foi construir o esboço do projeto.

Penso que o passo seguinte dessa reforma universitária é o ministro Fernando Haddad, junto com os reitores, se possível de todos os reitores das universidades federais, se possível junto com as equipes ou com os representantes das entidades que trabalharam esse projeto; a partir da próxima semana, marcar audiência com cada partido político, dentro do Congresso Nacional, não apenas com o líder, mas com cada bancada representada no Congresso Nacional, e fazer, para cada bancada, a apresentação da proposta do projeto.

E um conselho: não conversem apenas com os líderes ou com um representante da bancada, porque poderão incorrer no equívoco de discutir com um deputado que não é o que mais entende de educação naquela área das universidades brasileiras.

Portanto, é preciso comprometer o conjunto da bancada e, depois que isso for feito, eu penso que nós temos que trabalhar com muita urgência, para que tanto a reforma universitária quanto o Fundeb sejam votados o mais rapidamente, dentro do Congresso Nacional. Há as condições para isso. Eu acho que há vontade política dos deputados e, portanto, esse é o passo importante na nossa tão sonhada reforma universitária.

Mas esta cerimônia, ela é especialmente significativa para o nosso governo, e dela eu participo com muita emoção, não apenas pela despedida de um companheiro, pela entrada de outro, como também pelas assinaturas que





fiz, de novos campi, de novas universidades, e também pelo Projeto de Reforma Universitária.

O companheiro Tarso Genro deixa o Ministério da Educação para assumir nova, honrosa e desafiadora missão. Assume, em seu lugar, o companheiro Fernando Haddad, até agora secretário-executivo do próprio MEC e, portanto, membro da equipe que o ministro Tarso montou e que, com ele, vem fazendo uma verdadeira revolução na educação brasileira.

Além disso, esta cerimônia é marcada pela entrega à Presidência da República da terceira versão, espero que paremos na quarta, do anteprojeto de reforma universitária. Esse anteprojeto é um símbolo, não só do excelente trabalho que vem sendo realizado no Ministério da Educação, mas do padrão das políticas públicas que tem sido uma das características mais importantes do nosso governo. Falo da ampla interlocução com os mais diversos setores da sociedade, sempre na busca de maior inclusão e justiça social.

Minhas amigas e meus amigos.

Já tenho agradecido publicamente ao companheiro Tarso Genro, em meu nome e em nome do povo brasileiro, pelo esplêndido trabalho que fez no Ministério da Educação, juntamente com sua equipe. O novo ministro, que hoje assume, o companheiro Fernando Haddad, é um dos artífices de nossa política educacional com ampla e profunda formação. Bacharel em Direito, mestre em Economia, doutor e professor de Ciência Política, com larga experiência administrativa. E mais, assume com forte apoio das lideranças acadêmicas, das entidades do setor de educação e de amplos setores da sociedade civil.

O Projeto de Reforma Universitária, que acabo de receber, defende a valorização da universidade pública, a busca da qualidade do ensino e a democratização do acesso à universidade, além de afirmar o ensino superior como um direito, uma universidade pública qualificada e eficiente, capaz de dar conta dos desafios fundamentais da nossa sociedade hoje e no futuro. Um dos objetivos propostos do novo projeto, ambicioso, mas alcançável, é elevar de 25



para 40% o número de matrículas em universidades públicas até 2011. Outro objetivo é a aplicação, nas instituições federais de ensino de, no mínimo, 75% da receita constitucionalmente vinculada à manutenção e ao desenvolvimento da educação. E este anteprojeto de reforma universitária, como todos vocês sabem, foi amplamente discutido com representantes de 240 entidades acadêmicas e civis. E mais, no processo, o MEC formulou duas versões, que foram submetidas à discussão pública em dezembro de 2004 e em maio deste ano, sendo enriquecidas e aperfeiçoadas antes de chegar a esta terceira versão.

Minhas queridas e meus queridos companheiros, todos sabemos que o investimento na educação é decisivo para assegurar o desenvolvimento contemporâneo. Desde o início de nosso governo temos nos empenhado fortemente nesse sentido. De 2004 para 2005, o orçamento do MEC aumentou em 3 bilhões e 400 milhões de reais, passou de 17,3 para 20,7 bilhões, ampliando significativamente os investimentos do governo federal na melhoria da educação brasileira. Esse aumento possibilitou a ampliação de programas como Brasil Alfabetizado, Educação de Jovens e Adultos, além de mais investimento nas universidades públicas e no ensino profissional.

Estamos sancionando, hoje, as leis que criam a Universidade Federal Rural do Semi-Árido, a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, a Fundação Universidade Federal da grande Dourados e a Universidade Federal de Alfenas. Nesta semana já havia sancionado a lei da Universidade Federal do grande ABC Paulista. É preciso lembrar que o Brasil ficou toda a década de 90 sem criar uma única nova universidade pública, com exceção de Tocantins, que foi criada no ano 2000.

Estamos criando, também, outras 32 extensões de universidades federais. Isto significa levar o ensino superior que, em sua maioria, está



concentrado nas capitais, para todas as regiões do país, beneficiando, em especial, a população mais pobre do interior.

Vou citar dois casos. No meu estado de Pernambuco, estamos levando a universidade federal e a universidade rural para Garanhuns e Caruaru. Ainda não foi possível levar para Caetés, mas um dia, Caetés vai crescer e vai precisar de uma, pelo menos uma sala de aula para curso superior. Em Minas Gerais, a Universidade Federal de Minas Gerais vai estar presente em Teófilo Otoni. Para quem não conhece, Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, é uma das regiões mais empobrecidas do país, apesar de já ter passado pelo ciclo do ouro, pelo ciclo do café, pelo ciclo do gado, mas a riqueza lá passou como passa em tantos outros lugares do país: chega e desaparece com a mesma rapidez, é uma região muito pobre e nós estamos, portanto, levando a Universidade Federal para lá, beneficiando a população do Vale do Jequitinhonha e a do Vale do Mucuri.

Outra realização, que não me canso de destacar, por sua extraordinária importância social, é o programa Universidade para Todos, o ProUni. Eu me lembro que quando o companheiro Tarso me apresentou o ProUni, eu lembro que não foram poucos os companheiros céticos em relação ao Programa, críticos, não deixaram de existir aqueles que diziam: “mas isso vai beneficiar a universidade privada, isso não é uma coisa que vai beneficiar a educação no Brasil”. O dado concreto é que nós conseguimos, com o ProUni, uma primeira pequena revolução na abertura de vagas para jovens da periferia deste país que não poderiam estar na universidade. Ontem, por exemplo, eu estive no estado do Rio Grande do Sul, Tarso, e me dei conta de que no Rio Grande do Sul foram quase 9 mil jovens que entraram para fazer um curso, este ano, e que estariam fora se não fosse a criação do ProUni. Cento e doze mil jovens, no primeiro ano, é algo significativo, porque até então a nossa renovação era de apenas 124 mil jovens nas universidades federais.

E o que é mais importante é o reconhecimento de que as pessoas mais



pobres têm que ter a oportunidade de chegar à universidade. Não foi neste salão, foi no outro salão, mas eu tive a alegria de viver um momento em que uma menina negra fez o depoimento dela sobre o orgulho de ter conseguido entrar numa universidade particular, lá em São Paulo, onde até então ela só passava na porta, sonhava, e jamais imaginava ter condições de entrar naquela faculdade. Pois bem, por causa do ProUni ela se inscreveu, fez os testes todos que tinha que fazer, fez o vestibular, e hoje ela é uma estudante daquela faculdade em que era o sonho dela estudar. Portanto, Tarso, eu acho que o ProUni vai marcar a tua gestão como, possivelmente, a coisa mais inovadora, que não era fácil. Não era de hoje que tinha muita gente no Brasil discutindo como incluir mais gente em cursos universitários. E eu acho que o ProUni foi uma idéia extraordinária e, se Deus permitir, nós chegaremos a 400 mil alunos nos próximos quatro anos, podendo estudar de graça como se estivessem estudando numa escola pública.

Implantamos essa boa idéia fazendo um acordo com as universidades privadas do Brasil. Em troca de isenção de alguns impostos, as universidades oferecem o valor correspondente em vagas para novos alunos. Só neste ano já são 112 mil novos alunos que tiveram a oportunidade de entrar na universidade, a maioria jovens da periferia das grandes cidades, que freqüentaram escolas públicas. Em quatro anos, a expansão da universidade pública e o ProUni poderão beneficiar 760 mil novos alunos. Além disso, oferecemos cotas visando reparar a dívida histórica da sociedade brasileira com negros e com índios no nosso país.

Pela grande importância do ensino técnico, estamos construindo 32 novas escolas para que tenhamos pelo menos uma delas em cada região brasileira, assim grande parte da nossa juventude terá uma alternativa para adquirir uma profissão e ampliar as suas chances de obter um bom emprego.

Numa cerimônia como esta não poderia deixar de lembrar um dos marcos mais importantes da nossa revolução educacional, que é o projeto de



emenda constitucional que cria o Fundeb. Estamos criando um sistema de financiamento muito mais abrangente do que o existente hoje, que vai atender não apenas o ensino infantil mas, também, a educação fundamental e o ensino médio.

O Fundeb, que enviamos ao Congresso Nacional no início de junho passado, prevê um aumento progressivo de recursos para a educação, atingindo, ao final de quatro anos de transição, mais 4 bilhões e 300 milhões para a educação brasileira. Esses recursos vão beneficiar, além das crianças e adolescentes que já estudam no sistema público, mais 17 milhões de jovens, em todo o território nacional.

Minhas amigas e meus amigos,

Tenho certeza de que o nosso governo está no caminho certo, no que se refere à educação no Brasil. E o significado maior da cerimônia de hoje é de que vamos continuar avançando firmemente nesse processo.

Quero, mais uma vez, agradecer ao ministro Tarso Genro e à sua equipe, desejando ao nosso querido Fernando Haddad pleno sucesso e que continue fazendo as coisas boas que estão fazendo, porque nós aprendemos, na prática do futebol, que em time que se ganha a gente não mexe, deixa ele continuar ganhando.

Queria terminar dizendo a todos vocês que quando eu fui indicar o companheiro Tarso para o Ministério, porque no Brasil nós temos uma deficiência de ficar com a boca fechada, muito grande, então eu me lembro que quando pensei no Tarso, dois ou três dias depois, a imprensa já estava divulgando que o Tarso seria o ministro da Educação. E muita gente obviamente que gostou. Mas tinha muita gente, Tarso, que fazia crítica. Tinha muita gente que dizia: “não, mas você vai colocar o Tarso? O Tarso é advogado trabalhista, ele não é um educador pleno, ele não nasceu e não militou nos bancos, no chão da escola”.

Ou seja, o dado concreto, Tarso, é que a tua passagem pelo Ministério



da Educação – e eu conheço muitos que passaram, muitos – eu vou te dizer uma coisa, a tua passagem pelo Ministério da Educação vai marcar, definitivamente, a história da educação no nosso país. Pode ficar certo.

E há uma coisa importante: possivelmente o sucesso tenha sido o fato do Tarso não ser da corporação. Porque, se ele fosse da corporação possivelmente a pressão fosse muito maior. Eu me lembro da dificuldade que nós tínhamos de fazer reuniões com reitores.

Aliás, é importante lembrar: eu sou o único Presidente da história do Brasil que se reuniu duas vezes com a totalidade dos reitores das universidades públicas federais. É uma coisa que parece pequena mas, antes, os presidentes só se reuniam com representantes dos reitores, das entidades, no máximo com um ou com dois, três já era perigo. E nós nos reunimos e eu disse para o Tarso: quantas vezes os reitores quiserem se reunir para conversar conosco, vamos conversar. Até porque nós somos passageiros, aqui, e a educação é eterna. Nós não temos que ter medo de discutir as coisas que são importantes para o nosso país.

Finalmente, eu acho que o interesse eminentemente corporativo que, muitas vezes, prevalece numa instância de poder público, no país, não foi levada em conta na gestão do companheiro Tarso. E nós pudemos pensar na educação não para quem está ligado intimamente à educação, mas pensar na educação para o povo, pensar na educação para a parte mais pobre do Brasil, porque não é possível que a gente tenha as universidades todas nas capitais, ou nas cidades-pólos.

Por exemplo, o ABC paulista, uma região de 3 milhões de habitantes, a maior renda per capita do país, lá não tinha uma universidade pública, apesar de há 50 anos as pessoas estarem reivindicando. O Vale do Mucuri ou Garanhuns, para não falar de outra cidade, são cidades pobres, mas são cidades importantes na região e, se você leva uma extensão de uma universidade rural, você começa a levar conhecimento, você começa a levar



gente muito graduada, você começa a desenvolver a região, você começa a levar estudante, você começa a criar um pólo de desenvolvimento naquela região a partir de uma universidade.

Por isso, meu querido Tarso, de coração, eu sei que a tarefa que você vai assumir daqui para frente é tão ou mais espinhosa do que a tarefa de ser Ministro da Educação. Eu quero te agradecer pelos serviços prestados a este país e quero dizer, Tarso, que eu não tenho dúvida nenhuma... Quando me comunicou das discussões para assumir uma outra função, eu imediatamente disse para o Tarso: olha, Tarso, eu não quero mexer no Ministério da Educação. Eu quero que tenha continuidade no trabalho e eu gostaria de ficar com o Fernando Haddad no Ministério. Era o que o Tarso queria, juntou a fome e a vontade de comer, e agora estamos já na sobremesa aqui.

Muito obrigado, boa sorte e muito obrigado, Tarso.